

FACULDADE UNIDA DE VITÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

SONIA MARIA CALIXTO CLARINDO

DISSERTAÇÃO

**Identidade AA: Os caracteres de religiosidade na construção do modelo
terapêutico da Irmandade de Alcoólicos Anônimos**

VITÓRIA - ES

2014

FACULDADE UNIDA DE VITÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

SONIA MARIA CALIXTO CLARINDO

**Identidade AA: Os caracteres de religiosidade na construção do modelo
terapêutico da Irmandade de Alcoólicos Anônimos**

Dissertação apresentada à Faculdade Unida de Vitória - FUV,
em cumprimento as determinações legais do curso de pós-
graduação "strictu sensu", mestrado profissional em ciências das
Religiões, como requisito obrigatório para obtenção do título de
mestre.

Orientador: Prof. Ms. Francisco de Assis Souza dos Santos

VITÓRIA - ES

2014

Clarindo, Sonia Maria Calixto

Identidade AA / Os caractere de religiosidade na construção do modelo terapêutico da Irmandade de Alcoólicos Anônimos / Sonia Maria Calixto Clarindo. -- Vitória: UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2014.

vii, 98 f. ; 31 cm.

Orientador: Francisco de Assis Souza dos Santos

Dissertação (mestrado) – UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2014.

Referências bibliográficas: f. 92-98

1. Ciência da religião. 2. AA. 3. Alcoolismo. 4. Espiritualidade. 5. Terapêutica. 6. Poder superior.

- Tese. I. Sonia Maria Calixto Clarindo. II. Faculdade Unida de Vitória, 2014. III. Título.

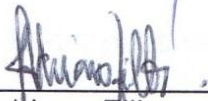
SONIA MARIA CALIXTO CLARINDO

**IDENTIDADE AA: OS CARACTERES DE RELIGIOSIDADE NA CONSTRUÇÃO DO
MODELO TERAPÊUTICO DA IRMANDADE DE ALCOÓLICOS ANÔNIMOS**

Dissertação de Mestrado para obtenção do grau de Mestre em Ciências das Religiões na Faculdade Unida de Vitória no programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões.
Área de Concentração: Religião e Sociedade.



Francisco de Assis Souza dos Santos – Doutorando em Teologia – UNIDA (Presidente)



José Adriano Filho – Doutor em Ciências da Religião – UNIDA



Raquel de Matos Lopes Gentili – Doutora em Serviço Social - EMESCAM

SUMÁRIO

1	CONSIDERAÇÕES INICIAIS	9
2	O MITO FUNDADOR: Um Despertar Espiritual	12
2.1	O Marco Inicial da Irmandade dos AA	17
2.2	Os Pilares Fundamentais do AA	21
2.2.1	As Doze Tradições e Os Doze Conceitos de AA	24
2.2.2	Os Três Legados do AA	25
2.3	Influências Junguiana na Construção do Processo Terapêutico do AA	28
2.3.1	Spiritus X spiritum: Álcool e AA como "Poderes" em Oposição	32
3	ESPIRITUALIDADE x RELIGIÃO x AA: Múltiplos Olhares	37
3.1	Irmandade de AA: Grupos Espiritualista, Religioso ou Irreligioso?	40
3.1.1	Intertextualidade Religiosa na Literatura do AA	43
3.1.2	O Grupo Oxford e sua Influência na Formação do AA	46
3.2	A Noção do Sagrado Sob a Ótica da Irmandade de AA	49
3.2.1	A Marca da Espiritualidade Impregnada no Anonimato	53
3.2.2	A Irmandade do AA Sob a Ótica das Instituições Religiosas	56
4	DO PROCESSO RITUALÍSTICO DA IRMANDADE DO AA	59
4.1	Do Organograma dos Grupos e do Espaço Físico do Salão	62
4.1.1	Da Prática Ritualística da Oração e do Discurso dos Membros	66
4.1.2	Do Rito de Passagem: de Alcoólico a Alcoolista em Recuperação	71
4.1.3	Da Celebração do Aniversário de Sobriedade	76
4.2	Da Relação do AA com a Esfera Pública	77
4.2.1	Do Ponto de Vista da Medicina	80
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	86

REFERÊNCIAS 92

ANEXOS 99

RESUMO

O objeto desta pesquisa tem como foco a análise do fenômeno religioso e a compreensão do processo terapêutico no espaço da Irmandade dos Alcoólicos Anônimos - AA. Estes grupos se apresentam como uma irmandade, a qual busca acolher aqueles que consideram portadores da doença do alcoolismo (doença esta de natureza física, emocional e espiritual), oferecendo-lhes apoio para alcançarem a chamada sobriedade. Neste trabalho busco analisar como os membros dessa Irmandade (denominados *adicto em recuperação*), vivenciam e expressam a sua espiritualidade e quais os resultados dessa expressão entre os seus companheiros de grupo. A recuperação no AA diz respeito ao percurso terapêutico ao qual são submetidos seus participantes, e nesse sentido é um processo a ser administrado por toda a vida, através de um movimento constante que tem como resultado a sua transição de uma vida tida como plena de infortúnios, para uma vida útil e feliz, adquirida por meio da ajuda mútua e pela prática de princípios de conduta considerados como espirituais, onde substituem a dependência alcoólica pela dependência ao chamado “Poder Superior”. Quando o membro de AA se afirma *recuperado* ou *em recuperação* quer comunicar que não ingere mais bebidas alcoólicas, mas que participa da Irmandade, seguindo os preceitos como recomendado, e é neste sentido, que se encontra constantemente sóbrio. Recuperar significa mais do que não ingerir bebidas alcoólicas, pois implica, na condição de alcoólico em recuperação, compartilhar com os demais, as categorias referentes à visão institucional sobre sua nova realidade, e assim, incorporar o AA “como um modo de vida”.

Palavras-chave: AA, alcoolismo, espiritualidade, terapêutica, Poder Superior.

ABSTRACT

The object of this research focuses on the analysis of religious phenomena and understanding of the therapeutic process in the fellowship of Alcoholics Anonymous space - AA. These groups present themselves as a brotherhood, which seeks to accommodate those considering patients with the disease of alcoholism (disease is physical , emotional and spiritual nature), offering them support to achieve the so-called sobriety . In this work I seek to analyze how members of the brotherhood (called recovering addict), experience and express their spirituality and what the results of that expression among their group mates. The recovery in AA is about the therapeutic course to which they are subjected its participants, and in that sense is a process to be administered for life , through a constant motion that results in its transition from a life taken as full of misfortunes for a useful and happy life, acquired through mutual aid and the practice of principles of conduct regarded as spiritual, where they replace alcohol dependence by dependence called "Higher Power ". When the AA member states recovered or recovering wants to communicate that do not ingest more alcohol, but participating in the brotherhood, following the precepts as recommended, and it is this sense that is constantly sober. Recovering means more than not drinking alcohol, as it implies, the condition of recovering alcoholic, share with others, the categories related to institutional vision about his new reality, and so incorporate AA " as a way of life ."

Key-words: AA, alcoholism, spirituality, therapeutic, Higher Power.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus pela sua infinita amabilidade e proteção, e principalmente por me permitir existir e sempre direcionar minha vida.

Em especial, àqueles que tornaram esta difícil jornada mais amena e suportável:

Aos meus pais, pelos exemplos de competência, dignidade e humildade. E por toda minha família, pelo estímulo e apoio constantes.

Aos membros da Irmandade dos Alcoólicos Anônimos, em especial ao "*GRUPO BONANÇA DE AA*", por terem me acolhido com tanto carinho, respondido às minhas dúvidas e por terem compartilhado comigo suas histórias de vida. O convívio que tive com vocês não serviu apenas para a construção do conhecimento acadêmico que tanto buscava, mas sim, fez de mim um ser humano melhor e mais fortalecido para enfrentar os desafios da vida. Posso hoje dizer que é um privilégio adquirir conhecimento, e melhor ainda, quando ao mesmo tempo adquirimos amigos. Este trabalho é com toda certeza, fruto do aprendizado e do convívio que tive com vocês.

Ao meu orientador, prof. Francisco de Assis Souza dos Santos, que com sua competência e generosidade acolheu minhas dúvidas, buscando sempre transmitir o melhor de si. Pelo apoio, pelas conversas e muitas "dicas", todas certeiras, o que fez tornar possível este trabalho.

Ao professor José Adriano Filho, que prontamente aceitou o convite para participar da banca de defesa desta dissertação. Sua delicadeza e análise apurada deste trabalho fizeram a grande diferença para o resultado final do mesmo.

A todos vocês, meus sinceros agradecimentos.

Identidade AA: Os caracteres de religiosidade na construção do modelo terapêutico da Irmandade de Alcoólicos Anônimos

"Há um lugar em que o incondicional esta presente no mundo finito: nas profundezas da alma humana ... A afirmação de que algo seja sagrado só tem sentido para aquela fé que o testemunha" - Paul Tillich

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Os Grupos de Alcoólicos Anônimos, doravante identificado pela sigla AA são uma irmandade¹ mundial de mútua ajuda que buscam acolher as pessoas portadoras da doença do alcoolismo, oferecendo-lhes apoio para alcançar a chamada sobriedade. Embora possua total laicidade no tocante a qualquer cultura ou denominação religiosa, adota uma pedagogia de ordem espiritualista que, a princípio pode-se denominá-la como "terapia da espiritualidade". O Modelo Terapêutico do AA se constitui em um constructo cultural produzido pela irmandade, estando associada aos sentidos atribuídos ao alcoolismo e ao processo de construção da pessoa alcoólica. Os Grupos disponibilizam aos seus integrantes uma linguagem da doença por meio da qual eles podem falar sobre suas vivências com o álcool e uma das categorias estruturantes dessa linguagem e que orienta as ações dos seus membros é a de doença alcoólica. O AA constrói um saber singular sobre o alcoolismo, considerando este como uma doença de ordem física e espiritual, cujos efeitos refletem tanto a esfera individual quanto a coletividade. Como coletivo considera que esta doença teria efeitos reflexivos que ultrapassam a pessoa do então alcoólatra, desintegrando as relações com a família, o trabalho, vizinhos e amigos. No campo

¹ O vocábulo Irmandade origina-se do latim "germanitate" e significa parentesco entre irmãos, fraternidade, intimidade, comunidade, comunhão, confraria, congregação, sociedade e ato de conviver juntos e em paz. No contexto religioso essa palavra carrega o sentido de vínculo espiritual: irmãos pela fé, por função semelhante, aliança contraída pela fé, simpatia. No AA este vocábulo é empregado no sentido de comunidade, grupo de pessoas que compartilha o mesmo ideal. Disponível em "Nossa Língua Portuguesa": <http://nossalinguaportuguesa.com.br>. Acessado em 02/03/2012.

espiritual esta afetaria a relação do indivíduo com Deus² e que surge como via onde se agregarão as relações consideradas significativas para o doente.

As reuniões da irmandade são caracterizadas como eventos comunicativos que possibilitam tanto a emergência da definição do alcoolismo como uma doença crônica e fatal, quanto a instauração de um processo de construção da pessoa alcoólica, instituindo as condições necessárias para a eficácia simbólica do próprio programa de recuperação. O alcoolismo faria parte de um conjunto mais amplo de problemas ligados à desorganização social do sujeito, e nesse sentido, a Irmandade se configura como uma associação no interior da qual se constrói solidariedades fundadas no alcoolismo, na abstinência, na ajuda mútua e mais ainda, na noção da necessária retribuição à recepção pelo grupo (família a qual, pelo menos em princípio, propõe-se satisfazer as necessidades vistas como espirituais dos integrantes, fora do âmbito estritamente doméstico). A constituição de laços fraternos simbólicos revela como é grande o impacto do adoecimento sobre estes indivíduos, que resulta neste espaço de comunhão e identidade, de socorro e apoio nas horas de necessidade. Nesse contexto, as necessidades do espírito se somam às do corpo, em uma mutualidade espiritual que corresponde a benefícios e busca de auxílio.

A motivação para o ingresso no referido mestrado partiu do interesse em estudar as marcas de religiosidade dos grupos de AA, bem como seu modelo terapêutico interfere na vida do indivíduo alcoólatra, ajudando-os a se manterem afastado da droga, e sobretudo, na sua recuperação física, espiritual e psicológica. Este estudo objetiva analisar o fenômeno religioso dos grupos de AA, e também o modo como os integrantes desses grupos de mútua ajuda vivem e gerenciam a chamada doença alcoólica e como lutam contra as recaídas. Meu primeiro contato com os Alcoólicos Anônimos, na condição de mestranda, foi feito a partir da "Literatura Oficial dos Alcoólicos Anônimos", editada em idioma português pela Junta de Serviços Gerais de Alcoólicos Anônimos do Brasil - JUNAAB" , com especial atenção dedicada aos textos que traziam os **Doze Passos e as Doze Tradições de AA**. A referida pesquisa teve seu início em fevereiro de 2012, a partir da leituras bibliográficas constante na "*Official Literature of Alcoholics Anonymous*" (Literatura Oficial dos

² A irmandade de AA busca não criar uma definição de Deus, e não a qual deus se refere. Consiste no deus que o próprio indivíduo concebe, e é comumente denominado de Poder Superior.

AA), e na busca de um melhor conhecimento sobre o assunto, propus-me visitar o "**Grupo de Alcoólicos Anônimos Bonança**" (situado no bairro Parque Residencial Laranjeiras, na cidade da Serra - ES). A estratégia adotada nesta visita foi de me apresentar como pesquisadora e solicitar minha integração ao grupo com o propósito de conhecer na prática a sistemática das reuniões dos AA.

O projeto de pesquisa segue-se numa abordagem de ordem psicológica, e para sua edificação, adotou-se em primeiro plano a pesquisa bibliográfica, por considerá-la como uma ferramenta de grande relevância para a construção do conhecimento, enfatizando primeiramente as linhas de leitura e reflexões propostas por Karl Gustav Jung e Willian James, e como teóricos secundários destacou Rodolf Otto, Paul Tillich, José Severino Croatto, dentre outros. Valeu-se também das pesquisas empíricas e informal, de ordem qualitativa (adquiridas por meio de entrevistas não estruturadas) realizada junto aos membros do Grupo de AA "Bonanza", que se darão por meio da interação junto a este referido Grupo uma vez que suas reuniões são abertas a toda sociedade, permitindo assim, a participação de indivíduos não alcoólicos. O estudo será ordenado a partir de categorias que considero relevantes diante do tema proposto, e extraídas da participação e do diálogo com o AA, buscar-se-á analisar:

Tratando-se da Irmandade do AA e do seu processo terapêutico: Qual a origem da Irmandade do AA? Quem são os Alcoólicos Anônimos? Qual a visão do AA sobre o alcoolismo enquanto doença física, psicológica e espiritual? Como se dá o processo terapêutico na Irmandade do AA e qual a sua eficácia?

No tocante a religião: Sob a visão do AA qual a diferença entre religião e espiritualidade? De onde vem o direcionamento da Irmandade de AA? Ela possui uma verdadeira liderança? Qual é o caminho espiritual do AA?

Da relação psicologia e religião: A religião exerce influência no tratamento psicológico? Qual a sua contribuição?

O trabalho ora apresentado encontra-se dividido em 3 partes: a primeira trata da relação entre a Irmandade de AA e a religião, a segunda tem como foco o histórico da Irmandade do AA e sua práxis espiritualista, sobretudo, as influências de Carl G. Jung e Willian James em seu processo terapêutico, já a terceira parte busca

descrever o processo ritualístico dos grupos de AA, bem como a colaboração dessa Irmandade junto a centros de recuperação de dependentes químicos, e também, sua relação junto aos demais segmentos da esfera social.

2 O MITO FUNDADOR: Um despertar espiritual

Neste capítulo será apresentado o histórico do surgimento da Irmandade do AA, bem como seu crescimento ao longo do século XX e sobretudo, as influências de Carl G. Jung e William James na construção do processo terapêutico de tratamento do alcoolismo adotado pelo AA, valendo lembrar também que as teorias deste dois renomados psicanalistas foram de fundamental importância para a construção das orientações espirituais sugeridas nos Doze Passos de AA (programa este de recuperação que atualmente é também adotado pela maioria de outros grupos anônimos de auto-ajuda).

A religião e a espiritualidade se associam a Irmandade de AA para aliviar o sofrimento dos portadores da doença do alcoolismo, e ainda que os seus princípios terapêuticos não advenham somente da religião, essa Irmandade pode ser compreendida como uma instituição discursivamente apresentada como espiritual que supre certas expectativas tradicionalmente disponíveis no campo religioso, como uma forma de regulação moral e de pertencimento a alguma comunidade de sentido. Atentando-se para o aspecto religioso do mito, ele sempre se atenderá como algo que extrapola as narrativas de significações simbólicas transmitidos dentro de determinados grupos, de geração em geração como algo verdadeiro. Ao entender cosmovisão como um conjunto de crenças unidas e coesas que a pessoa mantém, o mito serve de influência para a formação comportamental de uma pessoa e porque não de um grupo social.

Toda crença é totalizadora e configura a vida e a teoria em todas as etapas importantes de um povo. De tal maneira que a fé de agora é igual a fé dos antepassados. Como o mito é fixista, esse continuum no tempo é essencial e sinaliza a autenticidade do que se acredita no presente. Coloca-se de novo o passado no presente, uma vez liberada sua reserva de sentido, para que o presente tenha no passado um paradigma Exemplar.³

³ CROATO, José Severino. *As Linguagens da Experiência Religiosa: uma introdução à fenomenologia da religião*. Paulinas, São Paulo, 2001, p. 280-81.

O mito fundador impõe um vínculo interno com o passado como origem, isto é, com um passado que não cessa nunca, que se conserva perenemente presente e, por isso mesmo, não permite o trabalho da diferença temporal e da compreensão do presente enquanto tal. Nesse sentido, falamos em mito também na acepção psicanalítica, ou seja, como impulso à repetição de algo imaginário que, segundo Chauí: "... *Um mito fundador é aquele que não cessa de encontrar novos meios para exprimir-se, novas linguagens, novos valores e ideias, de tal modo que, quanto mais parece ser outra coisa, tanto mais é a repetição de si mesmo*".⁴

Passando-se para a análise da narrativa do marco inicial da Irmandade de AA, de onde provem sua representação e de onde ela tira sua força sempre renovada, seremos levados em direção a esse mito fundador. Faz-se necessário então enfatizar a experiência religiosa do co-fundador da Irmandade de AA Bill W., que, em conformidade com a linguagem de Eliade, dar-se-ia o nome de *hierofania*. Essa hierofania foi vivenciada em seu último internamento, em Nova Iorque - EUA. Para Bill, este foi um momento muito marcante em sua vida, pois sentira uma **iluminação divina** que o ajudaria a se libertar dos grilhões destruidores do álcool e o conduziria à fundação dos Alcoólicos Anônimos. Rudolf Otto descreve que o sagrado só pode ser experimentado se ele se manifestar, mostrar-se, revelar-se, e essa manifestação se dá por intermédio de outra coisa que não é ele mesmo, no tempo, no espaço e se deixa descrever. O autor busca assinalar quatro momentos de manifestação do sagrado/numinoso na vivência da experiência religiosa:

Primeiramente surge a consciência do sagrado criador de todas as coisas e a imprescindível e fundamental dependência do humano em relação ao sagrado; seguidamente surge a atitude de profundo respeito, ou seja o *mysterium tremendum*; em terceiro momento, o sagrado apresenta-se como Totalmente Outro, *mysterium arrepante*; e finalmente, manifesta-se o *mysterium fascinas e atraente* que gera a felicidade.⁵

Fazendo-se uma analogia das afirmativas de Otto com o relato heirofânico de Bill, podemos entender melhor fenômeno religioso. Dr. William D. Silkworth,⁶ médico de

⁴ CHAUI, Marilena. "Convite a Filosofia". Ática, São Paulo, 2000, p. 09.

⁵ OTTO, Rudolf. "O Sagrado: Os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional". Sinodal, São Leopoldo, 2007, p. 48.

⁶ Dr. Silkworth é considerado hoje um santo médico pelos membros de A. A. e um dos grandes benfeitores da criação da Irmandade, tendo seu histórico registrado na Literatura do AA. Ele acabou se tornando amigo íntimo de Bill W, cabendo-lhe a responsabilidade pela elaboração de um dos

New York, psiquiatra, especialista pioneiro no tratamento do alcoolismo e que tratava Bill por longo tempo, quando do seu último internamento o veio explicar à Lois, esposa de Bill, a sua desesperança quanto à recuperação dele. Ao tomar conhecimento deste veredito clínico, Bill W., ainda suportando a duras penas a síndrome de abstinência, relata que a sua depressão aumentou de forma insuportável, até que finalmente pareceu-lhe estar no mais obscuro "fundo do poço". Porém Bill resistia muito à ideia de um Poder Superior a ele mesmo e diante de total desespero, mesmo sem fé ele apela para uma Força Divina, conforme relato a seguir:

... mas finalmente chegou o momento e o último vestígio de minha orgulhosa obstinação foi esmagado. Imediatamente me encontrei exclamando: "Se existe um Deus, que Ele se manifeste! Estou pronto para fazer qualquer coisa, qualquer coisa!" De repente, o quarto se encheu de uma forte Luz. Mergulhei-me num êxtase, que não há palavras para descrevê-lo. Pareceu-me, com os olhos de minha mente, que eu estava numa montanha e que soprava um vento, não de ar, mas de espírito. E daí tive a sensação de que era um homem livre.⁷

Percebe-se por meio dessa narrativa que Bill começou ver sua vida modificada após a vivência desse súbito despertar espiritual, conforme afirma o relato abaixo:

Lentamente o êxtase passou. Eu estava deitado na cama, mas agora por instantes me encontrava em outro mundo, um mundo novo de conscientização. Ao meu redor e dentro de mim, havia uma maravilhosa sensação de presença, e pensei comigo mesmo: Então, esse é o Deus dos pregadores!" Uma grande paz tomou conta de mim e pensei: "Não importa quão errada as coisas pareçam ser, elas ainda são certas. As coisas são certas com Deus e seu mundo."⁸

Em um trecho da obra "Alcoólicos Anônimos" Bill faz a seguinte declaração:

A crença no poder de Deus, acrescida de boa vontade, honestidade e humildade suficientes para estabelecer e manter o novo estado das coisas, eram requisitos essenciais. Simples, mas não fácil. Havia um preço a ser pago. Significava destruição do egocentrismo. Eu precisava entregar tudo ao Pai da Luz, que preside a todos nós. Aquelas eram proporções revolucionárias e drásticas mas, no momento em que as aceitei sem restrições, o efeito foi instantâneo.⁹

E novamente continua sua narrativa sobre o impacto da visão do sagrado:

Houve uma sensação de vitória, seguida de uma paz e serenidade que eu nunca conhecera. Havia uma confiança ilimitada. Eu me sentia revigorado,

capítulos do Livro Azul, escrito em 1939, sendo este, considerado o livro mais importante da literatura oficial da Irmandade.

⁷ JUNAAB - Junta de Serviços Gerais de Alcoólicos Anônimos do Brasil. *"Alcoólicos Anônimos Atinge a Maioridade: uma breve história de AA"*. 5ª ed., 2001, p. 55.

⁸ JUNAAB, 2001, p. 55.

⁹ JUNAAB. *"Alcoólicos Anônimos"*. 4ª ed., 2001, p. 44.

como se uma lufada de ar puro soprasse do alto da montanha. Deus se aproxima pouco a pouco da maioria dos homens, mas Seu impacto em mim havia sido repentino e profundo.¹⁰

Bill assegura também que essa súbita experiência veio pouco a pouco lhe deixando assustado e muito confuso em relação a tudo o que vivenciara naquele momento, e por um instante veio a acreditar que se encontrava à beira da loucura:

Minha educação moderna arrastou-me para trás e me disse: "Você está tendo alucinações. É melhor você chamar o médico." O Dr. Silkworth me fez muitas perguntas e, depois de alguns minutos disse: "Não Bill, você não está louco. Aconteceu aqui algum fato, em nível psicológico ou espiritual. Tenho lido a respeito dessas coisas nos livros. Às vezes, as experiências espirituais libertam pessoas do alcoolismo¹¹ Aconteceu com você Algo que não compreendo. Mas é melhor que você se agarre a isso. Qualquer coisa é melhor do que o estado em que você estava."¹²

Muito aliviado, Bill relata que começou a perguntar a si mesmo o que na verdade tinha acontecido e no dia seguinte, mais uma luz a respeito desse fato veio se acender quando seu amigo Ebby T. trouxe-lhe um exemplar do livro de William James - "As Variedades da Experiência Religiosa". Embora considerasse a leitura bastante difícil, buscou devorá-la do começo ao fim, fazendo a seguinte observação:

James achava que as experiências espirituais poderiam ter realidade objetiva, quase do mesmo modo como as dádivas do céu poderiam transformar as pessoas. Algumas eram, de repente, iluminações brilhantes, outras vinham muito gradativamente. Algumas nasciam de fontes religiosas, outras não. Mas quase todas tinham denominadores comuns de dor, sofrimento e calamidade.¹³

e assegura que: "*Com este livro percebi que a maioria das experiências de conversão, apesar de suas diferenças, tem um denominador comum: o **colapso do ego em seu nível mais profundo.***"¹⁴ E a partir dessa experiência religiosa, ele nunca mais voltou a beber. A respeito de seu amigo Ebby, Bill veio declarar:

Pelo fato de ele sofrer do mesmo mal que eu sofria, ele foi capaz de conversar comigo em um nível tão profundo que eu percebi que deveria vivenciar uma experiência como ele vivenciou, caso contrário morreria.¹⁵

Sob a influência espiritual do clérigo episcopal Dr. Samuel Shoemaker (coordenador do grupo de Oxford) e com a ajuda de seu velho amigo e mais tarde padrinho, Ebby T., Bill veio conseguindo manter sua sobriedade e conseqüentemente, vinha

¹⁰ JUNAAB, 2001, p. 44.

¹¹ JUNAAB . "Alcoólicos Anônimos Atinge a Maioridade: uma breve história de AA". 2001, p. 55-6.

¹² JUNAAB, 2001, p. 44.

¹³ JUNAAB, 2001, p. 56.

¹⁴ JUNAAB. "Despertar Espiritual: Viagens do Espírito das Páginas de AA Grapevine". Trad. Conchita Ferreiro, 2011, pag. 17.

¹⁵ JUNAAB, 2011, p. 16.

mantendo sua recuperação. Ele passa a partir daí a trabalhar com outros alcoólicos, embasado na teoria de que *somente um alcoólico poderia ajudar outro alcoólico*, mas de fato, nenhum de seus "candidatos" conseguiu se recuperar. O único a quem conseguira manter sóbrio havia sido ele próprio. Bill falava muito da sua súbita experiência espiritual, como se fosse alguma coisa muito fora de série. Nas suas exortações, ele se esquecia completamente do lado médico da doença e negligenciava o aspecto da necessidade de profunda deflação do ego, tão enfatizado por William James. Segundo ele, finalmente, um dia o Dr.Silkworth o trouxe de volta para seu real tamanho, advertindo-o:

Veja Bill ... você somente conseguiu fracassos porque está pregando a esses alcoólicos. Você está lhes falando a respeito dos preconceitos dos Grupos Oxford de ser absolutamente honesto...Daí você termina, falando acerca de sua misteriosa experiência espiritual. Não é de admirar que eles apontam seus dedos para suas cabeças e saem para beber. Por que você não muda sua estratégia? Não foi você que em certa ocasião me mostrou aquele livro do psicólogo James, que diz que a derrota total é a base da maioria das experiências espirituais? Esqueceu-se também de que o Dr. Carl Jung disse, em Zurique, a certo alcoólico, aquele que mais tarde ajudou Ebby a alcançar a sobriedade, que sua única esperança de salvação seria uma experiência espiritual?¹⁶

Dr.Silkworth não parou por aí e seguiu adiante em seus aconselhamentos:

Não, Bill,você tem colocado a carroça na frente dos bois. Você tem que deixar essas pessoas primeiro se sentirem derrotadas. Depois, dê a elas os fatos médicos e insista nisso. Explique a elas a obsessão que as leva a beber e a sensibilidade ou alergia física do corpo que as leva à loucura ou à morte, se continuarem bebendo. Vindo de outro alcoólico, um alcoólico falando com outro, é provável que isso rompa seus egos. Somente então você poderá começar a tentar, sua outra medicina, os princípios éticos que aprendeu nos Grupos Oxford.¹⁷

Levando-se em consideração o pensamento de Otto, bem como de demais teóricos do campo da fenomenologia religiosa é possível compreender esse comportamento de Bill quando estes afirmam que a experiência do sagrado é ao mesmo tempo individual e comunitária: *"individual porque o homem religioso o experimenta na sua particularidade, e comunitária, porque esse mesmo homem não o contém e por isso comunica essa vivência com outros"*. Nesse processo, a experiência religiosa se manifesta através de linguagens próprias, que se apresentam em forma de fenômenos e segundo Bill:

Quando um homem ou uma mulher vivenciam um despertar espiritual, o significado mais importante disso é que eles se tornam capazes de fazer e

¹⁶ JUNAAB. "Alcoólicos Anônimos Atinge a Maioridade: uma breve história de AA". 2001, p. 59.

¹⁷ JUNAAB, 2001, p. 59.

sentir o que eles não podiam fazer e sentir antes, com sua força e habilidades próprias, sem apoio.¹⁸

Levando em consideração essas afirmativas, faz sentido considerar também que as religiões de modo geral, apontam para algo essencial que possa nortear a vida do sujeito humano, e não faz sentido pensar uma relação com Deus que desconsidere o sujeito (homem) em relação. Considerando o homem, há que se considerar o seu cotidiano, a vida em seus aspectos dos mais simples aos mais complexos. Há anos Dr. Silkworth, afirmava para Bill que alcoolismo era uma doença das emoções e do corpo: uma obsessão da mente ligada a uma alergia do corpo. Ao compreender a gravidade dessa doença, Bill passou a entender o que isso representava para ele, e como já citado anteriormente, embora ele não conseguisse aceitar todos os dogmas dos Grupos Oxford, veio acabar se convencendo da necessidade de realizar um inventário moral sobre si mesmo, da confissão dos defeitos de personalidade, da reparação junto aos que havia prejudicado, da ajuda ao próximo e da necessidade de acreditar e confiar em Deus.

2.1 O marco inicial da Irmandade dos AA

A centelha que daria origem a fundação da Irmandade de A A foi acesa em Akron, Ohio, em 10 junho de 1935 (primeiro encontro entre Bil e Dr. Bob), durante uma conversa entre o corretor da Bolsa de Valores de New York, William Griffith Wilson - Bill W e um médico de Akron, Robert Smith - Dr. Bob (cirurgião de Akron, com grave problema de alcoolismo), e ambos haviam sido desenganados pela classe médica. Depois de meio ano sóbrio, Bill quase que caía outra vez na bebida, quando era já outra vez um homem de negócios. Ele fora a Akron tratar de negócios dos quais não obteve muito sucesso, e esse fato o deixou com muito medo de começar a beber novamente. Para ele esse foi um momento trágico e difícil, mas de repente lembrara-se de que para se salvar, precisava levar sua mensagem a outro alcoólico, e esse "outro alcoólico" foi o Dr. Bob Smith. De imediato, Bill acabou por perceber que o Dr. Bob sabia mais sobre coisas espirituais, do que ele. Dr. Bob também havia

¹⁸ JUNAAB. *"Despertar Espiritual: Viagens do Espírito das Páginas de AA Grapevine"*. 2011, p. 21.

estado em contato com as pessoas do grupo Oxford, em Akron. Mas de alguma forma, ele simplesmente não conseguia ficar sóbrio. Seguindo o conselho do Dr. Silkworth, Bill procurou contar a Dr. Bob o que era o alcoolismo e como ele podia ser fatal. Bill assegura que se ele não tivesse levado em consideração todos os conselhos do seu médico, a irmandade de AA talvez nunca teria existido, e na sua primeira conversa com o Dr. Bob ele pode perceber quão verdadeiro eram os ensinamentos do Dr. Silkworth:

Agora - conversando com Dr. Bob - lembrei-me de tudo o que o Dr. Silkworth tinha dito. Então fui devagar com minha experiência religiosa. Comecei a falar apenas a respeito do meu próprio caso, até que ele se identificou comigo e começou a dizer: "Sim, é isso mesmo. Eu sou assim."¹⁹

Apesar de médico, o Dr. Bob não tivera conhecimento de que o alcoolismo era uma doença. Nesse encontro Bill lhe relata sua experiência espiritual vivenciada durante sua última internação, garantindo-lhe que essa **iluminação divina** teria sido a força que o ajudou a se libertar da obsessão pela bebida. Esse encontro produziu no Dr. Bob um efeito imediato: desta vez encontrava-se cara a cara com um companheiro alcoólico que havia conseguido deixar de beber. Assim, de um pedido de bate papo de 15 minutos, acabaram por estar horas a fio numa conversa sobre o alcoolismo, conseguindo ambos juntar forças para abandonar para sempre a bebida. Sobre essa conversa com Bill, Dr. Bob diz:

É preciso lembrar que havia lido muito e falado muito com todos aqueles que sabiam, ou achavam que sabiam algo a respeito de alcoolismo. Mas aquele era um homem que havia passado por muitos anos de bebedeiras terríveis ... mas que se havia recuperado através dos mesmos métodos que eu estivera tentando, ou seja, pelo enfoque espiritual.²⁰

Vê-se então que, Dr. Bob (um alcoólico intratável) acabou convencido pelas ideias contundentes de Bill e nunca mais voltou a beber. E deste encontro ambos decidiram criar uma comunidade autônoma de entre - ajuda para apoiar os que sofriam com o problema do alcoolismo e para eles mesmos se manterem sóbrios.

Levando-se em consideração as teorias de James, no tocante aos tipos de experiências religiosas, esse renomado psicólogo busca afirmar que estas podem acontecer tanto de forma súbita ou gradativa, ou conforme descreve Otto essas experiências podem apresentar característica arrepiante, assombrosa, fascinante e

¹⁹ JUNAAB. "Alcoólicos Anônimos Atinge a Maioridade: uma breve história de AA". 2001, p. 59-60.

²⁰ JUNAAB. "Alcoólicos Anônimos". 2001, p. 201.

tremor. Ao analisar o relato do despertar espiritual vivido por Bill é possível perceber tais caracteres, porém fazendo-se uma analogia entre os despertares espirituais experimentados por Bill e Bob, pode-se observar que estes se deram de forma diferenciada (não se deu forma repentina, nem tampouco cheio de encantamentos, luzes brilhantes):

O despertar espiritual do Dr. Bob não veio tão facilmente; foi penosamente lento ... Entretanto, ele parecia não ter sérias dificuldades neuróticas ... Em sua última palestra em Detroit, anos mais tarde, deixou isso bem claro: não foi a experiência espiritual, mas aqueles dois monstros da loucura e da morte, a obsessão mais a alergia, que o levaram a uma nova vida. Foi a ideia do Dr. Silkworth, confirmada por William James, que o atingiu profundamente.²¹

Logo em seguida, Bill e Dr. Bob começaram a trabalhar imediatamente com os alcoólicos internados no Hospital Municipal de Akron. Como consequência de seus esforços, logo um paciente alcançou sua sobriedade. Apesar de ainda não existir o nome Alcoólicos Anônimos, esses três homens constituíram o núcleo do primeiro Grupo de A. A. Um segundo Grupo foi tomando forma gradualmente em Nova Iorque ainda em 1935, e o terceiro veio a se iniciar em Cleveland, em 1939. Havia-se gasto mais de quatro anos para conseguir 100 alcoólicos sóbrios nesses três Grupos iniciais. Em princípio de 1939, a Irmandade publicou seu livro de texto básico, "**Alcoólicos Anônimos**". Nesse livro escrito por Bill, ele expunha a filosofia e os métodos de A. A., essência dos quais se encontram agora nos bem conhecidos **Doze Passos de Recuperação**. Em um capítulo deste referido livro intitulado "O pesadelo do Dr. Bob", no qual Bill conta a história do seu companheiro e co-fundador do AA, ele faz questão de mencionar o quão importante foi o encontro dos dois para a conscientização do Dr. Bob em relação à doença do alcoolismo:

Muito mais importante foi o fato dele ser o primeiro ser humano com quem conversei, em toda a minha vida, que sabia do que estava falado, em relação ao alcoolismo, a partir de experiências reais. Em outras palavras, ele falava a minha linguagem. Conhecia todas as respostas e, certamente, não por tê-las tirado de um livro.²²

Não obstante, no início de 1946, já era possível tirar algumas conclusões bem razoáveis sobre as atitudes, costumes e funções que se ajustariam melhor aos objetivos de A. A. Esses princípios, que haviam surgido a partir das árduas experiências dos Grupos, foram codificadas por Bill, sendo hoje conhecidos pelo

²¹ JUNAAB. "*Alcoólicos Anônimos Atinge a Maioridade: uma breve história de AA*". 2001, p. 60-61.

²² JUNAAB. "*Alcoólicos Anônimos*". 2001, p. 201.

nome de ***As Doze Tradições de Alcoólicos Anônimos***. Desde então AA se tornou uma Irmandade mundial, e difundiu-se por todo globo, demonstrando que a maneira de viver de AA hoje pode superar quase todas as barreiras de raça, de credo e de idioma. Sem caráter religioso, embora tenha incorporado muitos princípios de diversas religiões, a comunidade recebe pessoas de todas as doutrinas. Sobrevive financeiramente através dos seus próprios membros que contribuem espontaneamente, não aceitando financiamento proveniente de fora da própria Irmandade.

À medida que os seus grupos ganharam expressão e notoriedade na América e seguidores fora dela, Bill W. se tornou o seu símbolo e um referencial quase mítico. Ele foi de fato uma figura proeminente e decisiva para muitos alcoólicos, porém, buscou sempre ser discreto, e na parte final da vida, quando a sua luta contra o alcoolismo era já uma realidade social americana, e ele um verdadeiro mito, chegou a recusar prêmios, condecorações, pagamentos por conselhos e distinções, e até mesmo uma foto de capa na revista "Time". O alcoolismo acabou por ser considerado doença crônica e a ação dos AA muito serviu para que a classe médica assim a reconhecesse. Hoje os AA já são mais de 2 milhões de grupos (em mais de 150 países) e muitos são os que já deixaram o álcool graças aos conselhos de Bill Wilson e às reuniões com outros viciados que, *como semelhantes que são*, juntos tentam buscar uma forma para purgar a mente, e conseqüentemente, ganhar forças e um novo ânimo. Bill sempre procurou declarar que ninguém inventou Alcoólicos Anônimos: *"AA apenas cresceu pela graça de Deus."* Deixo aqui algumas palavras do Dr. Silkworth sobre o trabalho dessa irmandade:

Estes homens podem perfeitamente ter um remédio para milhares de situações semelhantes ... Eles acreditam em si mesmos e, mais ainda, no Poder que arranca os alcoólicos crônicos das garras da morte ... Estamos certos de que, após vários anos de experiência, nunca encontramos algo que tenha contribuído mais para a reabilitação dessas pessoas do que o movimento altruísta que hoje se desenvolve entre eles.²³

Atualmente, o número de membros de AA cresce na proporção de cerca de vinte por cento ao ano pelos quatro cantos do mundo. Recentemente a Biblioteca do Congresso dos EUA fez o mapeamento dos livros que mais contribuíram com a nação americana, e o Livro Alcoólicos Anônimos se destaca entre os 88 livros que

²³ JUNAAB. "Alcoólicos Anônimos". 2001, pgs. 24 e 26.

“moldaram a América,” que influenciaram a forma da nação Americana, a visão de seu mundo e a forma com que o mundo vê a América.

Sete meses antes de sua morte, Bill pronunciara diante da Convenção Internacional do 35º aniversário suas últimas palavras aos companheiros de AA: ***"Deus os bendiga, a vocês e a Alcoólicos Anônimos, para sempre."*** Em 1935, ano das suas últimas crises, ele já tinha 39 anos e uma saúde arruinada, para além de uma carreira destruída, Bill tomou seu último pileque, à caminho do Hospital Towns de New York, mantendo uma profícua e serena sobriedade por 37 anos e 44 dias. Ele nasceu em 26/11/ 1895, na cidade de East Dorset, Est. Vermont , e faleceu aos 75 anos idade, no dia 24 de janeiro de 1971, em Miami Beach, Flórida.

2.2 Os pilares fundamentais do AA

Os pilares fundamentais aos quais busca-se aqui mencionar se concentram, segundo a filosofia do AA, num conjunto de 36 princípios assim distribuídos: Os Doze Passos, As Doze Tradições e Os Doze Conceitos Mundiais. Segundo a literatura e do AA, bem como depoimentos dos próprios membros dessa Irmandade, os Doze Passos ensinam seus membros a viver, as Doze Tradições os ensinam a conviver uns com os outros e os Doze Conceitos Mundiais os ensinam a trabalhar, isto é, a servir à Irmandade.

Os Doze Passos²⁴ buscam descrever as atitudes e as atividades que foram importantes para os primeiros membros da Irmandade de AA alcançarem a sobriedade. Essas teorias foram baseadas nas experiências, nos êxitos e fracassos dos primeiros membros da Irmandade, e mais adiante, passaram a constituir a essência do programa para a recuperação pessoal do alcoolismo. A aceitação desses Doze Passos de forma alguma é obrigatória, eles são apenas sugestões. Esses Passos podem ser considerados como um programa de vida, ou como pontos de referência para mudanças na forma de ver e atuar no mundo, constituindo assim, um verdadeiro conjunto de regras básicas para melhorar a qualidade de vida, por

²⁴ Os Doze Passos se encontram no anexo deste trabalho, às pag. 102.

meio de aprendizagem de como lidar com a realidade de forma menos conflituosa. O programa de recuperação descrito nesses Doze Passos pode ser analisado da seguinte forma: do 1º ao 3º se encontrariam os passos de *decisão*; do 4º ao 9º os passos de *ação*, e do 10º ao 12º se encontrariam os passos de *manutenção*.

No que se refere à sua origem humana, os principais canais de inspiração para a elaboração dos Doze Passos foram em número de três: o Dr. Silkworth (médico que tratava de Bill) , o psicologista William James (chamado por alguns de pai da psicologia moderna) e os Grupos Oxford, onde se destaca principalmente o clérigo Sam Shoemaker, o qual Bill busca tecer a seguinte observação:

Foi com ele que o Dr. Bob e eu absorvemos no início a maior parte dos princípios que depois foram incluídos nos Doze Passos de Alcoólicos Anônimos, passos que expressam o âmago do modo de vida de AA. O Dr. Silkworth nos deu os conhecimentos básicos de nossa doença, mas Sam Shoemaker nos deu o conhecimento concreto do que poderíamos fazer a respeito dela. Um nos mostrou o mistério da fechadura que nos mantinha aprisionados; outro nos entregou as chaves espirituais por meio das quais fomos libertados.²⁵

Bill declara que a maneira como estes canais de influência se encontraram e de como eles o levaram a escrever os nossos 12 Passos é excitante e às vezes inacreditável, os quais procuro tecer uma pequena descrição: a primeira linha de influência se refere ao Grupo Oxford, e ele assegura que quando seu amigo e futuro padrinho Ebby T., ao levar em consideração o aconselhamento do seu médico Carl G. Jung para buscar algo de religioso para sua vida, veio se ingressar no Grupo logo de imediato adquiriu sua sobriedade. Vejamos aqui uma das considerações de Jung:

A idéia de um ser todo-poderoso, divino, existe em toda parte. Quando não é consciente, é inconsciente, porque seu fundamento é arquetípico. Há alguma coisa em nossa alma que tem um poder superior ... Por isso, acho mais sábio reconhecer conscientemente a ideia de Deus, caso contrário outra coisa fica em seu lugar, em geral uma coisa sem importância ou uma asneira qualquer.²⁶

Ebby procurava transmitir a Bill os princípios espirituais adquiridos pelo Grupo, e essa graça trouxe Bill ao seu súbito despertar espiritual, ao qual ele imediatamente percebeu ser um homem livre. Esta assombrosa experiência veio despertar também em Bill um sentimento de magnífica certeza de que, um dia, um grande número de alcoólicos poderiam se aproveitar deste presente (sem preço), que lhe foi concedido e que o libertou definitivamente do tormento alcoólico. Neste ponto, Bill assegura

²⁵ JUNAAB. "Alcoólicos Anônimos Atinge a Maioridade: uma breve história de AA". 2001, p. 33-34.

²⁶ JUNG, Carl G. "Psicologia do Inconsciente", 2ª ed., Vozes, Petrópolis, 1971, p. 64.

que a segunda linha de influência entrou em sua vida através das páginas do livro "As Variedades da Experiência Religiosa", de William James, e que segundo ele, no período seguinte à sua súbita experiência, o Dr. Silkworth tentava firmemente lhe convencer de que ele não estava alucinando, porém, as ideias de William James fez ainda mais, pois para ele, a maioria daqueles casos de transformação descritos no livro se referiam a pessoas sem qualquer esperança, que em alguma área de suas vidas tinham encontrado a derrota total, e ele se identificava com esse tipo de sujeito, conforme se pode observar em uma de suas falas: "... *bem, isto era eu. Em completa derrota, sem mais esperança ou fé em nada*".²⁷ Bill considera que o primeiro passo no atual programa de AA havia sido feito por ele, sem ele mesmo o perceber quando em seu desespero no leito do hospital apelou para um Poder Superior "admitindo que era impotente perante o álcool e que tinha perdido o domínio sobre sua vida", e que também havia feito o terceiro Passo ao "decidir entregar sua vontade e sua vida aos cuidados de Deus", e desta forma conseguiu ser libertado para sempre das amarras do vício. Fazendo-se uma reflexão sobre esse momento ele conclui: "*foi tão simples, como tão misterioso*". A terceira linha de influência veio por parte do Dr. Silkworth, advertindo-o sobre o ponto de vista clínico da doença do alcoolismo, e na verdade ele veio fornecer o elo que faltava e sem o qual a sequência de princípios hoje reunida nos 12 Passos nunca poderia ter sido completada.

Porém, o contingente agnóstico finalmente os convenceu de que deveriam facilitar as coisas para pessoas como eles, usando termos como um "Poder Superior" ou "Deus como o concebemos". Estas expressões que hoje se conhecem tão bem demonstraram serem salvadoras da vida de muitos alcoólicos, elas permitiram que milhares de agnósticos iniciassem um programa, que não seria possível começar se tivessem deixado os Passos como escrito originalmente. Felizmente não houve mais outras mudanças no esboço original e o número de Passos continua sendo doze. Bill só não imaginava que a eficácia dos Doze Passos fossem tão rápida e universalmente aprovadas por clérigos de todas as religiões e até pela classe psiquiátrica (estes, considerado por ele os futuros amigos do AA). Ele sempre

²⁷ JUNAAB. "Alcoólicos Anônimos". 2001, p. 18.

procurou declarar que ninguém inventou Alcoólicos Anônimos, "*AA apenas cresceu pela graça de Deus.*"

2.2.1 As Doze Tradições e os Doze Conceitos de AA

As Doze Tradições²⁸ de AA são os princípios sugeridos para assegurar a unidade, a sobrevivência e o crescimento dos milhares de grupos de AA que compõem a Irmandade. Elas são baseadas na experiência dos próprios grupos durante os tempos cruciais da formação do movimento. Tratando-se dos aspectos de religiosidade observamos seus traços na 1ª, 2ª e 12ª tradição: A Primeira assinala que a recuperação individual depende da Unidade de AA. Esta unidade é algo que se deve sempre ter em mente, e sob quaisquer circunstâncias a mesma deve ser preservada: o *TODO* é mais importante que as partes que o compõem. A Segunda vem advertir que: "*somente uma autoridade preside, em última análise, ao nosso propósito comum, um Deus amantíssimo, que Se manifesta em nossa consciência coletiva*".²⁹ Essa prerrogativa constitui uma fonte de inspiração para os membros, objetivando sempre e principalmente que estes não tentem impor uma forma "correta" de trabalhar o programa para outros membros, aparentemente relutantes. E a Décima Segunda destaca o *anonimato* como o *alicerce espiritual* das suas Tradições, buscando sempre se lembrar da necessidade de colocar os princípios acima das personalidades.

Os Doze Conceitos para Serviços Mundiais³⁰ são uma interpretação de Bill W. sobre a estrutura de serviços mundiais de AA, e sua finalidade é demonstrar o porquê desta estrutura e para que as lições do passado não sejam esquecidas ou perdidas. Os Doze conceitos são devotados a descrever (devido ao grande crescimentos dos grupos) as relações entre os vários órgãos de serviço, e como eles funcionam uns com os outros. Logo no começo, foi constituída uma Fundação do Alcoólico, mais tarde rebatizada de Junta de Serviços Gerais, para ser responsável por nosso assuntos. Depois, com a morte do Dr. Bob, e com Bill encarando a sua própria

²⁸ As Doze Tradições se encontram no anexo deste trabalho, às pag. 103.

²⁹ JUNAAB. "*Os Doze Passos e As Doze Tradições*". 2012, p. 118.

³⁰ Os Doze Conceitos para Serviços Mundiais se encontram no anexo deste trabalho, às pag. 104.

mortalidade, fez necessário criar uma Conferência de Serviços Gerais no intuito de assumir a liderança que havia recaído sobre os co-fundadores de AA. Os Doze Conceitos carregam o mérito de ser um complemento (e não um princípio) para o Manual de Serviços de AA e para as Doze Tradições de AA, descrevendo conceitos até então não definidos por escrito, como os direitos de *decisão*, *participação*, *petição*, além do *princípio de autoridade*. Esses conceitos são caracterizados como uma série de procedimentos sugerida para orientar as atividades dos órgãos de serviços dentro da estrutura da Irmandade. Os Doze Conceitos começaram a ser gestados em 1947/ 48, quando Bill, pensando sobre o futuro de AA, aproximou-se do Dr. Bob e através de uma carta os apresentou como seguintes sugestões: que fosse concedido aos Grupos pleno controle sobre seus assuntos, e que os Grupos fossem vinculados ao conselho e ao escritório central, através daquilo que ele chamou de "*Conferência de Serviços Gerais*". Apesar do desejo de Bill, que esperava que os Conceitos fossem considerados como princípios, equiparando-os aos Doze Passos e às Doze Tradições a Conferência os considerou como procedimentos e, recomendou que, inicialmente, esse material fosse distribuído como suplemento ao "Manual do Terceiro Legado" – que existia desde 1951 (hoje "Manual de Serviços de AA") e, posteriormente como parte integral do próprio manual. Em 1962 a Conferência aceitou aquele "Código para o Escritório Central" que, com as devidas adaptações à nova situação, passou a se chamar "Os Doze Conceitos para Serviços Mundiais". Os Doze Conceitos (exceto o 12º que se refere às Garantias Gerais da Conferência) poderão ser alterados, ou emendados, pelas Juntas de Serviços Gerais de cada país membro (por esta circunstância não podem ser considerados princípios, uma vez que ficam sujeitos à conveniência de cada país membro e descaracterizando sua universalidade). Tratando-se da Irmandade de AA no Brasil, a Junta de Serviços Gerais de Alcoólicos Anônimos do Brasil – JUNAAB já usou desta prerrogativa para modificar o seu 8º Conceito.

2.2.2 Os Três Legados do AA

Esses três pilares fundamentais acima descritos vieram formar então os Três Legados³¹ básicos do AA, sendo eles: a recuperação do adicto, a Unidade do grupo, e a prestação de serviço como forma de gratidão por tudo que o AA lhe proporcionou. Esses três legados vêm na verdade compor a autêntica "*identidade do AA*", e se encontra simbolicamente representada por um logotipo com forma de triângulo inscrito em um círculo. Essa marca foi registrada pela Irmandade na Convenção do 20º Aniversário celebrada em St. Louis em 1955. Nesse logotipo, o pavilhão é uma bandeira na cor branca contendo no centro o emblema na cor azul. O **circulo** representa o AA no mundo inteiro e no centro dessa circunferência encontra-se um **triângulo** equilátero que simboliza os Três Legados de AA que são a **Recuperação**, a **Unidade** e o **Serviço**, encontrando-se disposto da seguinte forma: sua base representa a *Recuperação* sugerida pelos Doze Passos, o lado esquerdo representa a *Unidade* que é garantida pelas Doze Tradições e o lado direito representa o *Serviço*, que segundo a descrição de Bill, é a missão dos membros do AA em levar a mensagem ao alcoólico que ainda sofre.

O propósito primordial do AA é manter-se sóbrio e ajudar outros alcoólicos a alcançarem a sobriedade. Dr Bob, em uma de suas declarações sobre a importância do servir busca afirmar:

Passo muito tempo transmitindo o que aprendi àqueles que querem e precisam desesperadamente disto. Faço-o por quatro motivos: 1- Sentimento de dever. 2 - É um prazer. 3 - Porque, ao fazer isto, estou pagando minha dívida com o homem que encontrou tempo para me transmitir tudo isto. 4 - Porque, a cada vez que o faço, garanto-me um pouco mais contra uma possível recaída.³²

Segundo a filosofia do AA, é conveniente que a Irmandade esteja disposta a colaborar com quaisquer organizações que militem no campo do alcoolismo, sem no entanto, se filiar a elas ou ceder o nome de AA para não ferir as tradições da Irmandade. Faz-se necessário também observar que, qualquer pessoa ou instituição que queira entrar em contato com o modelo terapêutico dos AA, é de fundamental

³¹ O termo Legado, derivado do latim *legatu*, que quer dizer "dáviva deixada em testamento". Sendo este, o mesmo conceito empregado na Irmandade, no tocante ao levar adiante a missão iniciada pelos co-fundadores da Irmandade do AA, Bill e Bob. Disponível em "Nossa Língua Portuguesa":<http://nossalinguaportuguesa.com.br>. Acessado em 24/03/2012.

³² JUNAAB. "*Alcoólicos Anônimos*". 2001, p. 201-202.

importância se conscientizar de que a eficácia terapêutica passará pelo nível de comprometimento destas pessoas para com as prerrogativas da Irmandade. É por isso que a lógica de funcionamento dos AA intrinsecamente se dá em caráter *individualizante*: a pessoa deve se enquadrar e a sua recuperação passará, necessariamente, pela educação de sua vontade individual de beber.

Para seus participantes, os AA nada mais são do que um modelo, um apoio à sua vontade, termo este que se apresenta deste modo, como uma categoria própria do discurso dos AA e de seus participantes. Portanto, para a própria Irmandade, e para sua própria noção de pessoa, que consiste naquela que sofre do alcoolismo, para manter sua sobriedade, se interessada em entrar no programa de recuperação de um grupo de AA deve saber a *sua vontade de parar de beber constitui o fator primordial desse processo*, e sem esse pressuposto, muito pouco o AA poderá fazer.

Conforme assegura o Décimo Segundo Passo de AA: "*Tendo experimentado um Despertar Espiritual, graças a estes passos, procuramos transmitir esta mensagem aos alcoólicos e praticar estes princípios em todas as nossas atividades*".³³ Nesse Décimo Segundo Passo, é sugerido ao alcoólatra em recuperação colocar em prática o "Serviço"³⁴ (Terceiro Legado do AA), que é encarado pelos membros como um ato de gratidão por tudo que o AA lhe proporcionou. A metodologia de um profissional (seja ele médico, religioso, assistente social, delegado, promotor de justiça, juiz ou qualquer outro), em sua relação com um alcoólico, é muito diferente do costume do AA de compartilhar experiências e colocar em prática o Programa de Recuperação de Alcoólicos Anônimos. Estes profissionais trabalham sob o ponto de vista de suas especialidades, e é vital para a Irmandade, que eles entendam o programa do AA, bem como sua maneira de trabalhar com alcoólicos. Os trabalhos a serem executados pelas comissões exigem cuidados especiais que, se não forem considerados, poderão atrapalhar o seu funcionamento, por isso, seus integrantes devem ser AAs com uma boa capacidade de comunicação e um sólido conhecimento e prática dos princípios de Recuperação, Unidade e Serviço. A

³³ JUNAAB. "Os Doze Passos e As Doze Tradições". 2012, p. 94.

³⁴ O serviço nesse caso consiste em levar a mensagem do AA ao alcoólico que ainda sofre, que consiste basicamente em abordar o doente, apresentar a mensagem do AA, apresentar-se a como alcoólico em recuperação (abrir seu anonimato), convidá-lo para assistir a uma reunião de AA, entre outros. Refere-se também em prestar apoio a instituições e empresas que queiram desenvolver trabalhos de controle do alcoolismo em seu meio.

formação, procedimentos, manutenção financeira e membros das Comissões estão descritas no manual de Serviço de AA. Os princípios que os guiam como Irmandade estão contidos nas Doze Tradições.

Levando-se adiante esse legado, criou-se dentro da Irmandade o chamado "Comitê Trabalhando com os Outros" – CTO, cujo intuito é desenvolver trabalhos no sentido da mensagem fluir com a responsabilidade traduzida pelo cumprimento das Tradições de AA, especialmente dentro do espírito da cooperação. O conhecimento e a prática diária dos princípios contidos nas Doze Tradições de AA é que darão as diretrizes para os membros realizarem um bom trabalho no CTO. Nesses trabalhos é sempre útil enfatizar que as Doze Tradições afirmam que os membros fazem parte de uma Irmandade de iguais que busca ajudar os outros sem esperar crédito ou recompensa.

2.3 Influências junguiana na construção do processo terapêutico do AA

Retomando as teorias junguianas novamente, esse renomado psicanalista busca relatar que a superação de um quadro psicológico doentio pela admissão de uma atitude religiosa não se relaciona necessariamente com uma pertença religiosa institucional. Seguindo essa mesma ideia, chamo a atenção para tais aspectos, pois essa teoria de Jung me parece ter contribuído para que os AA tomassem a doença como uma **busca de si mesmo**,³⁵ numa espécie de *chamado* para uma *nova vida* sem se levar em conta o formalismo religioso:

Para algumas pessoas, a busca se inicia com uma simples, talvez, boa vontade para agir como se tivessem encontrado, enquanto para outras, ela

³⁵ O termo **si mesmo e/ou self**, muito enfatizado pelos psicanalistas Carl G. Jung e William James é caracterizado como o arquétipo central da psique humana. É o princípio ordenador e unificador da totalidade da psique consciente e inconsciente. O si mesmo constitui a maior autoridade psíquica e subordina o "eu" ao seu domínio, e se manifesta principalmente pela via dos instintos. O si mesmo atrai para si os demais arquétipos e harmoniza suas atuações nos complexos e na consciência, proporcionando, em situações normais, unidade e estabilidade à personalidade humana. O self pode também ser apontado como o ordenador dos processos psíquicos que integra e equilibra todos os aspectos do consciente como também do inconsciente. Disponíveis nos sites de pesquisa: www.rubedo.psc.br/dicjung/verbetes/psianali.htm "Psicologia Analítica - Dicionário Crítico de Análise Junguiana" e www.psicologiasandplay.com.br/psicologia-analitica "Psicologia Analítica / Psicologia Sandplay", acessados em 21/01/2013.

está nas reuniões de AA, no dom da arte de ouvir. Caso a irmandade seja vista como "o olho do furacão" ou um novo lar onde "a escuridão compartilhada torna-se a luz compartilhada", aqui em AA nós somos capazes de fazer juntos o que não conseguimos fazer sozinhos.³⁶

Essa representação pode possuir uma raiz gnóstica que induz a uma religiosidade imanente, baseado num comportamento de renúncia a partir da tentação individual de beber, e visando a um novo estilo de vida.

William James, enfatiza que o si mesmo/self se baseia em três experiências básicas do ser humano: a consciência reflexiva, que é o conhecimento sobre si próprio e a capacidade de ter consciência de si; a interpessoalidade dos relacionamentos humanos, através dos quais o indivíduo recebe informações sobre si, e a capacidade do ser humano de agir. O psicanalista Carl G. Jung considera que o si mesmo é o centro de toda a personalidade, e dele emana todo o potencial energético de que a psique dispõe:

Podemos dizer que a personalidade humana é constituída de duas partes: a primeira é a consciência e tudo o que ela abrange; a segunda é o interior de amplitude indeterminada da psique inconsciente. A personalidade consciente é mais ou menos definível e determinável. Mas em relação à personalidade humana, como um todo, temos de admitir a impossibilidades de uma descrição completa dela.³⁷

O self/si mesmo se apresenta como um projeto desde o início de nossa vida, e representa o objetivo do homem inteiro, a saber, a realização de sua totalidade e de sua individualidade, com ou contra sua vontade. Pode ser considerado como o modelo do ser humano completo, a matriz de todo progresso do ser, ou o padrão segundo o qual se desenvolvem as características de individualidade de cada um:

Em toda personalidade existe inevitavelmente algo de indelineável e de indefinível, uma vez que ela apresenta um lado consciente e observável, que não contém determinados fatores, cuja existência no entanto é forçoso admitir, se quisermos explicar a existência de certos fatos. Estes fatores desconhecidos constituem aquilo que designamos como o lado inconsciente da personalidade ... Tal conclusão será admissível sempre que consideramos o eu como subordinado ou contido num "Si-mesmo" (selbest) superior, que constitui o centro da personalidade psíquica total, ilimitada e indefinível.³⁸

A consciência da busca por si mesmo não tem data precisa para começar, mas uma vez iniciada não cessará jamais. Na verdade, ela sempre acompanha a vida do sujeito, ainda que de forma inconsciente, durante todas as fases anteriores ao início

³⁶ JUNAAB. *"Despertar Espiritual: Viagens do Espírito das Páginas de AA Grapevine"*. 2011, pg. 13.

³⁷ JUNG, Carl G. *"Psicologia e Religião"*. Vozes, Petrópolis, 1978, p. 45.

³⁸ JUNG, 1978, p. 45.

do despertar da consciência. Os símbolos do si mesmo geralmente ocorrem quando de alguma crise de vida, de um obstáculo com o qual o indivíduo não sabe lidar. Ele atua como a fonte criadora e reguladora de nossa vida psíquica. Entende-se que a dinâmica desse processo é o instinto, que vigia para que tudo o que pertence a uma vida individual figure ali, exatamente, com ou sem a concordância do sujeito, quer tenha consciência do que acontece, quer não:

De fato, é impossível determinar com exatidão a amplitude e o caráter definitivo da existência psíquica. Quando falamos aqui do homem, aludimos a uma sua totalidade que não pode ser delimitada e não pode ser susceptível de formulação, só podendo ser expressa por meio de símbolos. Escolhi a expressão "Si-mesmo" (selbest) para designar a totalidade do homem, a soma de seus aspectos, abarcando o consciente e o inconsciente.³⁹

Quando a consciência desperta para a busca de si mesmo, a pessoa faz a primeira grande descoberta: ela se conhece pouco, bem menos do que acreditava conhecer, e essa consciência a princípio, pode causar muita dor em algumas pessoas, curiosidade em outras e um total redirecionamento de vida para aquelas que aproveitam melhor essa oportunidade. O curioso desse processo é que você passa a ter uma sensação de que sabe cada vez menos, à medida que sabe cada vez mais a respeito de si, é como uma espécie de "*renascimento*".

Nesse processo de renascimento, o sujeito passa a se reconhecer não como melhor ou pior que os outros, mas simplesmente diferente. Reconhece-se que não se é nem tão bom quanto gostaria, mas também, nem tão mau quanto suas culpas os faziam parecer. Referindo-se ainda sobre o processo de renascimento, veja aqui o que Jung disse a respeito do paciente Roland H.:

O único caminho correto e legítimo para tal experiência é que ela nos acontece realmente, e só pode acontecer-nos quando caminhamos numa trilha que nos leva a uma compreensão mais elevada. Podemos ser levados a este objetivo por um ato da graça e por meio de um contato pessoal e honesto com amigos ou através de uma educação superior da mente, além dos limites do mero racionalismo. Vejo por sua carta que Roland H. escolheu o segundo caminho que foi, sob as devidas circunstâncias, obviamente o melhor.⁴⁰

Carl G. Jung entende que o desenvolvimento da psique consiste na verdade, em levar o indivíduo a tomada da consciência dessa totalidade, e que eventuais resistências em permitir o desenrolar natural desse processo, o qual é denominado

³⁹ JUNG, Carl G, "*Psicologia e Religião*". 1978, p. 87.

⁴⁰ JUNAAB. "*Despertar Espiritual: Viagens do Espírito das Páginas de AA Grapevine*". 2011, p. 18-19.

de *processo de individuação*,⁴¹ é uma das causas do sofrimento e das doenças psíquicas. Jung descreve a individuação como um processo através do qual o ser humano evolui de um estado infantil de identificação para um estado de maior diferenciação, o que implica uma ampliação da consciência. É o processo pelo qual o ser humano chega ao autoconhecimento, e é levado a estabelecer contato com o seu inconsciente, não só com o inconsciente pessoal (integrando as sombras), mas também como o seu inconsciente coletivo. Nessa integração, o que se faz é sempre a separação do que é consciente daquilo que é não consciente. Ele ressaltou que o processo de individuação não entra em conflito com a norma coletiva do meio no qual o indivíduo se encontra, uma vez que esse processo, no seu entendimento, tem como condição para ocorrer que o ser humano tenha conseguido adaptar-se e inserir-se com sucesso dentro de seu ambiente, tornando-se um membro ativo de sua comunidade. Para atingir a individuação, a pessoa precisa diferenciar e integrar todas as instâncias psíquicas em relação ao si mesmo e ao coletivo, resultando assim em um desenvolvimento do indivíduo no âmbito espiritual e coletivo. Para integração dos arquétipos torna-se necessário fazer essa distinção, caso contrário os conflitos continuam ou se intensificam e o objetivo desse processo ou sua etapa final é a chegada ao centro da personalidade, isto é: ao self. Vejamos o que Jung novamente assegura:

O ser humano é capaz de realizar coisas espantosas, desde que tenham sentido para ele. Mas o difícil é criar esse sentido. Naturalmente deve tratar-se de uma convicção, mas as coisas mais persuasivas que o homem pode imaginar são medidas pela mesma escala e se mostram insuficientes para que possam também protegê-lo com eficácia contra seus próprios desejos e temores.⁴²

Quando o indivíduo chega a esse centro, ele se realiza como indivíduo, como personalidade. A chegada ao self é, muitas vezes, precedida por angústia, ou por muita ansiedade. Essa ansiedade está associada à aquisição de uma maior consciência de si próprio, que o indivíduo está atingindo. A tomada de consciência é

⁴¹ O conceito de individuação constitui um dos conceitos centrais da psicologia analítica criada por Carl Jung. Um dos passos necessários para a individuação seria a assimilação das quatro funções: sensação, pensamento, intuição e sentimento. Através desse processo, o indivíduo identifica-se menos com as condutas e valores encorajados pelo meio no qual se encontra e mais com as orientações emanadas do si-mesmo, isto é: a totalidade. Essa totalidade, segundo Jung, é entendida como o conjunto das instâncias psíquicas tais como: persona, sombra, self, etc., de sua personalidade individual. Jung busca afirmar que poucos indivíduos alcançam a meta da individuação de forma mais ampla. Disponível no site: www.rubedo.psc.br/dicjung/verbetes/psianali.htm "Psicologia Analítica - Dicionário Crítico de Análise Junguiana", acessado em 01/02/2013.

⁴² JUNG, Carl G. "*Psicologia e Religião*". 1978, p. 83.

essencial, mas não é tudo, ela nos torna mais responsáveis por nós mesmos e por nossos atos, e a partir daí cabe a cada um decidir se vai ou não aceitar essa responsabilidade. Aquele que ouve e dá atenção à grande tensão interior que precede o processo do autoconhecimento, terá a chance de alcançar as profundezas do seu ser, e integrar a vivência dos arquétipos de forma consciente. A individuação geralmente é desenvolvida dentro de um processo terapêutico, mas também pode acontecer de forma natural. O ponto chave desse processo é jamais ignorar os sentimentos, enfrentar as angústias, os medos e as dificuldades com coragem, buscando a raiz, a fonte de onde se originam tais problemas. Apesar de doloroso, o processo de individuação, é o que libertará o indivíduo de uma vida massificada, totalmente dominada pelo ego.

2.3.1 Spiritus X spiritum:⁴³ álcool e AA como "poderes" em oposição

Enquanto a medicina classifica o alcoolismo como uma doença de ordem biopsicossocial, o AA porém, originalmente a classifica como uma doença física, mental e espiritual, alegando que etilismo não afeta somente o corpo, mas também o espírito, e assegura que para o adicto se recuperar fisicamente, faz-se igualmente necessário recuperar o seu espírito também doente. O alcoolismo é uma doença progressiva, e a partir de um determinado ponto, o sofrimento moral constitui ao mesmo tempo uma das maiores dores do alcoólatra como também um dos maiores obstáculos à sua recuperação, e por esse motivo, a realização de um "*minucioso e destemido inventário moral*" (sugestiva no 4º passo dos Doze Passos de AA) constitui-se num dos primeiros avanços do programa de recuperação. Conforme afirmativa dos primeiros AA, ao enfrentar esse quarto passo, o alcoólatra em recuperação vai se deparar novamente com o vício, em todas as suas frentes, e na prática desse quarto passo, são examinadas, principalmente, as deturpações dos instintos, que quando desenfreados, deixam de cumprir seus papéis naturais de auto preservação e crescimento e passam a ser forças destrutivas. Trazendo novamente

⁴³ "*spiritus x spiritum*": esta expressão faz referência a indicação de um caminho para um paciente alcoólico Rolland H., ao qual Dr. Carl Gustav Jung (médico, psiquiatra, psicólogo, cientista, pesquisador e escritor), depois de vários fracassos terapêuticos anteriores, só via uma experiência espiritual como única alternativa para tratar sua doença.

as ideias de Jung para o contexto da Irmandade do AA, veja o que ele afirma sobre o processo de transformação do indivíduo:

Tais problemas nunca serão solucionados por meio de uma legislação ou por artifícios. Só podem ser resolvidos por uma mudança geral de atitude. E esta mudança não se inicia a propaganda ou com reuniões de massa, e menos ainda com violência. Ela só começa com a transformação interior dos indivíduos. Ela produzirá efeitos mediante a mudança das inclinações e antipatias pessoais, da concepção de vida e dos valores, e somente a soma dessas metamorfoses individuais poderá trazer uma solução coletiva.⁴⁴

Na prática do inventário moral a pessoa é convidada a examinar seu comportamento e suas convicções no que se refere a alguns assuntos especialmente sensíveis, tais como família, sexo, dinheiro, poder, etc., e a busca da espiritualidade nesse caso, é de fundamental importância. Na dependência, a espiritualidade é particularmente imprescindível porque constitui uma maneira de alcançar o "cérebro de réptil humano".

Retomando um pouco do histórico pré-AA, no início dos anos 1930, um banqueiro e alcoolista norte americano chamado Roland H. procurou o eminente médico Dr. Carl Gustav Jung em sua clínica na Suíça a fim de tratar de seu alcoolismo. Dr. Jung, que durante quatro anos o tratou sem o menor sucesso, reconheceu as limitações da psicoterapia naquele caso e abdicando dos próprios recursos da medicina, declarou a esse paciente que sua única saída seria uma espécie de conversão religiosa, conforme se pode observar na seguinte declaração:

Rolland, cheguei à conclusão de que, à luz da medicina e da psicologia, o seu alcoolismo é um caso perdido. A única solução que antevejo para você é a seguinte: "Procure um programa espiritual que lhe desinfe o ego e lhe desenvolva a espiritualidade. Faça isso ou o alcoolismo o levará à morte."⁴⁵

Foi assim, desenganado pela ciência, que Rolland H. retornou aos USA e graças a sugestão deste médico, ingressou num dos Grupos Oxford, onde se recuperou e lá veio conhecer o cofundador da Irmandade de AA William Griffith Wilson (Bill W.), sendo que dessa vivência espiritual adquirida no Grupo Oxford, Bill W. logo veio alcançar também a sua sobriedade. No ano de 1960, com os AA já firmemente constituídos e afirmados como uma profícua terapia de auto-ajuda no combate ao

⁴⁴ JUNG, Carl G. *"Psicologia e religião"*. 1978, p. 83.

⁴⁵ JUNAAB. *"Despertar Espiritual: Viagens do Espírito das Páginas de AA Grapevine"*, 2011, p. 15.

alcoolismo, Bill W. escreveu uma carta⁴⁶ a Carl G. Jung em que lhe contava e agradecia a sua contribuição que, mesmo sendo de forma indireta, foi imprescindível para a formação de AA, a qual reconhecia sua importância como um profissional competente do ramo da psiquiatria que buscava avaliar o problema do alcoolismo não apenas como sendo um distúrbio físico ou mental, mas algo mais, tratava-se também de um problema de ordem espiritual. Essa afirmativa de Bill faz bastante sentido se levarmos em conta a seguinte análise de Jung, quando este declara que: *"O padecimento do doente vem da alma, de suas funções mais complexas e profundas, que mal ousamos incluir no campo da medicina. Nesses casos, o médico precisa ser psicólogo, isto é, um conhecedor da alma humana"*.⁴⁷ Bill salientava também nessa carta que tudo isso se deu quando daquela conversa em que ele (Jung) manteve com o seu ex paciente Roland H, quando este se tratava em sua clínica na Suíça. Sete dias após o recebimento da carta, em 30 de janeiro de 1961, Jung a respondeu e esta troca de correspondências se tornou famosa no interior da irmandade. Busco aqui transcrever o último trecho desta que vale a pena dar uma analisada por possuir um forte apelo religioso:

Tive de ser muito cuidadoso ao conversar com Roland H. Mas o que eu realmente conclui sobre o seu caso foi o resultado das minhas inúmeras experiências com casos semelhantes ao dele. A sua fixação pelo álcool era o equivalente, em nível mais baixo, à sede espiritual do nosso ser pela totalidade, expressa em linguagem medieval pela união com Deus. Você pode ser levado a essa meta por um ato de graça, ou através de um contato honesto e pessoal com amigos, ou através de uma educação mais elevada da mente, que vai além dos confins do mero racionalismo (...) Veja você "álcool" em latim, significa "espírito", e você usa a mesma palavra tanto para designar a mais alta experiência religiosa como para designar o mais depravador dos venenos. A receita então é spiritus contra spiritum.⁴⁸

A fórmula auxiliadora é pois "spiritus x spiritum", Jung remete-se à etimologia da palavra álcool (spiritus) que em latim significa "espírito" assim como também para experiência religiosa transformadora. Relaciona "spiritus" à negação, que no sentido psicanalítico significa um mecanismo de defesa que diminui a importância dos fatos. Essa negação faz parte dessa doença denominada alcoolismo e é considerada um

⁴⁶ Na referida carta Bill W relata para Jung a sua relação de amizade com um de seus pacientes, Roland H., sendo este um alcoólatra intratável. Este paciente se apegou ao aconselhamento de Jung para se valer de algum recurso de ordem religiosa na busca do trato da sua doença, pois somente por meio da medicina o resultado não seria eficaz. Daí Roland veio a se ingressar no grupo de Oxford (Livro "Despertar Espiritual", pag. 14-19). Cópia desta encontra-se no anexo deste trabalho, às pag. 108-111.

⁴⁷ JUNG, Carl G. *"Psicologia do Inconsciente"*. 1971, p. 09.

⁴⁸ JUNAAB. *"Despertar Espiritual: Viagens do Espírito das Páginas de AA Grapevine"*. 2011, p. 18-19 (Correspondência entre Bill W. e Carl G. Jung, datada de 30 de janeiro de 1961).

dos maiores obstáculos à recuperação do alcoólico. Na negação se inclui uma série de artifícios psicológicos destinados a reduzir a consciência do fato de que o uso do álcool é a causa dos problemas do alcoólico. Jung havia dito ainda ao seu paciente que ele ainda não havia obtido a *experiência espiritual necessária* e também sugeriu que seu édito "*Spiritus contra spiritum*" não era mais eficaz para a cura da dependência do que um segundo ingrediente, sendo este, a prática cotidiana da religiosidade, ao qual ele chama de "parede protetora da humanidade", para se fortalecer contra o mal:

Estou fortemente convencido de que o princípio do mal que prevalece neste mundo leva a necessidade espiritual não reconhecida à perdição, se não contar com a contra-reação de uma atitude verdadeiramente religiosa ou com a parede protetora da comunidade humana. Uma pessoa comum, não protegida por uma ação do alto e isolada da sociedade, não pode resistir ao poder do mal, que é chamado apropriadamente de demônio.⁴⁹

Logo pelo exposto, depreende-se que a recomendação de Jung ao seu ex paciente, de que somente uma experiência religiosa profunda poderia ser uma alternativa de "cura", é algo que também se busca e se valoriza em AA, quando seus membros atribuem sua "cura"/ sobriedade ao "Despertar Espiritual", "Poder Superior". Nesse sentido, Jung passou a ser bastante valorizado pelos membros de AA por sua "humilde afirmativa" de reconhecer que apenas a psicoterapia não seria a solução para seu paciente. A humildade deste profissional é a mesma que até hoje os membros de AA reconhecem também nos profissionais denominados "amigos de AA",⁵⁰ que enviam seus "pacientes" das mais diversas áreas para esta irmandade, num esforço conjunto de recuperação do indivíduo.

Através da tentativa da constituição de um grupo de autoajuda alternativo à terapêutica biomédica/psicologista ou religiosa, a formação dos grupos se daria única e exclusivamente a partir da vontade comum de parar de beber, e não através de um sentido identitário que passasse pela religião. Considera-se que o início da recuperação se fundaria em dois fatos importantes: primeiramente refere-se aos participantes admitirem terem passado pelas mesmas vivências. Essa mensagem

⁴⁹ JUNAAB. "*Despertar Espiritual*". 2011, p. 19 (Correspondência entre Bill e Jung, 30/01/1961).

⁵⁰ Faz-se referência principalmente aos profissionais das áreas de assistência social, jurídica e da saúde, que recomendam o AA para tratamento do alcoolismo bem como outras drogadições. Aqui em Vitória-ES pode-se citar o caso do Hospital da Polícia Militar - HPM, que já há bastante tempo vem fazendo uso da terapia dos Doze Passos do AA para tratar os casos de dependência química dos seus internos, bem como convidam membros do AA para realizarem reuniões de recuperação no interior do hospital, juntamente com os pacientes.

seria de que o encontro de dois alcoólicos (Bill e Bob), ambos ansiando a busca de solução para seus dramas pessoais (o alcoolismo), gera um efeito imediato, assim, neste *encontro entre semelhantes*, vê-se aí recuperada a ideologia primitiva do AA: *"somente um alcoólico pode ajudar um outro alcoólico"*. Além deste encontro outra constatação demonstra-se essencial: os dois concluem que o trabalho em conjunto (sugestiva do 12º passo dos Doze Passos de AA) para auxiliar outros alcoólicos os ajudam a manter a própria sobriedade. Segundo as próprias palavras de Bill W.: *"Grande sofrimento e grande amor são os nossos únicos disciplinadores"*. O companheirismo e o amor, ao qual AA chama de *"a linguagem do coração"*, são tão importantes para a recuperação quanto espiritualidade. Nesse processo de mútua ajuda o status do sujeito alcoólatra passa a adquirir um caráter especial: *"ao mesmo tempo doente e alcoólico em recuperação"*, e isso permite demonstrar ao companheiro que suas experiências particulares de dor e desordem são compartilhadas fazendo parte de uma ordem mais ampla, atribuindo um sentido mítico às tensões cotidianas a que o indivíduo é submetido na vivência da doença. A aproximação experimental parece ser a essência da descoberta da ajuda de um "poder superior": primeiro se apoia em outro ser humano que parece ter encontrado a resposta, e, então, se apoia no Poder Superior que se encontra atrás desse ser humano, isso leva a entender que no mais profundo de cada ser humano está a ideia fundamental de um Deus. Bill buscando tecer alguns considerações no entorno da leitura do livro *"As Variedades da Experiência Religiosa"* do autor Willian James, por sinal, seu livro de cabeceira, e que muito o encorajou, bem como o direcionou para descrever os Doze Passos de AA, fez a seguinte observação a dos despertares espiritual espirituais: *"James achava que as experiências espirituais poderiam ter realidades objetiva, quase do mesmo modo como as dádivas do céu poderiam transformar as pessoas"*,⁵¹ e diante da análise de quase todas se relacionavam a fatos de dor e sofrimento, Bill chega à seguinte conclusão:

Dessa forma, é preciso que todos nós aceitemos qualquer dádiva positiva que recebamos, com profunda humildade, tendo sempre em mente que nossas atitudes negativas foram em primeiro lugar necessárias, como um meio de nos reduzir a estado tal que nos deixasse prontos para receber uma dádiva positiva, através da experiência da conversão. Nosso próprio alcoolismo e a imensa deflação, que finalmente daí resultou, constituem na verdade a base sobre a qual repousa nossa experiência espiritual.⁵²

⁵¹ JUNAAB. *"Alcoólicos Anônimos Atinge a Maioridade: uma breve história de AA"*. 2001, p. 56.

⁵² JUNAAB, 2001, p. 58.

Detectando a relação entre o álcool e o Poder Superior, somente quando se chega a acreditar firmemente que se é impotente perante o álcool, somente quando se apela para um Deus, e que experimenta um despertar espiritual é que se fortalece na fé. A experiência libertadora vem primeiro, em seguida vem a fé, uma grandiosa dádiva para o alcoólatra sofredor, pois à medida que sua fé vai fortalecendo mais força ele ganha na caminhada em busca da sua sobriedade.

3 ESPIRITUALIDADE x RELIGIÃO x AA: múltiplos olhares

Este capítulo procurará abordar o tema "Espiritualidade e Religião", sob as diferenciadas óticas científica: Mircea Eliade, Émile Durkheim, Carl G. Jung, William James, José Severino Croato, Rodolf Otto, Paull Tillich e William E. Paden), e também sob o ponto de vista da Irmandade dos AA. Primeiramente, faz-se necessário diferenciar *espiritualidade* de *religião*, uma vez que existe uma confusão muito grande na sociedade quando esse tema é posto em evidência. Para a grande maioria dos estudiosos sobre esse tema, caracteriza a espiritualidade como a experiência humana universal do divino (sagrado, transcendente), e tem a ver com o sentimento mais profundo de que a vida não se completa sozinha. Já a religião é a maneira como o ser humano organiza e vivencia sua experiência de transcendência, ou seja, é a regulamentação de como cada indivíduo desenvolve e pratica a sua espiritualidade. Aceita-se geralmente que religião vem do latim "**religare**" que significa *ligar, unir*, ou seja, religião é o meio de religar o homem a Deus (com ela o ser humano exprime e realiza seu contato com Deus). Tillich,⁵³ discorrendo o pensamento de Schleiermacher descreve a religião como "*sentimento de dependência incondicional*". É através da religião que se compreende a presença do natural (o homem) se relacionando com o sobrenatural, o divino/sagrado(Deus). Atualmente o termo religião está sendo fortemente empregado no sentido de institucionalização, embora ela continue sendo um espaço para o exercício da espiritualidade.

Todas as civilizações passadas e atuais sobre as quais se dispõe de documentação confiável apresentaram ou apresentam algum tipo de manifestação religiosa. Na atualidade, continuam existindo diferenças significativas em termos da compreensão

⁵³ TILLICH, Paul. "*Dinâmica da Fé*". Sinodal, São Leopoldo, 1974, p. 29.

do que sejam religião, religiosidade e espiritualidade, segundo perspectivas teológicas, sociológicas e psicológicas, o que favorece um uso intercambiável desses termos, gerando sinonímia e pouca clareza. A religião, de acordo com Durkheim, dá ênfase à relação entre o sagrado e o profano e remete a questões sagradas exercidas no seio de uma instituição, e a religiosidade remete à dimensão pessoal:

Toda ordem de coisas que ultrapassa o alcance de nosso entendimento; o sobrenatural é o mundo do mistério, do incognoscível, do incompreensível. A religião seria portanto uma espécie de especulação sobre tudo o que escapa à ciência e, de maneira mais geral, ao pensamento claro.⁵⁴

Para o autor, religião remete a questões sagradas exercidas no seio de uma instituição, ligadas a estruturas formais, hierárquicas, relativamente fechadas, dogmáticas e, principalmente, relacionadas às questões do pós-morte. O termo religião está ligado, fundamentalmente, a um sistema de dogmas, de crenças e de rituais, ou seja, a uma dimensão institucional. A espiritualidade está ligada a aspectos subjetivos da experiência de busca pelo sagrado, a uma questão de natureza pessoal, enquanto resposta a aspectos fundamentais da vida sobre significado e sobre relacionamento entre o sagrado ou transcendente, o qual pode ou não levar ao desenvolvimento de rituais religiosos e à formação de comunidades. Berger, na sua obra "O Docel Sagrado", ao buscar reconstruir o conceito de religião a partir das ideias de Rudolf Otto e Mircea Eliade,⁵⁵ vem conceituar que:

A religião é o empreendimento humano pelo qual se estabelece um cosmo sagrado. Ou por outra, a religião é a cosmificação feita de maneira sagrada. Por sagrado entende-se aqui uma qualidade de poder misterioso e temeroso, distinto do homem e todavia relacionado com ele, que se acredita residir em certos objetos da experiência.⁵⁶

Em termos sociológicos, esta dimensão institucional é central na definição de religião. Resumidamente, pode-se afirmar que religião remete, sobretudo, à dimensão institucional, e religiosidade, à dimensão pessoal, incluindo experiências místicas, mágicas e esotéricas. Por meio da religião o homem interage com Deus e, esta experiência lhe apresenta um mundo paralelo: é como se fosse reinventado um

⁵⁴ DURKHEIM, Émile. *"As Formas Elementares da Vida Religiosa"*. Martins Fontes, São Paulo, 2000, p.03.

⁵⁵ Referindo-se ao primeiro autor, trata-se da obra "O Sagrado", referindo-se ao segundo, trata-se da obra "O Sagrado e o Profano".

⁵⁶ BERGER, Peter. *"O Docel Sagrado: Elementos para uma teoria sociológica da religião"*. Paulinas, São Paulo, 1985, p. 38.

novo mundo sobre os seus pés, cheios de conceitos, valores e atitudes provenientes desta experiência ímpar. A religiosidade porém, é uma qualidade nata do ser humano. Para o antropólogo Clifford Geertz, uma das principais funções sociais da religião consiste exatamente na garantia de sentido e na possibilidade de uma construção coletiva identitária. Na visão do autor, o mundo não funciona apenas com crenças, mas, dificilmente conseguirá sobreviver sem elas:

Comunal, mas pessoal. A religião, sem interioridade, sem uma sensação banhada em sentimento de que a crença importa tremendamente, de que a fé sustenta, cura, consola, corrige as injustiças, melhora a sorte, garante recompensas, explica, impõe obrigações, abençoa, esclarece, reconcilia regenera, redime ou salva, mal chega a ser digna desse nome.⁵⁷

O autor considera que a fé não se constrói na solidão e por mais nociva que possa ter sido a modernidade para a necessidade humana do homem religioso, fato é que a religião pode muito ainda crescer num mundo desencantado. A religião/religiosidade não deverá perder seu espaço dentro da sociedade contemporânea, e sim, adequar-se a ela. O caminho para redescobrir existencialmente o lugar de Deus, a ser trilhado pela comunidade religiosa, poderia passar pelo reconhecimento da transcendência inerente à universalidade dos valores verdadeiramente humanos e pela efetiva restauração da linguagem simbólica, que aponta e faz reconhecer a existência indiscutível de um Outro, a que denominamos Deus.

A espiritualidade é a busca do mistério da existência humana, uma dimensão da pessoa que traduz, segundo diversas religiões e confissões religiosas, o modo de viver característico do homem religioso que busca alcançar a plenitude da sua relação com o transcendente. Croato,⁵⁸ coloca em evidência o conceito do homem religioso, que sob a ótica de G. Van der Leeuw: "*O ser humano religioso é aquele que, em sua atitude e em seu comportamento, vive a ação daquela força transcendente, manifestada nas coisas ou em determinados seres*". Cada uma das referidas religiões comporta uma dimensão específica a esta descrição geral, mas, em todos os casos, se pode dizer que a espiritualidade traduz uma dimensão do ser humano, enquanto é visto como ser naturalmente religioso, que constitui, de modo temático ou implícito, a sua mais profunda essência e aspiração. A Religião é a

⁵⁷ GEERTZ, Clifford. "*Nova Luz Sobre a Antropologia*". Jorge Zahar, Rio Janeiro, 2001, p. 159.

⁵⁸ CROATO, José Severino. "*As Linguagens da Experiência Religiosa*". 2001 p. 53.

expressão de que a consciência humana registra a sua relação com o inefável, demonstrando a sua convicção nos poderes que lhes são transcendentais. Esta transcendência é tão forte, que povoa a cultura humana, e que, segundo Croatto constitui a essência da experiência religiosa. E nessa relação do homem com o sagrado (transcendente), ao qual chamamos de Deus, é o que vem constituir a base de todas as religiões.

3.1 Irmandade de AA: grupos espiritualista, religioso ou irreligioso?

Mesmo tendo-se em vista que a religião ou espiritualidade são antes de mais nada, uma experiência, deve-se ter em foco que a experiência, em um primeiro momento pode-se remeter a instâncias individuais e adquire sentido através de referenciais coletivos, e foi em busca destes referenciais que se instruirá a percepção da vivência considerada espiritual, que se desenvolve na argumentação presente. A religião, que fundara as sociedades antigas e as governou por muito tempo, igualmente moldou a alma humana e emprestou ao homem o seu caráter, continua ainda hoje, possuindo um papel imprescindível na vida da sociedade, O historiador e fenomenólogo das religiões Mircea Eliade, enfatiza que o ser humano que crê, considerado em sua dimensão mais profunda, o "homo religiosus", possui um comportamento peculiar:

O ser humano religioso possui um comportamento especial. Qualquer que seja o contexto histórico no qual esteja imerso, o homo religiosus acredita sempre que exista uma realidade absoluta, o sagrado, que transcende este mundo, mas que se manifesta nele, e por isso mesmo, santifica-o e o faz real.⁵⁹

Uma vez que a religião se encontra presente na vida do ser humano desde os tempos primórdios, pode-se dizer então que ela surge da necessidade de promover um mundo melhor do que o oferecido pelas condições sociais de vida, e sob o ponto de vista da Irmandade do AA, a relação humano/sagrado é uma necessidade diária. A Literatura do AA assegura que eles constituem uma "irmandade" formada por pessoas que compartilhavam as experiências de sofrimento e degradação que constituiria o alcoolismo, e além acrescenta-se, compartilham do resgate e recuperação de outras pessoas que como seus integrantes padecem do mesmo

⁵⁹ CROATO, José Severino, apud Eliade. *"As Linguagens da Experiência Religiosa"*. 2001, p. 58.

sofrimento. É dito enfaticamente pela Literatura do AA que a essa Irmandade não se encontra ligada a nenhuma seita ou religião:

Alcoólicos Anônimos é uma irmandade de homens e mulheres que compartilham suas experiências, forças e esperanças, a fim de resolver seu problema comum e ajudar outros a se recuperarem do alcoolismo. O único requisito para se tornar membro é o desejo de parar de beber. AA não está ligada a nenhuma seita ou religião, nenhum partido político, organização ou instituição; não deseja entrar em qualquer controvérsia; não apoia nem combate quaisquer causas. Nosso propósito primordial é mantermo-nos sóbrios e ajudar outros alcoólicos a alcançarem a sobriedade.⁶⁰

Uma religião na visão do AA, bem como na dos seus membros, seria caracterizada pela imposição de uma doutrina que teria como função apresentar a divindade e conseqüentemente seus valores e relações com o mundo. A escolha da “espiritualidade” em contraposição à “religião”, é um dos indícios que remetem a esta constatação, pois é dito no grupo que ali a fé é verdadeira, “*com obras*”, ações que trariam este caráter de espiritualidade, construindo uma vida espiritualizada e assim contraposta à religião, considerada o espaço dos dogmas, da superficialidade de crenças, cujo maior interesse seria a conversão dos sujeitos a seu próprio modo de ver. A irmandade de AA, como visto nesses enunciados, ensina a “fé verdadeira”, pois o que funciona, portanto, é espiritualidade e não a religião. A bem da verdade, a Irmandade AA nada tem a ver com religião enquanto instituição dogmática.

O prefácio⁶¹ do Livro “Alcoólicos Anônimos” (popularmente chamado de Livro Azul afirma que *“Alcoólicos Anônimos não é uma organização religiosa.”* As bases espirituais de AA desenvolveram-se a partir da experiência intelectual de três homens, sendo eles: William James por meio da sua obra “As Variedades da Experiência Religiosa”, datado de 1902, Carl G. Jung com sua advertência “Spiritus contra spiritum” e o co-fundador de AA, Dr. Bob, com seu permanente interesse por religião comparativa. Profundamente desconfiado de todas as religiões organizadas, cada um destes homens era um dedicado estudioso do conceito de cura presente em todas as religiões. Embora não sendo um religioso, as teorias do psicólogo William James em muito contribuiu para diversas análises dos fenômenos religiosos. O seu livro é constantemente citado nos depoimentos de membros de AA, cuja presente obra nos conduz a uma abordagem pragmática da questão religiosa. Este livro, é considerado uma obra pioneira em um ramo da psicologia, chamado de

⁶⁰ Informações constante no preâmbulo da Irmandade de AA, (cópia no anexo deste trabalho).

⁶¹ JUNAAB. “Alcoólicos Anônimos”. 2001, p. 05.

psicologia transpessoal, a qual se ocupa do que o próprio James chamou de "Consciência Cósmica", ou seja, um estágio de consciência que transcende os limites do indivíduo, abarcando, assim, os estágios da consciência típicos dos fenômenos religiosos. Nele a religião é considerada como uma experiência, como uma vivência, e não apenas como uma crença na experiência alheia, e isso se explica talvez o fato deste livro ter tido tanta influência para os membros de AA.

Desde o início AA não fez nenhuma distinção clara entre Deus e "a Irmandade", houve uma permissão tácita, se não explícita, para substituir o conceito de Deus pelo de "um Poder Superior a nós mesmos", ao qual Jung define como "*a parede protetora da comunidade humana*." A característica espiritualista dos Grupos AA impregna a totalidade de sua prática e de sua filosofia, e a leitura de trechos da Literatura do AA juntamente com a "**Oração da Serenidade**",⁶² bem como a partilha⁶³ da palavra são partes do exercício da espiritualidade do grupo, incluída como manifestação de entrega ao Poder Superior e assim um dos elementos do processo de recuperação do alcoólatra, sendo que, nos seus testemunhos, os membros da Irmandade atestam sua 'ressurreição' revelando assim que ele sente-se objeto de um verdadeiro milagre. A Oração da Serenidade é parte do exercício da espiritualidade do AA, incluída como manifestação de entrega ao *Poder Superior* e assim um dos elementos da *recuperação*, e se encontra ligada à tradição, à força da irmandade e a seus símbolos. Essa prece é antes de tudo ato e enquanto tal corresponde a certo esforço, investimento de energia física e moral, visando à produção dos efeitos desejados. Constitui assim mais do que mera especulação sobre o mito ou dogma que encerra. Ao recitar no início de evento a Oração, pede ao Senhor, que é o *Poder Superior*, para que lhe conceda os atributos do *alcoólico em recuperação*.

Nessa Oração encontram-se combinadas às noções que consubstanciam a ação do AA, por portar os princípios da própria *recuperação*, meta final do grupo. Os

⁶² "Concedei-nos Senhor, a serenidade necessária para aceitar as coisas que não podemos modificar; coragem para modificar aquelas que podemos, e sabedoria para distinguir umas das outras". Esta oração não é de autoria da irmandade de AA. Acredita-se que a mesma seja de autoria do teólogo Rinhold Niebuhr, sendo criada no ano de 1943. Disponível em: <http://www.aa-areasp.org.br/portal/serenidade.html>. Acessado em 02/03/2012.

⁶³ O termo partilha é comumente usado nas reuniões de AA e se refere aos discursos individuais dos membros. Essa partilha constitui uma troca de experiência relacionada ao drama do alcoolismo e a sua vivência no AA que busca enfatizar a relevância da irmandade para adquirir sua sobriedade.

discursos não só descrevem o real mas o configuram, daí também a perspectiva do poder das palavras e da oração como constituinte da realidade do adepto. Rodolf Otto em sua obra “O sagrado” enfatiza que *o homem se encontra em constante relação dependência com o sagrado (divino)*, e essa ideia de dependência humano/divino, é constantemente posta em evidência na filosofia da irmandade de AA, conforme:

Viemos a acreditar que um Poder Superior a nós mesmos poderia devolver-nos à sanidade, e decidimos entregar nossa vontade e nossa vida aos cuidados de um Poder Superior, na forma em que O concebíamos.⁶⁴

O que contribui para enquadrar mais uma vez o AA como entidade de caráter não religioso, e sim espiritualista. A busca da espiritualidade constitui a essência do modelo terapêutico do AA, e esse conceito forma o alicerce (base fundamental) do programa dos “Doze Passos do AA”. A vivência constante desses Doze Passos é a ferramenta pela qual o indivíduo alcoólatra busca se afastar do vício e encontrando assim a sua sobriedade.

3.1.1 Intertextualidade religiosa na Literatura do AA

Embora não adotando nenhuma religião em particular, a irmandade de AA assimilou e incorporou aos seus princípios básicos alguns ensinamentos espirituais e morais, comuns a todas as denominações religiosas, mais esses pressupostos não faz dela uma sociedade religiosa, pois não impõe nenhuma crença religiosa definida como condição para ser membro. Embora aprovada e apoiada por muitos líderes religiosos, não é ligada a nenhuma organização ou seita. Entre seus membros encontram-se católicos, protestantes, judeus, membros de outras religiões, agnósticos e ateus.

Uma das grandes influências do campo religioso que serviu como inspiração para a fundação dos grupos de AA foi a teoria religiosa do renomado psiquiatra suíço Carl G. Jung. Esta afirmativa encontra-se registrada por Bill W. em uma carta remetida ao

⁶⁴ JUNAAB. “*Despertar Espiritual: Viagens do Espírito das Páginas de AA Grapevine*”. 2011, p. 232 (Os Doze Passos de Alcoólicos Anônimos, itens II e III).

médico no ano de 1961. Mesmo sem conhecer Jung, Bill procura escrever-lhe tal carta no intuito de lhe fazer grande agradecimento pela contribuição que suas convicções religiosas deram para o surgimento da Irmandade, e juntamente com a mesma, envia-lhe de presente dois livros: "Alcoólicos Anônimos" e "Alcoólicos Anônimos Atinge a Maioridade", nos quais Bill relata sua própria experiência religiosa que o fez libertar definitivamente da obsessão pelo álcool. As ideias religiosas de Jung fez também com que Bill W. viesse a incorporar alguma prática religiosa em sua vida e logo se aderiu aos Grupos de Oxford. Sobre os Grupos Oxford, é sabido que estes eram considerados como um movimento evangelizador que floresceu no século XIX, nos EUA, entre os anos 20 e início dos 30, liderados por um ex pastor luterano, Dr. Frank Buchman, e cujo intuito era pregar o renascimento espiritual da humanidade na busca de um estilo de vida mais fiel aos ideais cristãos. Dentre as atividades do grupo destacavam-se vários encontros semanais para leitura e reflexão da Bíblia Sagrada, juntamente com o comprometimento de seus membros em fazer prevalecer a honestidade.

Outra grande influência de ordem espiritual que Bill vivenciou foi as tendências religiosas do renomado médico Nova-iorquino Dr. William D. Silkworth. Ao se tratar do alcoolismo (mesmo que sem sucesso) com o Dr. Silkworth, Bill veio descobrir que o alcoolismo se caracterizava como uma doença incurável, porém, através de uma experiência espiritual e não médica ele consegue se livrar de sua obsessão pela bebida. Bill, ao relatar tal experiência ao Dr. Silkworth recebe um aconselhamento para se voltar para algum tipo de religiosidade, vindo daí maior incentivo para sua participação no grupo de Oxford:

Embora não conseguisse aceitar todos os dogmas dos Grupos Oxford, ele se convenceu da necessidade de um inventário moral, da confissão dos defeitos de personalidade, da reparação junto aos que havia prejudicado, da ajuda ao próximo e da necessidade de acreditar e de confiar em Deus.⁶⁵

Conforme pode se observar na literatura, sua experiência veio a convencer outro alcoólico intratável, o Dr. Bob S. a buscar uma terapia espiritual e ele veio a aderir também ao grupo e a partir de então deu-se o marco inicial da fundação da irmandade de AA. O uso de orações tipicamente cristã são comumente empregada nas reuniões da irmandade, a exemplo cita-se a oração do "Pai Nosso" e a "Oração

⁶⁵ JUNAAB. "Alcoólicos Anônimos". 2001, p. 14.

de São Francisco de Assis", conforme se pode observar em trechos da obra "Compartilhando a Sobriedade", faz referência à incorporação da Oração da Serenidade conforme a seguir:

A difusão da oração - Com uma rapidez assombrosa, escreve Bill, a Oração da Serenidade começou a ser utilizada de uma maneira geral, que veio ocupar o seu lugar junto às nossas outras duas favoritas, O Pai Nosso e a Oração de São Francisco.⁶⁶

Demais influências do cristianismo podem evidentemente ser encontradas em quase todas as literaturas do AA como a seguir, o modo de como Jesus Cristo se relacionava com as pessoas:

A seguir, os conservadores argumentaram, com tremendo impacto, que o homem da Galiléia não havia disposto nem de agente publicitário, nem de jornais, nem brochuras, nem de livros - nada, exceto a mensagem transmitida de pessoa a pessoa, o espírito de grupo a grupo. Por que haveríamos de nos desviar do seu exemplo? haveríamos de usar gritaria ao invés de demonstração pessoal? Preferiríamos a glorificação em público à singeleza, à humildade, ao anonimato?⁶⁷

Outros dois aspectos tipicamente religioso que se pode presenciar na Irmandade de AA são os processos de *conversão*⁶⁸ e *apadrinhamento*.⁶⁹ Para que o indivíduo possa fazer parte de qualquer segmento religioso, um dos requisitos se dá no fato do mesmo passar pelo processo de conversão, isto é, de aceitação da doutrina da religião em que deseja ingressar. Tratando-se da Irmandade de AA essa realidade não é muito diferente: faz-se necessário que o doente, por decisão sua passa pelo *processo de conversão de alcoolista para alcoolista em recuperação*. Partindo-se da primeira à terceira sugestão constante nos 12 Passos dos Alcoólicos Anônimos, o alcoólatra, após ter perdido total domínio sobre sua vida vem a admitir sua impotência perante o álcool, e nessa decadência, passa a acreditar que somente um Poder Superior a si mesmo poderá devolver-lhe a sanidade, e num processo de conversão, decide entregar sua vontade e sua vida aos cuidados de Deus, na forma

⁶⁶ JUNAAB. "Compartilhando a Sobriedade". 2003, p. 26.

⁶⁷ JUNAAB. "Compartilhando a Sobriedade". 2003, p. 23.

⁶⁸ O processo de conversão consiste em uma mudança de atitude: arrepende-se de algo que reconhece estar errado e mudar de atitude para o fazer correto. A grosso modo, a conversão pode ser encarada como o reconhecimento de que se está percorrendo por um caminho e tomar a atitude de seguir outro caminho.

⁶⁹ Padrinho pode ser conceituado como pai espiritual. Na irmandade de A. A. o apadrinhamento consiste no ato de um membro mais velho ser escolhido para "acompanhar" afetivamente e espiritualmente o membro recém chegado. O padrinho tem como função ajudar o apadrinhado na caminhada e no crescimento da fé espiritual, além de auxiliá-los na condução dos problemas, principalmente oferecendo-lhes força moral e espiritual para evitar as recaídas e manter sua sobriedade.

em que O concebe. Nesse processo de conversão o alcoólatra pede seu ingresso na Irmandade e é escolhido entre os membros do grupo um para ser o seu padrinho. A prática do apadrinhamento é muito enfocada na literatura da Irmandade do, inclusive, o chamado Livro Azul (Alcoólicos Anônimos) traz consigo um capítulo sob o tema "Trabalhando com os Outros" que atua como referência para atuação dos futuros padrinhos. A ideia de apadrinhamento se encontra em conformidade com os princípios do catolicismo cristão, bem como outras religiões que também adotam essa prática como simbolismo do espírito de acolhimento, orientação, fraternidade e doação. O apadrinhamento consiste também numa forma de pseudo parentesco que de certo modo contribui facilitar a gestão dos dramas pessoais de cada membro dentro da irmandade uma vez que o novato passa a entender que todos ali, inclusive seu padrinho passa por sofrimentos semelhantes.

3.1.2 Grupos de Oxford e sua influência na formação do AA

O Grupo de Oxford caracteriza-se por ser uma organização religiosa cristã, fundada em 1908 pelo americano Dr. Frank Buchman. O seu marco inicial consiste de uma transformação espiritual vivida por Frank Buchman, ao qual mudou sua vida. Ao graduar-se em junho desse ano, ele fundou uma igreja na Philadelphia (Church of the Good Shepherd). A igreja prosperou, e começou um asilo para jovens que se espalhou para outras cidades, e então ele começou um novo projeto. Frank teve nessa ocasião uma discussão violenta com o comitê gestor porque cortaram o orçamento e a cota de alimento. Após esse episódio, Frank foi para a Europa e acabou por parar numa grande Convenção Religiosa em Keswick, Inglaterra. A transformação espiritual ocorreu quando ao ouvir uma conversa da mulher do orador sobre a cruz de Cristo, passou a refletir sobre o abismo que o separava de Cristo, abismo este que produziu em si um sentimento o qual não pode suportar. Voltou a sua casa e escreveu a cada um dos seis procuradores na Philadelphia a seguinte

mensagem: *"Meu caro amigo. Guardei rancor de você. Sinto muito. Você me perdoará? Sinceramente, Frank."*⁷⁰

Sobreveio a partir dessa experiência, um grande sentimento, seguido de um forte desejo de compartilhar o que havia vivenciado. Quando foi à Universidade de Oxford formou um grupo evangélico entre os líderes de estudante e atletas. Com o passar do tempo esse movimento se alastrou, e nos próximos vinte anos outros grupos vieram a se formar na Inglaterra, Escócia, Holanda, Índia, África do Sul, China, Egito, Suíça, América do Norte e a do Sul. Praticavam rendição absoluta, direção de suas vidas por um Espírito Santo, compartilhar experiências, companheirismo, mudança de vida, fé e oração. Apontaram para padrões absolutos de Amor, Pureza, Honestidade, e eliminação do total do egoísmo, que foram introduzidos nos primeiro grupos de AA em Akron e Cleveland e Nova Iorque. Acima de tudo no grupo existia um companheirismo: "O Companheirismo Cristão do Primeiro Século." Levavam sua mensagem agressivamente aos outros. Reuniam-se em igrejas, universidades, e lares. O Grupo de Oxford procura viver o cristianismo, baseando-se na obra consumada de Jesus Cristo, conforme estabelecido no Novo Testamento. Seu objetivo é trazer o sujeito à vida, e tornar real para cada pessoa os artigos de fé com que sua própria Igreja oferece.

Em 1918 durante suas viagens, Frank Buchman encontrou um trabalhador jovem da YMCA, Sam Shoemaker , na China e o converteu aos princípios do Grupo de Oxford. Anos mais tarde, Sam tornou-se o ministro da Igreja do Calvário em Nova Iorque, e essa mesma igreja tornou-se o quartel general titular para o Grupo de Oxford nos Estados Unidos. (O nome foi mudado em 1928 de "Companheirismo Cristão do Primeiro Século" para "Grupo de Oxford."). O Grupo de Oxford e seus princípios foram levados aos Estados Unidos de modo que existiam em ambas as cidades de Nova Iorque e Akron, quando Bill Wilson e Dr. Bob Smith encontraram-se usavam seus respectivos bottons dos Grupos Oxford. Estes dois grupos amparariam e ensinariam seus princípios aos nossos co-fundadores. AA no seu início recebeu as ideias de autoconhecimento, reconhecimento de defeitos de caráter, reparação para dano causado, e trabalhando com outros diretamente dos Grupos de Oxford e

⁷⁰ Pesquisa realizada através do site oficial da Irmandade de Alcoólicos Anônimos no Brasil, www.alcoolicosanonimos.org.br/, em data de 02/02/2013.

diretamente de Sam Shoemaker, o primeiro líder desse grupo na América. Antes de se conhecerem, Bill e Dr. Bob tinham começado suas cruzadas contra o álcool a partir do apoio da religião, através do Grupo Oxford, entretanto, a interação com o referido Grupo Oxford não ofereceu ao Dr. Bob a suficiente ajuda para alcançar a sobriedade. Os Grupos Oxford são uma sociedade evangélica, composta em sua maior parte por pessoas não alcoólicas, que defendia a aplicação de valores espirituais universais na vida diária sob quatro aspectos absolutos, os quais constituía a sua espinha moral: honestidade absoluta, pureza absoluta, generosidade absoluta e amor absoluto. Os Grupos Oxford da América daquela época eram dirigidos pelo renomado clérigo episcopal Dr. Samuel Shoemaker, e sob a ótica de Bill, a pedagogia desses Grupos não buscava entender a doença do alcoolismo, mas converter o alcoólatra, segundo ele *"a agressiva pressão sobre eles, fazia-os voar alto como os gansos durante algumas semanas e depois desabar pesadamente"*.⁷¹

Eles se queixavam também, de outra forma de coerção – alguma coisa que o Grupo chamava de *"guiar os outros"*: Um time de membros não alcoólicos do grupo sentava-se com algum alcoólico e depois de um tempo quieto, vinha com precisas instruções de como o alcoólico deveria passar a dirigir sua própria vida. Eles também praticavam um tipo de confissão, que era chamada de "compartilhamento", e a reparação por danos causados era denominada de "restituição". Eles praticavam também um tipo de meditação na qual se buscava a orientação de Deus para cada detalhe de suas vidas, grandes ou pequenos, prática essa denominada por eles como "tempos quietos". Estas ideias básicas não eram novas elas poderiam ser encontradas em outros lugares, mas para os primeiros alcoólicos a contatar os Grupos Oxford, a salvação foi que eles davam grande ênfase a estes princípios e tomavam um cuidado muito especial em não interferir com a visão religiosa pessoal de cada um:

A meditação é algo que pode sempre ser desenvolvido. ela não tem limites, tanto na extensão quanto na altura. Embora possamos ser auxiliados por qualquer instrução ou exemplo que encontramos, ela é essencialmente uma aventura individual que cada um de nós realiza à sua maneira. Porém seu objetivo é sempre o mesmo: melhorar nosso contato consciente com Deus, com Sua graça, sabedoria e amor.⁷²

⁷¹ JUNAAB. *"Alcoólicos Anônimos Atinge a Maioridade: uma breve história de AA"*. 2001, p. 43.

⁷² JUNAAB. *"Os Doze Passos e As Doze Tradições"*. 2012, p. 90.

A sociedade deles, como mais tarde também a Irmandade de AA, via-se na necessidade de ser absolutamente independente de qualquer religião. A religião nesse caso, haveria de ser purificada pela fé, de modo que chegue a não mais contar em si mesma, mas venha dar espaço ao que se pode denominá-la de uma "fé desnuda". Sem a superação da religião, a espiritualidade vem simplesmente se tornar um ídolo, uma simples projeção dos desejos e das aspirações humanas. Dr. Samuel Shoemaker em seu ensinamentos buscava declarar que "Deus está muito mais interessado em ajudar o homem do que o homem em ser ajudado. Ele não transgride a liberdade do homem, podendo este rejeitá-LO, negá-LO e até mesmo ignorá-LO pelo tempo que quiser, mas quando este homem "abre a porta" numa pesquisa espiritual com sua vida inteira atirada nela, encontrará Deus sempre pronto para recebê-lo, mesmo que seja na sua mais tímida aproximação e suas orações muitas vezes egoístas e infantis, bem como seus indignos egos. Deus se encontra sempre disposto a chegar a um acordo com o homem. A influência dos Grupos de Oxford se tornou contumaz na elaboração dos dogmas da irmandade, formulados e escritos por Bill W, conforme o mesmo busca declarar:

Os princípios básicos que os membros do Grupo Oxford tinham ensinado eram antigos e universais, pertinentes à humanidade. Algumas das antigas atitudes e aplicações provaram ser inadequadas ao propósito de AA, e a própria convicção de Sam acerca desses aspectos menos importantes mudou posteriormente e veio a ser mais parecida com os pontos de vista de AA de hoje. Mas a coisa importante é que os primeiros AAs adquiriram suas ideias de auto-análise, reconhecimento de defeitos de caráter, reparação pelos danos causados e trabalho com outros alcoólicos.⁷³

Dá-se nesse caso, atenção especial às premissas contidas nos Doze Passos, mas pode-se também observar que outros aspectos tais como o próprio processo terapêutico, assim como os rituais apresentados nas reuniões de grupos carregam ainda uma forte influência desses ensinamentos religiosos. Dentre tantas atividades exercidas pelos Grupos Oxford, buscava-se destacar o importante trabalho pessoal de um membro com o outro, e esta prática vital muito serviu de experiência para a elaboração do Décimo Segundo Passo de AA: "*Tendo experimentado um despertar espiritual, graças a estes passos, procuramos transmitir esta mensagem aos alcoólicos e praticar estes princípios em todas nossas atividades.*"⁷⁴

⁷³ JUNAAB. "Alcoólicos Anônimos Atinge a Maioridade: uma breve história de AA". 2001, p. 34.

⁷⁴ JUNAAB. "Os Doze Passos e As Doze Tradições". 2012, p. 94.

3.2 A Noção do Sagrado sob a ótica da Irmandade de AA

Desde as mais antigas civilizações sobre as quais se há registros, é possível encontrar algum tipo de manifestação religiosa, e no que se refere às relações pessoais, a espiritualidade é uma expectativa de humanização de realização pessoal, baseada na transformação da consciência que traz o bem-estar humano. Rudolf Otto, em sua obra "O Sagrado", analisa a experiência religiosa afirmando que a mesma tem por agente o "*sagrado*", que se manifesta como um "*mistério tremendo e fascinante*". Mistério porque é algo maravilhoso, que transcende a compreensão do homem, totalmente outro, tremendo porque é uma potência estranha, que se impõe de forma absoluta e fascinante porque desperta curiosidade, causa fascínio. Ou seja, a experiência religiosa se dá quando o homem entra em contato com o sagrado e isso lhe causa um sentimento de "estado de criatura", enchendo o seu ser de perguntas, terror e admiração. Dürkheim, em seus estudos sobre religião, enfatiza a relação entre sagrado e profano e a sua dimensão institucional:

A noção do sagrado está, no pensamento do homem, sempre e em toda parte separada da noção de profano ... a coisa sagrada é, por excelência, aquela que o profano não deve e não pode impunemente tocar. O característico do fenômeno religioso é que ele supõe sempre uma divisão bipartida do universo conhecido e conhecível em dois gêneros que compreendem tudo que existe, mas que se excluem radicalmente. As coisas sagradas são aquelas que as proibições protegem e isolam; as coisas profanas, aquelas que se aplicam estas proibições e que devem permanecer à distância das primeiras.⁷⁵

As religiões vivem das experiências sagradas e Deus é o centro da relação humano/divino. Essas articulações são vivenciadas em símbolos, mitos, ritos, orações, doutrinas e celebrações e em caminhos éticos e espirituais. Sua função primordial reside em criar e oferecer condições para que cada pessoa humana e as comunidades possam fazer um mergulho na realidade divina e fazer a sua experiência pessoal de Deus.

⁷⁵ DURKHEIM, Émile. "As Formas Elementares da Vida Religiosa". 1996, p.23-24.

Com isso a psicologia da pessoa se torna extremamente dinâmica, levando necessariamente a uma dinâmica de fé, a qual, mais do que qualquer outra manifestação vital do homem, tem sua raiz no centro da pessoa.⁷⁶

Segundo a filosofia do AA, três fatores são estritamente imprescindíveis para que o alcoólatra vença sua obsessão pelo álcool e caminhe ao encontro da sua sobriedade, conforme se pode observar nos Doze Passos (primeiro ao terceiro):

Admitimos que éramos impotentes perante o álcool, que tínhamos perdido o domínio sobre nossas vidas ... Viemos a acreditar que um Poder Superior a nós mesmos poderia devolver-nos a sanidade ... Decidimos entregar nossa vontade e nossa vida aos cuidados de Deus, na forma em que O concebíamos.⁷⁷

A caminhada começaria então com a falência do ego (esvaziamento do ser). Essa falência consiste em chegar ao mais profundo grau de humildade, colocando o orgulho de lado e reconhecer que o outro pode lhe ajudar. Confiar nesse caso não é mais fazer a sua própria vontade, mas se deixar ser conduzido pelo Poder Superior. É nessa confiança no Poder Superior que o adicto encontra respostas e forças necessárias para administrar sua vida emocional e espiritual e encontra a sabedoria necessária para conviver com a doença do alcoolismo sob o aspecto biológico. Segundo essa filosofia, o Poder Superior não faz a "transformação", mas aponta os caminhos, dá a serenidade e fortalece a vontade. Permite ao adicto fazer uma "viagem" pelo seu próprio interior e a se enxergar tal como ele é, e a partir dessa viagem o doente começa a refazer sua vida segundo a sua vontade de superação dos problemas emocionais, espirituais e biológicos. O despertar a partir dessa Força Maior é que vem proporcionar ao indivíduo a força necessária para que ele mesmo possa se superar e se encontrar: ela lança o indivíduo para dentro de si mesmo e através dessa ação o indivíduo se encontra. E é com o auxílio dessa Força Superior que o doente busca cotidianamente alcançar e fortalecer a sua sobriedade.

A espiritualidade na Irmandade dos AA somente revela sua inteligibilidade e adquire seu verdadeiro sentido, quando, a partir da percepção de constituir uma Irmandade, leva-se em conta o quadro da concepção geral que seus membros têm da existência espiritual do grupo, e considerando como mais importante, o modo como seus membros compreendem esta espiritualidade:

Procuramos, através da prece e da meditação, melhorar nosso contato consciente com Deus, na forma em que O concebíamos, rogando apenas o

⁷⁶ TILLICH, Paul. "Dinâmica da Fé". 1974, p. 08.

⁷⁷ JUNAAB. "*Despertar Espiritual: Viagens do Espírito das Páginas de AA Grapevine*". 2011, p. 232.

conhecimento de Sua vontade em relação a nós, e forças para realizar essa vontade.⁷⁸

A expressão “*caminho espiritual*”⁷⁹ surge frequentemente na fala dos membros do AA referindo-se as práticas que visam à *recuperação*, surge sempre ao comentarem sobre as mudanças na vida do membro de AA após seu ingresso. A própria *recuperação* surge como um “caminho”, incluso na percepção de uma espiritualidade que permeia a Irmandade de maneira constante. Desenvolvendo esta tese, vai promover breve comparação entre os dois movimentos referenciais, buscando realçar a origem cristã do AA, destacando elementos como a necessidade de confissão e a relação com o *Poder Superior*, enquanto elemento na *recuperação* do doente para identificar o AA enquanto movimento espiritualista. O lugar e o papel do Poder Superior estão colocados de maneira “fluída” e “democrática”. Ele é tido como um guia, um aliado um apoio, presente em cada um, que deve contribuir para cada luta pessoal contra esta vontade de beber travada dia-a-dia na vida destes alcoolistas anônimos:

Não somos santos. O importante é que desejamos crescer espiritualmente. Os princípios acima descritos são guias para o progresso. Nossa meta é o progresso espiritual e não a perfeição espiritual.⁸⁰

E como esta luta é tida e vista como para toda a vida, a ajuda de um Poder Superior se faz mais do que necessária. Aliás, mais do que bem vinda, ela é conclamada em cada sala de AA. e como um dos tripés terapêuticos da irmandade consiste na religião (os outros dois são a medicina e a ajuda mútua, conforme Alcoólicos Anônimos, 2004), a construção da ideia de um Poder Superior teve de ser mais “democrática” e não excludente possível. Conforme podemos observar em sua literatura oficial, os AA fornecem belo exemplo de um programa espiritual. Dificilmente encontramos passagens que não dediquem algumas linhas para se referir a este Poder, por exemplo:

Falta de poder esse era o nosso dilema. Precisávamos encontrar um poder através do qual pudéssemos viver, e precisava ser um Poder Superior a nós mesmos. Era óbvio. [...] acreditar num Poder Superior a nós, começaríamos a obter resultados, ainda que para qualquer um de nós, fosse impossível definir ou compreender inteiramente este Poder, que é Deus. [...] Quando,

⁷⁸ JUNAAB. “*Despertar Espiritual: Viagens do Espírito das Páginas de AA Grapevine*”. 2011, p. 232 (Os Doze Passos de Alcoólicos Anônimos, itens XI).

⁷⁹ Para os membros esse caminho espiritual consiste basicamente em buscar vivenciar na prática cotidiana as sugestões contida nos Doze Passos dos Alcoólicos Anônimos. (Informações obtidas através de conversas informais junto aos membros do Grupo Bonança de AA).

⁸⁰ JUNAAB. “*Alcoólicos Anônimos*”. 2001, pg. 89.

portanto falamos de Deus com você, queremos falar do seu próprio conceito de Deus.⁸¹

Os AA se preocupam em "democratizar" seu conceito de Poder Superior, quando falam de seu próprio conceito de Deus, ainda que, algumas linhas antes, tenham claramente definido este Poder como Deus! Esta oscilação permanente que encontramos em sua literatura permite que diferentes tipos de pessoas ali se reconheçam, desde aquelas tradicionalmente cristãs, que buscam reconhecer o poder de um Deus Todo Poderoso, até mesmo aquelas mais racionalistas ou mesmo agnósticas ou ateias, que podem conceber este Poder superior das mais diferentes formas. Um dos capítulos do "*Livro Azul*" recomenda aos padrinhos que:

Se o homem for agnóstico ou ateu, deixe bem claro que ele não precisa concordar com seu conceito de Deus. Ele pode escolher o conceito que preferir, contanto que para ele, faça sentido. O principal é que ele esteja disposto a acreditar em um Poder Superior a ele, e que viva de acordo com os princípios espirituais.⁸²

Na verdade, nenhum alcoolista anônimo que eu tenha conhecido questiona esse Poder, seja ele o que for. Isto permite que qualquer pessoas que frequente os AA tenha sua própria concepção de Deus. No primeiro capítulo do "Livro Alcoólicos Anônimos", cujo título é "A História de Bill",⁸³ encontra-se descrito que quando Bill veio a conhecer seu amigo do Grupo Oxford, este teria lhe perguntado porque ele não escolhia a sua própria concepção de Deus. Então Bill afirma que, através deste diálogo, compreendia que se tratava apenas de estar disposto a acreditar num Poder que fosse superior a ele. Isto permitiu que ele escrevesse os Doze Passos para a recuperação do alcoolista a partir de uma concepção do divino bastante peculiar, e hoje servem como uma espécie de "doze mandamentos" para os membros do grupo. Outrossim, fato é que o Poder Superior (comumente representado na figura de um Deus) aparece em sete dos doze passos. Uma vez que os AA possuem fundamentalmente um programa espiritual e um forte apelo religioso, nas reuniões tais aspectos se apresentam constantemente. Já nas Doze Tradições (elaboradas em 1946), referem-se a Deus apenas na segunda tradição. Ao que parece, as Doze Tradições evoluíram para o sentido de uma filosofia e de um ordenamento do funcionamento dos grupos. Somados aos Doze Passos e aos Doze Conceitos (estes de caráter mais institucional e não de código moral ou coisa

⁸¹ JUNAAB, 2001, pgs. 74-5.

⁸² JUNAAB. "*Alcoólicos Anônimos*". 2001, pg. 121.

⁸³ JUNAAB, 2001, p. 31.

que se assemelha a isso), as tradições definem a postura idealizada dos membros alcoólicos anônimos.

3.2.1 A marca da espiritualidade impregnada no anonimato

Como afirma a Décima Segunda Tradição do AA, o anonimato é o alicerce espiritual de AA. no qual leva a Irmandade a governar-se, mantendo os princípios acima das personalidades, assegurando assim, ser uma sociedade nivelada cujo enfoque é tornar conhecido o seu programa de recuperação e não os indivíduos de dele participam. Para a Irmandade do AA, o anonimato é na verdade concebido da seguinte maneira:

Finalmente, nós de Alcoólicos Anônimos acreditamos que o princípio do anonimato tem uma enorme significação espiritual. Lembra-nos que devemos colocar os princípios acima das personalidades, que devemos realmente conduzir-nos com genuína humildade. Isso para que as grandes bênçãos jamais nos corrompam, a fim de que vivamos para sempre em grata contemplação d'Aquele que reina sobre todos nós.⁸⁴

A subordinação dos anseios pessoais ao bem comum é a essência dessas Tradições, e o sacrifício, a substância do anonimato. AA considera que a humildade expressa pelo anonimato, é a maior salvaguarda que Alcoólicos Anônimos sempre poderá ter, e desde seus primeiros dias essa Irmandade tem assegurado o anonimato pessoal a todos os que frequentam suas reuniões. Como os fundadores e primeiros membros de AA também eram alcoólicos em recuperação, eles sabiam por experiência própria o quanto a maioria dos alcoólicos se sentia envergonhada quanto a seu modo de beber, e o quanto receava se expor ao público. O estigma social do alcoolismo era enorme, e os primeiros membros de AA logo perceberam que uma rigorosa garantia de confidencialidade era imperativa se quisessem ter sucesso na tarefa de atrair e ajudar outros alcoólicos a alcançar a sobriedade. Com o passar dos anos o anonimato provou ser uma das maiores contribuições que AA oferece ao alcoólico que ainda sofre, e que sem ele, muitos nunca teriam assistido nem mesmo a sua primeira reunião. Embora esse forte estigma advindo da

⁸⁴ JUNAAB. *“Os Doze Passos e As Doze Tradições”*. 2012, p. 174.

representação pejorativa existente na sociedade relacionada ao alcoolismo tenha até certo ponto diminuído, a maioria dos recém-chegados ainda acham a admissão de seu alcoolismo tão dolorosa que prefere fazê-lo num ambiente protegido, e o anonimato nesse caso, é essencial para criar esse ambiente de confiança e de compreensão.

O anonimato, em consoante, possui uma importância *sui generis*⁸⁵ nesta lógica de funcionamento, uma vez que ele permite o conforto necessário para o indivíduo se integrar à irmandade, uma vez que se trata de um indivíduo estigmatizado e em possível situação de constrangimento, sofrimento e vergonha. Nos primeiros dias de AA, quando a palavra "*alcoólico*" levava um estigma maior do que hoje, era fácil entender este receio de identificar-se publicamente, e à medida que Alcoólicos Anônimos foi crescendo, logo se tornaram evidentes seus valores: sabiam-se por experiência, que muitos bebedores-problemas vacilariam em recorrer a Alcoólicos Anônimos se acreditassem que seu problema seria assunto de discussão pública, ainda que por descuido. E valendo-se do "*conforto*" do anonimato, os membros novatos encontram a possibilidade de buscar ajuda com total segurança de que sua identidade não será revelada a ninguém fora da Irmandade.

O psiquiatra Dr. Harry M. Tiebout, grande colaborador do AA assegura que o princípio do anonimato constitui um dos pontos fundamentais do processo de recuperação do alcoólatra. Veja o que ele busca afirmar:

As grandes religiões têm consciência da necessidade do "vazio" para se alcançar a graça, e a manutenção de um sentimento de anonimato, da sensação de que "eu não sou especial", é uma garantia essencial de humildade e, portanto, um ponto de segurança contra problemas futuros com o álcool.⁸⁶

Todos esses fenômenos são modos de fortalecer a identidade da pessoa "alcoólatra em recuperação". Ademais, acredita-se que o conceito de anonimato pessoal tem também um significado próprio para todos os membros uma vez que contribui para refrear os impulsos de reconhecimento pessoal e de poder, prestígio e riqueza que provocaram tantas dificuldades em outras sociedades. Ainda que todo membro de

⁸⁵ A expressão "*sui generis*" é uma locução latina que significa "do seu próprio gênero" ou "único em sua espécie", que não se acha noutro = ORIGINAL, PARTICULAR, SINGULAR. Ela indica algo que é particular, peculiar, único. Diz respeito a algo ou alguém que é diferente, especial, peculiar. Disponível em "Nossa Língua Portuguesa":<http://nossalinguaportuguesa.com.br>. Acessado em 01/09/2012.

⁸⁶ JUNAAB. "*Despertar Espiritual: Viagens do Espírito das Páginas de AA Grapevine*". 2011, p. 01.

AA tenha total liberdade para interpretar as Tradições de AA como melhor lhe aprouver, não se reconhece a nenhum indivíduo a legitimidade de ser porta-voz da Irmandade em nível local, nacional ou internacional, isto é, cada membro fala unicamente por si mesmo. Um membro de AA pode, por diversas razões, "romper" seu anonimato deliberadamente perante o público, já que isso é um assunto de escolha e consciência pessoais, não obstante, os membros que o fazem, não têm a aprovação da maioria esmagadora de seus companheiros de AA. As experiências ao longo da vivência no entorno do alcoolismo serviram para ensinar aos membros que o anonimato, constitui de fato, uma qualidade espiritual na vida de AA, que envolve tudo em todo lugar, e que, movidos por esse espírito, o membro tenta deixar de lado os seus desejos naturais de ganhar distinções pessoais como membro da Irmandade:

Como temos visto, o anonimato é o manto protetor que cobre nossa sociedade. Mas ele é mais do que uma proteção; tem uma outra dimensão, um significado espiritual. E isso nos leva à Décima Segunda Tradição, que diz: "O anonimato é o alicerce espiritual das nossas Tradições, lembrando-nos sempre da necessidade de colocar os princípios acima das personalidades".⁸⁷

E asseguram também os co-fundadores do AA (Bill e Bob) de que a prática do anonimato é imprescindível para que a Irmandade sobreviva:

Em minha opinião, todo o futuro de nossa irmandade depende desse princípio vital. Se continuarmos a ser alimentados pelo espírito e prática do anonimato, nenhum obstáculo nos levará à ruína. Se esquecermos esse princípio, a tampa da caixa de Pandora se abrirá e os espíritos do dinheiro, poder e prestígio estarão soltos entre nós. Obsediados por esses gênios malignos, poderíamos bem nos arruinar. Realmente acredito que isso nunca acontecerá. Nenhum princípio de AA merece maior estudo e aplicação do que esse. Afirmo que o anonimato de AA é a chave de sua sobrevivência.⁸⁸

Acredita-se que a humildade expressa pelo anonimato é a maior salvaguarda que a irmandade pode alcançar, e vale também mencionar que o anonimato, como regra nos grupos de AA, só existe fora do âmbito da irmandade, pois quando nas reuniões, do momento da partilha (depoimentos) os membros sempre buscam se identificar dizendo seus nomes, ainda que todos ali se conheçam.

⁸⁷ JUNAAB. *"Alcoólicos Anônimos Atinge a Maioridade: uma breve história de AA"*. 2001, p. 115.

⁸⁸ JUNAAB, 2001, p. 115.

3.2.2 A Irmandade do AA sob a ótica das instituições religiosas

Já se foi falado anteriormente sobre os Grupos Oxford e a forma como estes influenciaram Irmandade do AA, mas não se pode deixar de evidenciar também a clara influência de pastores, padres e seitas religiosas no conjunto de conceitos espirituais formulados por esse grupo, e qual a visão desses religiosos sobre o trabalho do AA. Neste momento, torna-se importante salientar duas importantes personalidades que tiveram muita aproximação com o AA nos primórdios dessa Irmandade: o primeiro deles foi Sam Shoemaker, um clérigo episcopal responsável pela condução de um dos Grupos Oxford de New York. Nos contatos de Bill W. e Dr. Bob com este pastor, muito puderam extrair para a filosofia de AA, em especial no tocante aos princípios espirituais. Em uma de suas palestras aos membros de AA, procurou citar William James para falar da necessidade de uma profunda "conversão" espiritual no processo de recuperação do alcoólatra. Essa conversão também acontecia num processo de "rendição" do indivíduo e à submissão do "ego doente" a forças superiores e espirituais. Ele assegurava que os indivíduos deveriam orar a Deus ou a um Poder Superior, não para pedir a Deus o que fosse do seu desejo pessoal, mas para tentar entender o que Deus queria de sua vida, pois isto sim, constitui a essência de toda religiosidade. Segundo seu entendimento, a verdadeira oração significava colocar-se à disposição de Deus a fim de descobrir qual é a "Sua" vontade para com o indivíduo, ao invés de tentar fazer com que prevalecesse a vontade pessoal. Embora o AA se proclame não estar "ligado a nenhum seita ou religião", (pois não há nenhuma afiliação religiosa explícita), encontra-se grande consonância desses princípios episcopais nos Passos de AA, especificamente no 3º e 11º Passos, quando é enfatizada a questão da prece e da meditação:

Lembre-mos sempre, que a meditação é na realidade sumamente prática. Um de seus primeiros frutos é o equilíbrio emocional. com ela podemos alargar e aprofundar o canal de ligação entre nós e Deus, na forma que o entendemos.⁸⁹

Outro expoente no campo religioso foi o padre católico Edward Dowling, da ordem Jesuíta, que ajudou a fundar o primeiro grupo de AA em St. Louis, tendo sido também um conselheiro e amigo dos primeiros membros de AA. Segundo consta da

⁸⁹ JUNAAB. "Os Doze Passos e As Doze Tradições". 2012, p. 90.

história de AA, a partir de 1940, Padre Ed passou a recomendar o AA em suas preleções. Vejamos aqui uma de suas declarações:

Alcoólicos Anônimos é natural no ponto em que a natureza mais se aproxima do supranatural, ou seja, em humilhação e em conseqüente humildade. Um museu de arte ou uma sinfonia tem algo de espiritual e a Igreja Católica aprova seu uso por nós. AA também tem algo de espiritual e a participação católica nela resulta, quase invariavelmente, na transformação de maus católicos em melhores.⁹⁰

A respeito dos Doze Passos, o Dr. Harry Emerson Fosdick, renomado pastor da Igreja Riverside, em Nova York, veio declarar:

Eles foram criados a partir da dura realidade da experiência, por homens com necessidades desesperadoras. Eu, porém, falando como um homem do clero que nunca fora alcoólico, li aqueles Doze Passos com profunda admiração intelectual. Eles expressam com clareza e concisão incríveis as verdades essenciais, tanto psicológicas quanto teológicas, que fundamentam a possibilidade de transformar um caráter ... Os Doze Passos de AA não são apenas verdades para os alcoólico; são verdades básicas e universais.⁹¹

E mais adiante em sua declaração, esse renomado pastor assegura:

É incrível como os Doze Passos evitam o sentimento de autopiedade e o ato inevitável de culpar os outros por nossas falhas ... realismo ético e bom senso psicológico. E a partir daí, admitindo a natureza real dos nossos erros e desejando que Deus remova todas essas falhas de caráter junto com o resto, os Doze Passos traçam um caminho de penitência, confissão e restituição que faz um orientador pessoal desejar que muitas outras pessoas, além dos alcoólicos, tomem o mesmo trajeto indispensável para a transformação moral.⁹²

Dr. Fosdick acredita ainda que os Doze Passos foi o fator fundamental para o súbito crescimento dessa Irmandade:

Não há palavras que descrevem a gratidão sentida por muitos de nós que acompanhamos com admiração o progresso fantástico da irmandade de Alcoólicos anônimos. Dentre os muitos fatores que contribuem para esse sucesso, estou certo que um deles é o principal: os Doze Passos, pois eles representam a verdade perpétua sobre regeneração pessoal e seus princípios básicos são eternos não só para os alcoólicos, mas para todos.⁹³

O prestígio dessa Irmandade é tão evidente no campo religioso americano que a revista episcopal "*The Living Church*", no ano de 1956, em um de seus editoriais fez a seguinte publicação:

⁹⁰ JUNAAB. "*Alcoólicos Anônimos*". 2001, p. 214-15.

⁹¹ JUNAAB. "*Despertar Espiritual: Viagens do Espírito das Páginas de AA Grapevine*". 2011, p. 02.

⁹² JUNAAB, 2011, pag. 04-05.

⁹³ JUNAAB, 2011, pag. 05.

A base da técnica de Alcoólicos Anônimos é o princípio verdadeiramente cristão segundo o qual um homem não pode ajudar a si mesmo a não ser ajudando os outros. Auto-seguro é o nome que os próprios membros de AA dão a seu plano de ação. Este auto-seguro tem resultado no restabelecimento da saúde física, mental e espiritual, bem como da dignidade de centenas de homens e mulheres que, não fosse por essa terapêutica singular e eficiente, estariam irremediavelmente perdidos.⁹⁴

Não só no campo religioso americano, mas em todo o mundo o trabalho da Irmandade do AA é grandemente reconhecido por todas as esferas religiosas, na qual o prestígio caracterizando-o como um grande programa e instrumento de ação e promoção social que busca resgatar o alcoólatra do mundo da exclusão, enquadrando-o em um novo estilo de vida.

4 DO PROCESSO RITUALÍSTICO DA IRMANDADE DO AA

Enfocar-se-á neste capítulo, os aspectos simbólicos e ritualísticos da Irmandade de AA e sua relação com os aspectos religiosos, principalmente da religião cristã. Creio que este tipo de abordagem cumpre dois importantes objetivos: o primeiro refere-se à possibilidade de um melhor entendimento sobre as origens remotas e o significado profundo da filosofia de desenvolvimento espiritual contida nessa Irmandade, e o segundo aspecto de interesse nessa análise é a demonstração de que, de fato, nos grupos de auto-ajuda, mesmo que não se conheça a origem de diversas proposições religiosas, as pessoas praticam filosofias de crescimento espiritual que as levam a tentar cultivar virtudes. Para efeitos desta análise, enfatizarei a existência da doutrina dos 03 legados de AA, e o fato de que a Recuperação é considerada a primeira delas. Discutirei então o papel da Unidade e também do Serviço como partes integrais da real eficácia do programa do AA. Buscar-se-á em vários tópicos deste capítulo descrever o discurso dos membros dos Grupos de AA, em especial ao "Grupo Bonança", do município da Serra - E. S., o qual tive a honra de participar das suas reuniões e construí junto a seus membros uma relação de grande amizade. Procuo a partir daqui, descrever o caminho ritualístico dos grupos de AA,

⁹⁴ JUNAAB. "Alcoólicos Anônimos". 2001, p. 215.

destacando principalmente o uso constante de linguagem e imagens significativas da religião (principalmente a cristã), não só revelando as bases ideológicas da Irmandade, bem como a eficácia já instituída destes símbolos, mas também a relevância do programa para seus membros. As reuniões do Grupo Bonança de AA são realizadas às 2ª, 3ª, 4ª e 6ª feiras, de 19:00 às 21:00, ao sábado as 17:00 e no domingo, de 17:00 às 18:50 e de 19:00 às 21:00. Em todos os dias as reuniões são denominadas "reuniões de recuperação", onde são cumpridos todos os rituais de praxe e os membros dão suas partilhas. Já as reuniões das 4ª-feiras são destinados ao estudo da literatura do AA. Nas 5ª feiras não há reunião de recuperação, pois o salão é destinado para a reunião do Al-Anon (destinada a família do adicto). As reuniões⁹⁵ assistidas ocorreram entre agosto de 2012 e setembro de 2013.

Discorrendo-se sobre as simbologias há de se entender que os ritos encontram-se associados ao mito, e são caracterizados como a mais importante manifestação gestual da religiosidade e a que mais se sobressai em toda religião. Eles são as interpretações cênicas e dramatizadas do mito, e caracterizado como o modo de ação do mito na vida do homem (por meio de cerimônias, danças, orações, sacrifícios, etc). Por essa razão, o homo religiosus sempre soube expressar sua vivência do sagrado por meio do gesto físico, do qual surge o rito. O rito é, portanto, mais uma das linguagens típicas e essenciais para a experiência religiosa universal, pois procura estabelecer uma conexão entre determinado evento arquetípico e sua representação cênica, que tem por objetivo captar a energia vital farta e vivificante emanada por aquele evento.

Aquilo que toca o homem incondicionalmente precisa ser expresso por meio de símbolos, porque apenas a linguagem simbólica consegue expressar o condicional... Símbolos e sinais têm uma característica essencial em comum: eles indicam algo que se encontra fora deles ... Ele nos leva a níveis da realidade que, não fosse ele, nos permaneceriam inacessíveis. Ele abre dimensões e estruturas da nossa alma que correspondem às dimensões e estruturas da realidade.⁹⁶

Ao homem religioso não basta lembrar e comemorar o sagrado que se manifesta de forma natural ou histórica, ele necessita entrar em contato com o divino,

⁹⁵ No ano 2012, assistiu-se reuniões nas seguintes datas: (20 e 27/08), (03,13 e 17/09), (01, 08 e 22/10), (09 e 20/11) e (04, 16 e 21/12), sendo que no dia 21/12 ocorreu a festividade de Confraternização de Fim do Ano. Já no ano 2013, estas se deram nas datas: (06, 15 e 25/02), (12, 18 e 25/03), (06 e 22/04), (14 e 25/05), (11 e 24/06), (02/07), (02 e 14/08) e (03 e 21/09).

⁹⁶ TILLICH, Paul. *"Dinâmica da Fé"*. 1974, p. 30-31.

necessita participar da sua magnificência. A esta forma sensível desta ação recíproca dar-se o nome de rito. É portanto, graças ao rito que uma cerimônia parece depois de realizado a primeira distância entre presente e passado. O símbolo intensifica a relação do homem com o transcendente. Eles não ocorrem individualmente, e estão mantidos ao mito. Considerando-se que os mitos se encontram presentes em todo ato de crer, pode-se a partir daí afirmar que os símbolos são também uma autêntica linguagem de fé, e conforme Tillich busca enfatizar: *"A fé não é dar credito a semelhantes relatos, e sim aceitação de símbolos que exprimem através da imagem da ação divina, o nosso estar possuído incondicional"*.⁹⁷ O rito constitui uma cerimônia em que gestos, palavras e emoções determinados adquirem o poder misterioso de presentificar o laço entre humano e a divindade. O ser humano não se expressa apenas por vocábulos, e se analisarmos atentamente, somos bem mais gesto que palavras (fator este que faz do humano um corpo completo), e uma reunião de AA. pode ser considerada um ritual por estar fundamentada em padrões verbais, simbólicos e comportamentais. Paden considera que:

Um rito ou festival permite que um grupo vivencie a si mesmo de uma forma ideal. Cada sociedade tem ocasiões importantes nas quais a comunidade demonstra sua melhor natureza e consolida seus laços grupais ... O ritual também pode prover um espaço no qual os indivíduos transcendem os papéis sociais fixos e vivenciam um senso de igualdade.⁹⁸

Todos os rituais parecem ter em comum pelo menos duas características essenciais: fornecem ocasião para reflexão nos significados das crenças centrais do indivíduo; e são destinados a invocar uma resposta efetiva às crenças centrais do indivíduo. Ambas funções integram os complicados padrões de crenças narrativas e normas no tecido da vida inteira e caráter do indivíduo. Jung chamou a atenção para o fato de que o inconsciente coletivo retém informações arquetípicas e impessoais, e seus conteúdos podem se manifestar nos indivíduos da mesma forma que também migraram dos indivíduos ao longo do processo de desenvolvimento da vida. Para ele, *"um arquétipo é um quadro dinâmico, uma parte da psiqué objetiva, que so conseguimos entender corretamente quando vivenciada como uma coisa autônoma"*

⁹⁷ TILLICH, 1974, p. 35.

⁹⁸ PADEN, William E, *"Interpretando o Sagrado: modos de conceber a religião"*. Paulinas, São Paulo, 1998, p. 71.

colocada fora de nós e à nossa frente".⁹⁹ Seria nesse caso, como trazer à tona todo o contexto em que tal cerimônia aconteceu pela primeira vez, dotada de reflexos e grandes significados. No contexto da Irmandade do AA, mitos, ritos e símbolos podem ser considerados portanto, como instrumentos de auto-recordsção ativa, que tem um poder de mobilização de energias superiores que vem produzir significados no momento presente. No entendimento de Chauí, *"as cerimônias ritualísticas são de grande variedade e são exercidas para: lembrar a bondade dos deuses, suplicar dons e benefícios, agradecer os dons ou benefícios recebidos."*¹⁰⁰

Dando-se continuidade as teorias junguianas, entende-se que o psicanalista Karl Jung foi quem primeiro descobriu e desenvolveu um estudo sistemático e científico sobre os símbolos e seu efeito sobre o inconsciente humano. O inconsciente é constituído pelos materiais que foram herdados, e é nele que residem os traços funcionais, tais como imagens virtuais, que seriam comuns a todos os seres humanos. Segundo o conceito da psicologia analítica criado por Jung, esses símbolos trazem sempre conteúdos arquetípicos capazes de suscitar conteúdos cognitivos e emocionais do inconsciente. E sendo o inconsciente a camada mais profunda da psique humana, ele tem sido compreendido como um arcabouço de arquétipos cujas influências se expandem para além da psique humana.

4.1 Do organograma dos grupos e do espaço físico do salão

O organograma da Irmandade de AA é constituída pelo grupo local do Bairro ou da cidade, seguida do Comitê Central que coordena os grupos locais de determinada região geográfica e o Comitê Geral. Nesses grupos há a adoção de costumes próprios, que caracterizam e singularizam os Grupos e suas atividades, desde que respeite as Tradições e não interfira na autonomia de outros Grupos, bem como nas disposições gerais da Irmandade. Esta autonomia é um exercício garantido pela Quarta Tradição *"cada Grupo deve ser autônomo, salvo em assuntos que digam*

⁹⁹ JUNG, Carl G. *"Psicologia do Inconsciente"*. 1971, p. 98.

¹⁰⁰ CHAUI, Marilena. *"Convite a Filosofia"*. 2000, p. 10.

*respeito a outros Grupos ou a AA. em seu conjunto” . Para se debater as diretrizes dos grupo existe uma reunião especial denominada Reunião Administrativa (normalmente realizada semestralmente, ou em alguns casos anualmente). Assim, a execução de todas as ações é determinada unicamente pela aprovação da consciência coletiva dos membros do Grupo, sempre após o assunto pertinente ser amplamente debatido e examinado e tendo ouvido todos os pontos de vista antes que o Grupo vote, e de ninguém mais. Nas reuniões ordinárias a presença dos membros nas reuniões é de ordem facultativa e normalmente não há registro de presença. Comumente é feito um pequeno relatório da atividade onde consta neste o número de pessoas presente (incluindo membros e visitantes), o assunto do dia, a coleta referente à 7ª Tradição e o número de pessoas que deram suas partilhas (depoimentos). Há dois tipos de reuniões: as fechadas e as abertas. As reuniões abertas encontram-se acessíveis a todos os indivíduos (alcoólicos ou não), já as reuniões fechadas são destinadas somente aos membros de AA sob a alegação de que nesta trata de assuntos que só interessam aos alcoólicos. A Irmandade do AA possui uma doutrina específica e um ritual tradicional que devem ser seguidos por todo e qualquer grupo espalhado pelo mundo, independente da cultura em que venham estar estabelecidos. Esta espécie de manual está garantida e registrada através dos "códigos" institucionais chamados Doze Passos, Doze Tradições e Doze Conceitos para os Serviços Mundiais, além da orientação centralizada no Escritório Central (EUA) e nacionais que primam por garantir que o funcionamento da Irmandade permaneça inalterado em qualquer lugar do mundo. Conforme o próprio material de divulgação dos AA, estes se definem como *uma irmandade mundial de homens e mulheres voluntários, vindos de todas as camadas culturais e sociais, que se reúnem para alcançar e manter a sobriedade e cujo único requisito para ser membro é o desejo de parar de beber.**

Os Grupos Locais podem ser fundados por qualquer pessoa alcoolista que se reconheça dentro do perfil de doente alcoólatra atribuído pela irmandade e que deseje organizar um grupo de AA, ou seja, um grupo que satisfaça a todas as convenções institucionais. Para tanto, eles deverão procurar a sede da irmandade na cidade ou região que dará todo o assessoramento necessário para a abertura do grupo, da mesma forma que este estará subordinado a tal organização. Normalmente, as pessoas que fundam novos grupos são aquelas que já participam

a algum tempo dos AA e que, portanto já conhecem bem a dinâmica e a própria instituição. Estes membros não possuem nenhuma deferência especial, pois não são chamados de veteranos, mais antigos, ou coisa que o valha. Os participantes sabem que eles são mais antigos por diversos fatores, como por exemplo, pelo fato de ao se apresentarem, quando de seus depoimentos/partilhas, sempre declararem seu tempo de participação na Irmandade (prática comum dentre os participantes), ou pelo fato de serem responsáveis pelas primeiras orientações acerca da irmandade para algum membro novo, etc. Portanto, o grupo local de AA é o espaço dos depoimentos e da reprodução dos princípios morais ou espirituais da Irmandade, constituindo um novo espaço de sociabilidade, solidariedade e afinidade, sendo o palco das ações dos atores sociais para a construção de símbolos coletivos e onde colocam as múltiplas concepções a respeito da natureza da instituição e das relações entre seus agentes, ou seja, um grupo de pares, que compartilham de uma mesma ordem de significações, que reforçam sua identificação com o AA, agora que portador da doença do alcoolismo.

Nos salões de reunião normalmente contêm uma porção de elementos que ajudam a compor o simbolismo da irmandade, dentre eles pode-se observar: quadros de vários tipos, tais como: a "Oração da Serenidade", "Os Doze Passos", "As Doze Tradições", "Os Doze Conceitos", "As promessas do AA", "O Termo de Responsabilidade" ou mensagens com dizeres tais como: *"Quem você vê aqui, o que você ouve aqui, quando você sair daqui, deixe que fique aqui"*, além de quadros ou fotografias principalmente dos "pais fundadores" do AA, Bill e Bob. Dentre outros tipos de materiais que compõem o cenário, pode-se também observar a presença de placas luminosas, principalmente as compostas pelo o Símbolo do AA (um círculo contendo um triângulo ao centro, composto pela sigla AA ao centro do triângulo e os três legados: recuperação, unidade e serviço, em seus lados) ou outras de ordem chamativa como: *"Alcoólicos Anônimos, a reunião é fundamental!"* ou *"Evite o primeiro gole de 24 em 24 horas!"*. A placa luminosa "pisca" durante toda a reunião, como que um aviso "vivo", sempre a lembrar a todos porquê estão ali. Além deste tipo de material, o grupo (praticamente todos) conta também com o mapa do estado, da cidade ou local das reuniões. Comumente se encontram também nessas salas quadros para escrever informações sobre a reunião do dia e demais informações. Quando se trata de reunião festiva que comemora aniversário de sobriedade, isto é,

o tempo de participação do membro sem ingerir bebida alcoólica, o nome do aniversariante é colocado no quadro, juntamente com o tempo de sobriedade, o nome do padrinho, dentre outras informações). Há também na sala um quadro para avisos ou para afixação de cartazes, sendo que neste são encontradas publicações dos mais diferenciados tipos de eventos realizados pelo AA, e são afixados também informativos tais como: alvará de licença de funcionamento, tabela de preços de material literário do AA. Há sempre também uma estante para exposição de artigos, principalmente de ordem literários, disponíveis para venda.

A coordenação do grupo é sempre alternada, o que reafirma o preceito presente na segunda tradição da irmandade: evitar hierarquizações, além de também se caracterizar como um dispositivo anticarismático. Ambas as pessoas são voluntárias e presidirão as reuniões durante um período de tempo que varia de grupo para grupo. Na falta do coordenador, cabe a algum membro mais antigo do grupo presidir aquela reunião, de forma voluntária. O mesmo ocorre com o secretário, seu assessor. As reuniões duram cerca de duas horas, com um intervalo de dez/vinte minutos, este tempo pode ser estendido conforme o número de participantes e da necessidade de todos fazerem o uso da palavra. Além do coordenador e de seu secretário, as reuniões recebem um quorum que pode variar de sete até vinte e cinco pessoas. Os grupos mais centralizados, nas reuniões noturnas, e que não realizam reuniões diariamente costumam ser aqueles que recebem maior público. Nas reuniões em que há a presença de membros novos/visitantes, percebe-se que estas possuem características das demais. Nessas reuniões o coordenador procura enaltecer a visita do novo membro, desejando-lhe sorte e que permaneça no grupo, apresentado-o prontamente para os demais membros, dizendo que *este participante é a pessoa mais importante daquela reunião*. O coordenador cede-lhe o espaço para que o visitante se pronuncie, mas procura deixar bem claro também, *que ele não precisa falar se não desejar, mas que é importante que escute os demais e que procure retornar na próxima reunião*. Costuma-se nesse momento, como também no final da reunião, usar o seguinte bordão: "Lembre-se sempre de que o segredo de AA está sempre na próxima reunião". Esse bordão funciona como um "chamamento", um mecanismo para "atrair" o novo membro para que sempre participe das reuniões. Nessa ocasião, são comumente lidas as "*12 Perguntas de*

Identificação Pessoal de Alcoólatra",¹⁰¹ e se acaso esse visitante se identificar como alcoólatra, e se for de sua livre e espontânea vontade, ele costuma já de imediato pedir o ingresso na Irmandade. Esse ingresso pode acontecer de imediato, ou a pessoa pode continuar frequentando as reuniões para melhor conhecimento e mais tarde, solicitar o ingresso no grupo. Outros membros procuram dirigir suas falas, naquela reunião, para o novo participante, a fim de integrá-lo e garantir a continuidade de sua participação. mais uma vez, também, nesse caso, os momentos tanto do intervalo, quanto da saída são importantes, pois os membros procuram conversar com o novo participante da forma mais receptível possível.

A partir destas dimensões expostas das reuniões, percebemos claramente a existência de uma comunidade terapêutica que faz uso de um ritual performático peculiar que serve para os fins almejados pelo discurso dos AA e para a constituição de uma identidade de alcoolista anônimo. Segundo Paden:

O ritual permite que um grupo e seus indivíduos desempenhem e vivenciem seus papéis que compensam ou complementam o status social de rotina, não apenas no sentido de comportamentos idealizados, mas no sentido de momentos de licenciosidade e atividade antiestruturais.¹⁰²

Do começo ao fim, as reuniões são extremamente ritualizadas. conforme busca-se descrever: após o toque de uma sineta todos os participantes se acomodam nas cadeiras, nesse momento é feita a leitura do preâmbulo das reuniões do AA, em seguida todos ficam de pé para prosseguir o momento de oração de abertura da reunião, e sob a máxima concentração possível, é recitada a **Oração da Serenidade**, transcorrendo logo após alguns segundos para reflexão, é declarada aberta a reunião. Nesta oração estão representadas três importantes ações perseguidas pelos membros para sua plena recuperação do alcoolismo: *serenidade*, *coragem* e *sabedoria*, não somente para enfrentar seus problemas relacionados ao alcoolismo, mas também para lidar com os demais desafios que a vida lhes proporciona.

4.1.1 Da prática ritualística da oração e do discurso dos membros

¹⁰¹ As Doze Perguntas se encontram no anexo deste trabalho, às pag. 112.

¹⁰² PADEN, William E, apud Tillich. *"Interpretando o Sagrado"*. 1998, p. 71.

Do ponto de vista fenomenológico, o ato de rezar adquire uma excepcional importância, porque constitui o momento de expressão do sentimento religioso: é a atualização da experiência religiosa, é a sua concretização aqui e agora em uma ação, gesto, ou palavra que coloca a pessoa diretamente em contato com o divino. A cerimônia religiosa deve repetir em todos os sentidos, um acontecimento essencial da história sagrada. Segundo o pensamento de Chauí, “os atos, gestos, palavras, desejos devem ser sempre os mesmos, visto que foram na primeira vez consagrados pelo próprio Deus”. Desse ponto de vista, a oração é a verdade da religião e é, ao mesmo tempo, quase o respiro e o pulso de qualquer experiência religiosa autêntica. A oração coletiva normalmente obedece a um padrão bem definido. A construção/reconstrução dos significados dos elementos constitutivos da religião dará vida à pluralidade do universo religioso. A eficácia do ritual religioso depende estritamente do ato de repetição, que deverá ocorrer de forma mais minuciosa e perfeita possível.

A Oração da Serenidade é caracterizada como de introdução aos eventos no âmbito interno do AA (reuniões de estudo, cerimônias comemorativas), como nas reuniões ordinárias (de ordem terapêuticas). Esta é a oração da submissão ao *Poder Superior* e é recitada tanto no início quanto no final das reuniões. As circunstâncias em que se recorre a ela são variadas e nem sempre há recomendação expressa sobre quais seriam estes momentos, estando, em um primeiro momento, à serviço das necessidades do adepto. A Oração surge nos relatos dos participantes em vários contextos e o que se destaca é a multiplicidade de fins à qual remete: executada antes de uma *abordagem*, para pedir proteção, incitar convicção, legitimar a ação empreendida. Em momentos considerados difíceis e perigosos para a *recuperação*, como quando surgem problemas familiares, quando se passa por crises financeiras ou quando se participa de eventos onde há bebidas e a vontade de beber aflora. Antes de reuniões nas quais se deliberam ações e tomam-se decisões. A Oração da Serenidade é de uma eficácia *sui generis*, pois as palavras da Oração podem causar os fenômenos mais “extraordinários”. Pois é no ato de compartilhar a Oração da Serenidade que se estabelece a *recuperação* e a espiritualidade. A terceira pessoa do plural: “Concedei-nos Senhor”, sinaliza o caráter coletivo da Oração. A entrega ao

Poder Superior, ao “Senhor” é a marca da espiritualidade e da *recuperação*. Há articulação entre as consideradas virtudes (serenidade, coragem e sabedoria), seu caráter distintivo expresso nos verbos de ação (aceitar, modificar e distinguir) relativos às circunstâncias as quais se depara (poder modificar, não poder modificar e a distinção entre as duas). A oração é a expressão privilegiada do sentimento religioso, e de certo modo, o mais simples de todos os ritos. Pode ser a comunicação espontânea de um indivíduo como Deus, e nesse caso não costuma ter uma forma definida, uma vez que é expresso em termos pessoais.

Logo após o rito de abertura o coordenador da reunião pede para que algum membro faça uma leitura retirada da Literatura Oficial do AA, em especial do livro "Reflexões Diárias", e após essa a leitura da mensagem do AA, é feito um pequeno comentário sobre a mesma. Em seguida, coordenador da reunião abre espaço para as intervenções dos membros, e se por ventura nenhum membro se encorajar de fazer uso da palavra (o que é muito difícil de acontecer), pode ser lida outra mensagem. Entre o alcoólico e a Irmandade, na figura de seu representante, o coordenador de mesa, pessoa destacada naquela reunião (tem como função controlar o tempo, anunciar cada etapa do evento e também abrir e fechar a reunião), sentado em lugar de destaque em uma mesa de frente para a plateia de companheiros e cercado pela Literatura de AA, torna-se naquele momento o porta-voz da instituição (portador do discurso oficial), sempre pronto a corrigir dissonâncias entre os integrantes da assembleia, dos agora alcoólicos em recuperação, que revivem e atualizam os princípios do caminho espiritual do AA, seu mito de origem e aquele que busca a *cabeceira de mesa* para contar e recontar sua vida, uma, duas, três vezes (ou mais) ao mês. A ação de ir a cabeceira de mesa é declarada no discurso da Irmandade como essencial para o processo de recuperação do alcoolista. Assim ele entra num novo universo onde seu “eu” onipotente terá que se render, ser extinto, para renascer um novo “eu” marcado por uma condição introjetada: um “eu” alcoólico.

Os membros passam por mudanças promovendo a dissolução de crenças arraigadas que até então sustentavam a visão pessoal de mundo. Nessa dissolução eles fazem uma releitura de si, do seu mundo, de suas relações. Mas essas novas crenças, novas concepções (doze passos) que este universo lhe oferece precisam

ser constantemente atualizadas e confirmadas cotidianamente. Para isto é preciso que o alcoólico se mantenha em constante conversação e interação com esse universo. Participar das reuniões (assim como estudar a literatura de AA, conversar com outros alcoólicos em recuperação) parece dar condições para que o novo esquema interpretativo tenha uma estrutura de plausibilidade. A reunião de *recuperação* é a materialização da mensagem do AA. Em seus ritos e ritmos estão inscritos os princípios da Instituição, suas crenças e representações enquanto realização de sua intencionalidade: a recuperação do alcoólatra e o combate ao alcoolismo. Ela é basicamente composta de troca de experiências através de depoimentos que se sucedem um após o outro, sempre na primeira pessoa do singular. Depoimentos estes que não são enunciados de qualquer forma ou de qualquer lugar, mas sim de um “locus”¹⁰³ especial: o salão da reunião, o lugar onde o alcoólico se sente realmente acolhido. Afastado do duelo com o álcool, o adicto poderá então encontrar em AA um caminho que pode lhe garantir esperança de vitória sobre a sua “doença”, pois ali lhe são apresentadas simultaneamente situações e conceitos distintos de sua antiga cosmovisão. Em todas as reuniões, as intervenções podem ser intercaladas pela leitura de alguma passagem de um dos livros do AA. Já para efeito de compreensão a partir dos discursos de construção da identidade dos alcoolistas anônimos, todos os membros sem exceção, ao se apresentarem em “cabeceira de mesa” incitam os presentes da mesma maneira, abrindo sempre suas intervenções com o seguintes dizeres: *Boa noite a todos, meu nome é fulano e eu sou um alcoólatra em recuperação*. Esta é uma característica marcante do ritual das reuniões e demonstra a afirmação de uma identidade entre os membros, ou seja, todos se dizem alcoólatras em recuperação. da mesma forma, ao final de cada intervenção todos os membros declaram: *E o que eu desejo para mim é o mesmo que eu desejo para todos vocês "mais 24 horas de sobriedade"*. O que eu desejo para mim é o mesmo que eu desejo para todos, ou seja todos que são iguais a mim. Dito isso, que pode ser seguido de uma efusiva salva de palmas dos demais participantes, ou apenas um coletivo “obrigado”, o coordenador, usualmente encerra a intervenção dos membros da seguinte forma: *Muito obrigado companheiro*

¹⁰³ Vocábulo originário do latim e significa lugar, espaço. Usado nesse contexto como o espaço onde o alcoolista se sente mais no controle de sua própria vida , exigindo mais de si mesmo e se concentrando no que pode fazer por conta própria para lidar com os seus problemas atuais. Disponível em "Nossa Língua Portuguesa":<http://nossalinguaportuguesa.com.br>. Acessado em 24/03/2012.

fulano e que o Poder Superior te proporcione mais 24 horas de sobriedade e serenidade! Os membros sempre se portam de maneira repetitiva, tanto no início, quanto no fim de suas intervenções mesmo que em suas partilhas busquem falar sobre os mais diferentes assuntos. Assim, aparece pela primeira vez a dimensão religiosa dos grupos, através da ideia de um Poder Superior. Os membros falam somente de suas próprias experiências; não falam sobre assuntos privados de outras pessoas, não interrompem a pessoa que está falando, não confrontam a fala anterior assim como não apresentam explicações psicológicas para o comportamento de outros membros de AA. Esses depoimentos parecem ter uma função primordial em AA: impedir alimentar a ilusão de que toda a trajetória alcoólica com seus problemas ficaram para trás. Assim, memorizando, evitam repetir. Esses depoimentos, realizados oralmente, fazem surgir elos entre as pessoas. Nas reuniões o participante transmite sua mensagem para a audiência formada por seus companheiros no “drama do alcoolismo” e um intenso diálogo se inicia: entre o alcoólico em recuperação, que surge como protagonista de uma história de sofrimento e a plateia formada por pessoas que enfrentam situações semelhantes. Os depoimentos, *célula mater* da reunião de AA são realizados oralmente e ocupam quase todo o seu tempo. Inicia-se sempre com a expressão: “Eu sou um alcoólico”. E para uma plateia de pessoas que vive o mesmo problema, isto é, uma comunidade de iguais. Todos os depoimentos são iniciados da mesma forma, prosseguindo sempre num ritmo binário: sempre apresenta a sua vida anterior envolvida em caos, desordem, sofrimento, logo após, a vida posterior ao ingresso em AA envolvida em felicidade, paz e harmonia. Opera-se assim, uma relação de contrastividade: rompimento com o passado e a memorização permanente dele.

Em linhas gerais, os AA praticam, conforme se denomina na psicologia, a “terapia do espelho”. Ao falar de sua trajetória alcoólica, o alcoólico produz um *efeito espelho*. A experiência de reconhecimento de si se dá quando os alcoólicos participantes ouvem o depoimento de outros alcoólicos. Assim, um alcoólico se reconhece no outro. Esse *espelho* funcionaria como um dispositivo para que ele assuma a “doença” de que é portador, e, enxergando no outro o seu próprio problema, tornar-se-ia mais fácil a sua reabilitação. Esse ethos¹⁰⁴ de identificação quebra a negação,

¹⁰⁴ Esse termo está sendo usado nesse texto para enfatizar, de maneira geral, os traços particulares e característicos dos grupos de AA, que o diferencia de outros grupos. A palavra ethos tem origem

suscita a confiança, dissipando a tensão e aumenta a confiança na solução do problema para o qual não se via saída. Conforme qualquer tipo de religião ou de religiosidade, que carecem de mitos, símbolos, rituais e instâncias superiores que consagrem autoridade e submissão para manifestar tais categorias, é possível perceber que a Irmandade de AA possui um forte apelo religioso, apesar da mesma não se identificar enquanto religião, mas sim como um programa terapêutico que pode ter como uma de suas bases a religião. A participação nos grupos locais de AA nesse caso, torna-se de suma importância, pois é na reunião de *recuperação* (realizada nos grupos locais) que podemos ver a realização dos objetivos da instituição, ou seja, o combate e a *recuperação* do alcoolismo, através da prestação dos depoimentos sobre a vivência da doença, a transmissão da mensagem espiritual de AA, tanto para companheiros como para futuros ingressantes, vindos principalmente através da realização da abordagem promovida pelos membros, vista e incentivada pela Instituição como parte do processo de *recuperação* do *alcoólico*. Como de costume, as reuniões são encerradas com a leitura da ata da reunião do dia, seguida da "Oração da Serenidade" e do "Termo de Responsabilidade", que procuro descrever logo abaixo, sendo este, um componente do terceiro legado do AA, que é o serviço. Eis então o Termo de Responsabilidade: *"Eu sou responsável. Quando qualquer um, seja aonde for, estender a mão pedindo ajuda, quero que a mão de A. A. esteja sempre ali. E por isto, eu sou responsável."*

4.1.2 Do rito de passagem: de alcoólatra a alcoolista em recuperação

Recorrendo-se mais uma vez às teorias de Carl G. Jung, bem como as de William James, é de se observar que a meta final de qualquer indivíduo é chegar a um estado de auto realização e de profundo conhecimento do próprio *eu*, e em se tratando-se do sujeito alcoólatra, o programa do AA vem atuar como um forte subsídio para que o doente encontre o seu eixo de equilíbrio nessa busca de si mesmo. No caminhar dessa busca, o indivíduo alcoólatra deve se submeter ao

grega e significa *valores, ética, hábitos e harmonia*. É o conjunto de hábitos e ações que visam o bem comum de determinada comunidade. Do ponto de vista sociológico, *ethos* constitui uma espécie de síntese dos costumes de um povo, um valor de identidade social.

sacrifício de "morrer" para que possa "renascer" em uma nova vida. Assim como o sofrimento que antecede a vida do alcoólatra, a morte e ressurreição são imagens típicas, em um olhar mais restrito ao religioso, que o guiará a um status superior: o doente passará pelo processo de *morrer enquanto alcoólatra* para renascer como *alcoólico em recuperação*. E somente assim, rendendo-se ao Poder Superior e substituindo a dependência da bebida (considerada nociva), pela dependência do Poder Superior (considerada produtiva) que se poderia vencer o alcoolismo. O psicólogo William James, apud Bill W. diz que:

A crise da rendição de si mesmo é o arremesso de nossos egos conscientes sobre a misericórdia das forças que, quaisquer que sejam, são mais ideais do que temos na verdade, e buscam nossa redenção. A rendição de si mesmo tem sido e sempre deve ser considerada como o ponto decisivo e vital da vida religiosa.¹⁰⁵

Fazendo-se uma analogia entre as religiões institucionais e a Irmandade de AA, é permitido entender que se as religiões podem cumprir o papel de fornecer sentido para seus adeptos, e a participação em qualquer grupo religioso implica um processo de conversão, da mesma forma os membros de AA também buscam se *autoconverter* (de alcoólatras para alcoolista em recuperação), da mesma forma, essa Irmandade têm todas as condições de cumprir o mesmo papel espiritual, uma vez que através do auto disciplinamento e do reforço da autoestima, ela vem também fornecer os subsídios moralizantes que muitas vezes são procurados pelas pessoas que ingressam em instituições religiosas. Como se pode observar, Alcoólicos Anônimos trabalham na busca da "conversão" de seus membros, porém, essa conversão não é imposta a ninguém, ela deve partir da própria vontade do sujeito alcoólatra. Para se tornar eficaz, a admissão no AA deve constituir compromisso, envolvimento e participação ativa. Nesse "*rito de passagem*" os Grupos funcionam como um novo caminho, um estágio para uma nova vida: os membros fariam essa passagem de alcoólatra para alcoólico em recuperação, ao admitir que sofre de alcoolismo e ao se submeter ao Poder Superior, e nesse processo eles testemunham este renascimento/ressurreição, afirmando-se serem protagonista de um grande e verdadeiro milagre. Vejamos o que a própria Irmandade busca declarar:

Embora não fosse nossa intenção causar essa impressão, muitos alcoólicos chegaram à conclusão de que para se recuperarem teriam de adquirir uma imediata e profunda "consciência de Deus", seguida logo por uma grande

¹⁰⁵ JUNAAB. "Alcoólicos Anônimos Atinge a Maioridade: uma breve história de AA". 2001, p. 249.

mudança de sentimentos e atitudes ... A maioria das nossas experiências são as do tipo que o psicólogo William James chamou de "variedade educacional", pois se desenvolvem devagar através de um período de tempo.¹⁰⁶

Dá-se para observar que as imagens/mensagens presentes na Literatura de AA servem de referência para compreender essa relação, entre uma instância de "poder superior" e outra representada como "inferior", assim como a passagem de uma para a outra, como uma substituição. O alcoolismo e o AA se pautam nas narrativas sob o signo da dependência, uma negativa e nociva que consiste na própria doença como obsessão mental, e a outra produtiva e benéfica, que traz a felicidade e a recuperação. Busca-se aqui mais uma vez retomar as teorias de Jung quando o mesmo assegura que:

Sempre existiram "domínios" e "poderes", e não nos compete criá-los, nem precisamos fazê-lo. A única tarefa que nos cabe é escolher o "senhor" a quem desejamos servir, para que esse serviço nos proteja contra o domínio dos "outros", que não escolhemos. "Deus" não é criado, mas escolhido. Nossa escolha caracteriza e define "Deus".¹⁰⁷

A vontade do alcoólatra nesse caso, é encarada como uma das causas de sua submissão ao álcool, e portanto, é de fundamental importância substituir a escravidão da bebida pela submissão ao *Poder Superior*. Durante a dependência, o domínio sobre o sujeito estaria na posse do álcool, visto como agente de dissolução dos valores que constituem o ser humano (valores estes que o diferenciaria do animal). Nesse processo os adeptos do programa do AA costumam reconhecer que o alcoolismo os fez perder o controle sobre suas próprias vidas e que tudo o que julgava, ilusoriamente, como metas não passavam de sonhos, fantasias, inverdades e ficções. Logo, após o Despertar Espiritual, vem o controle, a ascendência e a nova vida. Dr. Harry M. Tiebouth fez a seguinte observação sobre as teorias do AA no que diz respeito à falência do ego e a rendição a Deus:

O fato de se chegar ao fundo do poço para produzir uma rendição, que reduz o ego ao seu verdadeiro tamanho, era logo evidente. Com o tempo se manifestaram mais dois fatos. O primeiro, que um ego reduzido tem maravilhosos poderes de recuperação. O segundo, que a rendição é uma experiência essencialmente disciplinadora.¹⁰⁸

¹⁰⁶ JUNAAB. "Alcoólicos Anônimos Atinge a Maioridade: uma breve história de AA". 2001, p. 211.

¹⁰⁷ JUNG, Carl G. "Psicologia e Religião". 1978, p. 92.

¹⁰⁸ JUNAAB. "Alcoólicos Anônimos Atinge a Maioridade: uma breve história de AA". 2001, p. 234.

Porém, mais adiante Dr Tiebouth adverte que "o simples ato de rendição pode levar à sobriedade, por seu efeito de fazer parar o ego",¹⁰⁹ mas assegura também que "infelizmente esse ego voltará, a não ser que o indivíduo aprenda a aceitar um modo de vida disciplinado, com o qual essa tendência da volta do ego é sempre controlada".¹¹⁰ Partindo-se desse pressuposto, a Irmandade do AA pode ser enquadrada como um programa de ação disciplinadora, por se encontrar investida em um pragmatismo que busca efetuar ações concretas de eficácia para a recuperação dos alcoolistas. Assim sendo, especificamente no tocante à questão da espiritualidade, vimos como o próprio Bill W. vivenciou uma experiência de despertar espiritual bastante concreta (a iluminação que viu em seu quarto). Desde então, vários membros em todo o mundo relataram e continuam relatando situações concretas, experiências de vida sinalizadoras de um despertar espiritual semelhantes, ou, ao menos, bastante parecidas com essa do co-fundador de AA, o que prova a importância, como acentuou James, da religião como uma vivência e não apenas como uma crença abstrata. Os membros de AA são a prova viva dessas ações: a cada reunião e em todos os depoimentos eles procuram demonstrar como suas vidas estavam arruinadas pelo alcoolismo, e como a partir do ingresso em AA efetuaram uma mudança radical de vida, uma espécie de renascimento ou novo nascimento, no qual passaram a viver em abstinência, numa vida sadia e feliz. Ora, nada mais próximo do cenário religioso como o termo "renascimento", sendo que para todo "renascimento" existe em paralelo uma experiência de "conversão", conversão esta, que conforme estudo entende-se que foi integralmente assimilada pelos membros de AA.

O processo de conversão é um rito muito presente nas culturas religiosas, e como se pode observar, esse rito de passagem faz parte de uma lógica terapêutica da Irmandade do AA. Com relação ao compartilhamento das experiências, que se realiza através do *ouvir, falar e ouvir novamente* o que o outro tem a dizer permite constatar que fazendo uma analogia às ideias de Marcel Mauss, nas reuniões dos grupos de AA existe uma forte carga de um "sentido de dádiva".¹¹¹ Conforme

¹⁰⁹ JUNAAB, 2001, p. 225.

¹¹⁰ JUNAAB, 2001, p. 235-36.

¹¹¹ Pela etimologia, o vocábulo "dádiva" é derivado do latim *dativa* que significa donativo. Uma dádiva representa aquilo que é dado, um presente ou uma oferta. No sentido religioso, dádiva é utilizado no sentido de presente divino, graça divina. Referindo-se às ideias de Mauss, dádiva é tudo aquilo que se recebe gratuitamente, sendo considerados como dádivas todos os atos de benevolência que

descreve este autor, "*todo sistema de dádiva deve criar uma forte rede de sociabilidade.*" Considerando-se sob este aspecto, a Irmandade de AA pode ser caracterizada como um grandioso sistema de dádiva, quer seja pela sua filosofia, quer seja pelo seu sistema de funcionamento, quando se leva em consideração que a pessoa que aceita se tornar membro da irmandade deve reconhecer que é alcoólatra e que não pode se livrar desse problema sozinha, que sua capacidade de se afastar do álcool lhe virá de outro lugar: de um dom concedido por uma "força superior" tal como ela própria a concebe. Finalizando, destaca-se aqui o ponto de vista do Dr. William James sobre essa vivência do sagrado, abordada em seu livro "As Variedades Da Experiência Religiosa":

Um paraíso de tranquilidade interior parece ser o resultado usual da fé; e para nós é fácil compreendê-lo, ainda que não sejamos religiosos. Há pouco, ao tratar do sentido da presença de Deus, falei da inexplicável sensação de segurança que então podemos experimentar. E, de feito, como será possível não se acalmarem os nervos, não se esfriar a febre, não se abrandar a aflição, se estamos sensivelmente cômnicos de que, sejam quais forem as nossas dificuldades do momento, nossa vida está toda nas mãos de um poder em que podemos confiar de forma absoluta?¹¹²

Retornado-se novamente aos Doze Passos, observa-se que o Primeiro Passo fala sobre a admissão do sujeito que procura o AA sobre sua dependência e submissão ao álcool. O Segundo Passo, fala sobre a crença e entrega a um Poder Superior, e seria através e a partir dessa ação que o processo de recuperação no AA toma o seu início. Entregar-se (render-se ao Poder Superior) é difícil, porque é negar o que se passou a vida toda realizando, mas por meio dessa entrega Deus começa a operar na vida do alcoólatra. Na definição de James, converter-se, regenerar-se, receber a graça, sentir a religião, obter uma certeza, são outras tantas expressões que denotam o processo, gradual ou repentino, por cujo intermédio um *eu* até então dividido, e conscientemente errado, inferior e infeliz, se torna unificado e conscientemente certo, superior e feliz, em consequência do seu domínio mais firme das realidades religiosas. Isso, pelo menos, é o que significa a conversão em termos gerais (quer se acredita, quer não), que se faz mister uma operação divina direta para produzir uma mudança natural dessa ordem: a verdadeira liberdade consistindo na submissão ao Poder Superior. E a fé em um Poder Superior a nós mesmos e as

naturalmente fazem parte da sociedade. MAUSS Marcel, Ensaio Sobre a Dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas, In: MAUSS Marcel, Sociologia e Antropologia. São Paulo. Cosac & Naify, 2003.

¹¹² JAMES, William. "As Variedades Da Experiência Religiosa". Cultrix, São Paulo, 1992, p. 220.

demonstrações milagrosas desse Poder nas vidas humanas são fatos tão antigos como a própria humanidade.

Partindo-se das experiências vividas no contexto do AA, ela nos permite analisar a teoria junguiana da seguinte forma: atingir o self, não significa chegar à perfeição, mas sim ter uma visão realista de si mesmo, e que o progresso interior é algo a ser trabalhado durante toda a vida, pois novos desafios surgirão o tempo todo durante nossa existência. Alcançar essa auto realização depende da cooperação e estruturação e somente depois de um longo processo de transformações internas que impõe o sacrifício do *eu* é que o sujeito se encontrará fortalecido e preparado para servir à totalidade. Porém, uma pessoa integrada com um Poder Superior enfrentará esses desafios com muito mais coragem, discernimento, equilíbrio e serenidade. E estar recuperado, significa muito mais do que não ingerir bebidas alcoólicas, pois implica, na condição de “alcoólico em recuperação”, compartilhar com os demais, as categorias referentes à visão institucional sobre uma nova realidade (saúde, trabalho, família, sexualidade, espiritualidade), e assim, incorporar o AA “como um modo de vida”. Deixo aqui a mensagem de Jung que diz que “o homem é capaz de atingir sua totalidade”,¹¹³ isto é, o homem tem o poder de curar a si mesmo.

4.1.3 Da celebração do aniversário de sobriedade

Busca-se descrever aqui um dos grandes momentos de celebração do sucesso pessoal do alcoólatra em recuperação, sendo este, respaldado pelo apoio coletivo dos membros e pelo *Poder Superior*, trata-se nesse caso, do recebimento de fichas¹¹⁴ por tempo de participação, ou por tempo de sobriedade, como os membros costumam dizer. A importância desse símbolo é significativa e por razões bem evidentes: a pessoa recebe fichas durante todo o seu primeiro ano, pois este é o período considerado de maior risco de recaída para o membro recém-chegado. O simbolismo empregado nestas fichas é tamanho que faz com que elas sirvam de incentivo para o membro continuar afastado da bebida e continuar participando das reuniões. Elas são entregues apenas àquelas pessoas que não sofreram nenhuma

¹¹³ JUNG, Carl G. "*Psicologia do Inconsciente*". 1971, p. 99.

¹¹⁴ No anexo deste trabalho (às pag. 113), segue uma tabela contendo a cor específica correspondente ao tempo de sobriedade do membro, bem como um pequeno histórico do surgimento dessa prática na Irmandade de AA.

recaída durante dado período. Caso a recaída venha ocorrer, a contagem de tempo é zerada. Tradicionalmente elas devem ser entregues pelo padrinho, e nas reuniões em que há a ocorrência deste ato simbólico, esta chega a apresentar um caráter diferenciado das reuniões cotidianas, constituindo assim, uma reunião festiva: o coordenador escreve no quadro o nome do membro e o tempo de sobriedade que está completando naquele dia. A euforia é tamanha que todos os participantes, dentro de suas falas, se remetem a este membro com elogios pela persistência, palavras de incentivo para prosseguir na "*luta contra as recaídas*", bem como de como esta pessoa serve de exemplo para as demais e de quantos outros que desistiram no "*meio do caminho*." Há também nessa ocasião uma grande exaltação de como o Poder Superior é "poderoso", etc. De acordo com os membros, dez anos de sobriedade é uma marca difícil de ser alcançada, e neste caso, a ocasião se torna ainda mais especial, em que a fé no Poder Superior é regularmente enaltecido. Se antes a dependência e a submissão relacionada ao álcool possuíam um caráter negativo, agora, a submissão e dependência ao Poder Superior é tida como positiva. As ideias de Jung vêm mais uma vez contribuir para esse entendimento:

Quando conseguimos estabelecer a função denominada função transcendente, suprime-se a desunião com o inconsciente e então o seu lado favorável nos sorri. A partir desse momento, o inconsciente nos dá todo o apoio e estímulo que uma natureza bondosa pode dar ao homem em generosa abundância ... para se completarem extensas etapas da evolução, não é preciso ter inteligência especial, nem outros talentos, pois neste desenvolvimento as qualidades morais podem suprir as lacunas da inteligência.¹¹⁵

Essa função de transcendência constitui nesse caso um valor espiritual que é capaz de transformar a vida do alcoólatra, fazendo-o renascer para uma "*outra vida*", e no que se refere à manifestação máxima desta expressão espiritual, tem-se a figura do *Poder Superior*, podendo a princípio este "*Poder*" ser a própria Irmandade, ou seu grupo de recuperação, seu padrinho de AA, mas principalmente Deus, ao qual é necessário entregar-se e dEle depender, para que orientado pela vontade divina, consiga encontrar forças para se libertar "*a cada vinte quatro horas*" (só por hoje) da vontade desenfreada de beber.

A representação de uma irmandade, acima de interesses particulares, onde todos se consideram iguais na vivência de um drama comum, é essencial para a constituição desse espaço simbólico, onde o antigo modo de viver do sujeito alcoólatra passa a

¹¹⁵ JUNG, Carl G. "*Psicologia do Inconsciente*". 1971, p. 103.

ser reconstruído, e a partir de então, surge o começar de uma *"nova vida"*, e é sob este quadro de convicção que se deve entender certos fatores de natureza espiritual como: a abstinência, a dependência a um Poder Superior e o anonimato, como parte da construção de uma comunidade de valores imprescindíveis para o caminhar nessa nova vida.

4.2 Da relação do AA com a esfera pública

Uma razão para a ampla aceitação de AA foi a dedicação de amigos ligados à medicina e a religião que, ao lado de inúmeros outros, tornaram-se hábeis e persistentes *"advogados"* dessa Irmandade, sendo que, sem este apoio, teria sido impossível que AA progredisse tão depressa como progrediu. Busca-se aqui enfatizar a relação da Irmandade de AA com alguns segmentos da sociedade (principalmente assistência social, jurídica, médica e religiosa), e dentre estes, procura-se colocar em evidência a esfera médica, uma vez que esta agrega o trabalho da irmandade como de grande prestígio social, tanto no que diz respeito à recuperação física do adicto, como também para sua reestruturação enquanto sujeito social. O consumo de álcool encontra-se ligado a diversas consequências para o indivíduo que o consome, também para aqueles que encontram à sua volta, bem como para a sociedade como um todo; e a desinformação generalizada, que persiste em todas as camadas sociais, sobre o alcoolismo como doenças, gera problemas tão diversos e ideias tão descabidas, que seria difícil enumerá-las. Primeiramente, quase que por opinião unânime das pessoas, o alcoólatra é reconhecido apenas um mendigo que perambula pelas ruas, vítima de males morais como falta de vergonha, preguiça, sem força de vontade etc., (opiniões estas nada mais falsa e perniciosa). A partir dessas premissas, passa-se a fazer as seguintes observações: primeiramente, o alcoólatra não é apenas um mendigo que chega ao fundo do poço da degradação humana, o mendigo já se encontra na última etapa de evolução degenerativa do processo destrutivo do alcoolismo. Acima dele, há um número, infelizmente muito grande, de desavisados alcoólatras que segue o mesmo processo de degeneração, porém, julgando-se a salvo atrás do conforto de seus

empregos, de suas famílias e de suas posses. Em segundo lugar, partindo-se da certeza já estabelecida pela ciência médica, de que o alcoolismo é uma doença de ordem progressiva, o mendigo não chegou ao seu triste estado por falta de vergonha, fraqueza ou preguiça de enfrentar um trabalho: Ele é doente, uma vítima de condições psicológicas e orgânicas que ele não consegue dominar sem auxílio sistemático e apropriado. Nesse caso, faz-se necessário desvincular a imagem do alcoólatra da imagem do mendigo, e encarar o alcoolismo como uma doença em que o doente nega, a família esconde, e a sociedade repudia.

Como já é sabido, o alcoolismo afeta homens e mulheres em todos os ambientes de seu convívio, social, familiar e profissional. No campo familiar o alcoolismo ocasiona vários problemas, e em decorrência disso, a Irmandade de AA desenvolveu grupos de apoio para atender os familiares de pessoas que sofrem com essa doença, dentre eles cita-se o Al-Anon e o Al-Ateen. Não muito diferente da esfera familiar, na área profissional, o alcoolismo acarreta também diversos transtornos, e em decorrência disso, muitas instituições têm desenvolvido programas de assistência aos empregados. Nos programas dentro das empresas trabalha-se com a informação, a abordagem e os Doze Passos de AA e em muitos casos, existe uma equipe de profissionais da empresa que participa desses programas. Consequências como acidentes de trânsito, problemas no trabalho, com a família e violência interpessoal têm sido o foco de atenção pública e de estudos científicos nos últimos anos, indicando um interesse crescente na elaboração de um conceito mais amplo do fenômeno. O impacto que o uso de álcool estabelece nas esferas sociais como um todo é fruto tanto do prejuízo que essa droga causa na produtividade econômica quanto da atenção e dos recursos gastos pela justiça criminal, pelo sistema de saúde e por outras instituições sociais. É de se considerar, no entanto, que ainda há muita discriminação quando se fala em serviços para usuários de álcool e outras drogas, como se este público não fosse considerado como tendo direito a ações em sua direção. E é sabido que, ao lado dos Centros de Atenção Psicossocial para Álcool e Drogas, de natureza pública, existem também inúmeras clínicas privadas, bem como instituições filantrópicas e religiosas que dividem com o Estado a atenção a esta população.

Levando-se em consideração as tradições da Irmandade, o AA se mantém à parte de controvérsias públicas, não se envolvendo em debates sobre a política de

atenção a usuários de álcool e outras drogas. No entanto, é perceptível que indiretamente os membros de AA participam, de alguma forma, com seu conhecimento e experiência, através de palestras em escolas, empresas, hospitais e clínicas de tratamento, bem como têm sido largamente procurados por várias instituições públicas e privadas, e se encontram sempre dispostos a contribuir com suas experiências com qualquer instituição, seja de ordem pública ou privada. Ainda que os centros de atenção psicossocial voltados para usuários de álcool e outras drogas trabalhem com a perspectiva de redução de danos, diferentemente do AA, que atua segundo o modelo da abstinência, é de suma importância que esses centros abram suas portas para que membros de AA possam estar dentro deles, levando sua experiência com o alcoolismo, e de grande valia também que os profissionais de saúde e saúde mental que compõem estes e outros serviços participem das reuniões abertas de AA, com o intuito de aprenderem com quem já *"sofreu o alcoolismo na carne"*, algo mais sobre esta intrigante e desafiante questão de saúde pública. Nas empresas privadas, é muito comum o estabelecimento de programa de assistência ao empregado, organizado por meio de "parceria colaborativa" membros de AA e um Grupo de Apoio organizado pela empresa. Os Grupos de Apoio são organizados e coordenados por um profissional da instituição/empresa, por ela escolhido, não se trata, nesse caso, de um Grupo de AA e sim, um grupo que busca a experiência da Irmandade para melhor entender o processo de terapêutico do AA e assim, aplicá-lo no seu espaço de trabalho. Tais profissionais adotam, muitas vezes, ainda que parcialmente, o programa de recuperação do alcoolismo oferecido pelos Doze Passos de AA. O AA colabora com tais Grupos, oferecendo suas experiências como Irmandade, na formulação de palestras informativas sobre alcoolismo e o programa de recuperação de AA aos funcionários da empresa ou instituição interessadas em tê-las. O sucesso dessa participação, no entanto, dependerá do estreito relacionamento entre os membros de AA com os setores assistenciais e de saúde da empresa ou instituição, bem como da capacidade dos membros do AA em despertar o interesse e a consciência dos que forem enviados até lá. Esses grupos não estão sujeitos às Tradições de AA, nem fazem parte da estrutura da Irmandade. Geralmente, os membros de AA são convidados para comparecer com sua experiência pessoal de recuperação e para falar do programa de recuperação sugerido pela Irmandade. É de fundamental importância compreender que nesses locais os membros do AA se encontram

sujeitos às normas e regulamentos internos e que estão lá colaborar e não para ditar normas de procedimentos.

Pelo exposto até aqui, percebe-se que muito há ainda que avançar na questão de um atendimento de qualidade para os usuários de álcool e outras drogas. Portanto, faz-se assim necessário, a realização de mais estudos sobre essa questão a fim de que se possam medir as suas consequências de maneira mais significativa e propor melhores políticas de atenção ao controle do alcoolismo.

4.2.1 Do ponto de vista da medicina

Conforme já mencionado anteriormente, Alcoólicos Anônimos deve muito da sua fundação aos profissionais do campo da medicina que acreditaram na eficácia de sua proposta. Nesse caso, o primeiro a ser mencionado deve ser o médico William Duncan Silkworth, o médico que tratou de Bill W. quando este esteve internado no Towns Hospital de New York e também a quem Bill contou em primeira mão a sua experiência de um *"despertar espiritual"* no quarto do hospital. Há muito tempo, antes de conhecer Bill W., Dr. Silkworth já vinha tratando de pacientes alcoólicos com os quais, para seu espanto, as ferramentas comuns da medicina, como a desintoxicação física, não surtiam o efeito esperado. Logo, ele foi um dos primeiros médicos a perceber que, no caso do indivíduo alcoolista, algo havia em sua mente e em seu corpo que não deixavam o paciente parar de beber: foi o que ele chamou na época de uma *"alergia física mais obsessão mental"*. Vejamos aqui uma de suas declarações:

Nós médicos percebemos há bastante tempo que algum tipo de psicologia moral era de extrema importância para os alcoólicos, mas sua aplicação apresentava dificuldades que ultrapassava nossa compreensão. Entre nossos padrões ultra-modernos e nosso enfoque científico diante de tudo, talvez não estejamos bem equipados para aplicar as forças do bem que subsistem fora de nosso conhecimento sintético ... Diante deste problema, e sendo honesto consigo mesmo, um médico precisa, às vezes, admitir sua própria incapacidade. Embora dando tudo de si, muitas vezes não é o

suficiente. Sente que algo maior do que o poder humano é necessário para produzir a mudança psíquica indispensável.¹¹⁶

Segundo consta na história da Irmandade, a contribuição de Dr. Silkworth foi indispensável para o desenvolvimento do programa de recuperação de AA, dada a sua vasta experiência no tratamento de cerca de 40.000 alcoólicos ao longo de toda sua vida profissional.

Outra contribuição importante a ser mencionada no campo da Medicina, mais especificamente da Psiquiatria, foi a do Dr. Harry Tiebout, que iniciou seu contato com o AA no ano de 1939 e desde então, passou a utilizar os princípios de AA em sua prática profissional, bem como começou a recomendar a irmandade para toda a classe psiquiátrica. Numa de suas palestras para membros de AA, salientou o início da sua aproximação com esta irmandade e o sentimento de estranheza em relação aos seus princípios, estranheza esta que ele chamou de "mistério":

Depois de "quebrar" a cabeça durante muitos anos, no que se refere ao problema do tratamento do alcoólico, eu podia agora começar a ter esperanças ... Em algum lugar da experiência de AA, estava a chave para a sobriedade. Aqui estava a primeira verdadeira chave do mistério, depois de muitos anos de esforços infrutíferos. As possibilidades à frente eram fascinantes. Talvez pudesse aprender como AA funcionava e assim conhecer algo a respeito de como as pessoas paravam de beber. Sim, compartilhei da emoção geral daqueles dias. Pude ver luz à minha frente.¹¹⁷

Logo, o que o Dr. Tiebout chamou de "mistério" era exatamente a perplexidade com que a classe médica via que o AA conseguia recuperação de vários indivíduos alcoolistas, enquanto os próprios médicos e psiquiatras não conseguiam. Daí a necessidade que viram de passar a acreditar nos princípios de AA, ou melhor dizendo, de se renderem aos mesmos. E foi justamente a partir da palavra "*rendição*" que Dr. Tiebout traçou sua explicação para a eficácia de AA: segundo ele, a "doença" do alcoolismo se trata de um problema de "*redução de um ego inflado*", ou seja, os alcoólicos eram geralmente pessoas que não admitiam estar doentes e pensavam poder controlar sua forma de beber de algum modo. Somente quando atingiam o "fundo do poço" do seu alcoolismo (com perdas em diversas áreas de suas vidas), é que o alcoólico começava a ter seu ego reduzido, ou seja, a "se render", admitindo sua impotência perante o álcool. Segundo ele, o que havia nessas pessoas era um ego que se opunha amargamente à qualquer insinuação de

¹¹⁶ JUNAAB. "Alcoólicos Anônimos". 2001, pgs. 25 e 27.

¹¹⁷ JUNAAB. "Alcoólicos Anônimos Atinge a Maioridade: uma breve história de AA". 2001, p. 232.

que havia sido derrotado, e, uma vez em recuperação, o alcoólico começava a reduzir o ego a seu verdadeiro tamanho, ou seja, de um ser que não pode ser onipotente em nada em sua própria vida, e especificamente no tocante ao álcool, há ainda maior dificuldade de garantir um controle.

No rol dos intercâmbios significativos nos primórdios de AA, outro personagem indispensável a ser mencionado, no campo dos profissionais da saúde, deve ser Carl Gustav Jung. Apesar de seus conceitos constituírem ferramentas teóricas importantes, do ponto de vista acadêmico e profissional, para a compreensão dos mecanismos psicológicos associados ao alcoolismo e ao processo de recuperação, o que o AA reteve da psicologia de Jung foi principalmente a simpatia pelos fenômenos religiosos, fenômenos estes, os quais buscava sempre mencionar em seus escritos:

Para compreender as coisas religiosas acho que não há, no presente, outro caminho a não ser o da psicologia; daí meu empenho de dissolver as formas de pensar historicamente petrificadas e transformá-las em concepções da experiência imediata.¹¹⁸

Nos limites de nossa compreensão no entorno da psicologia junguiana, consideramos ser este também um solo teórico bastante fértil para a compreensão da Irmandade de AA. É possível entender que o intuito de Jung com essa psicologia era alertar o indivíduo para as influências por vezes rígida, maléfica do coletivo sobre a personalidade individual, desestimulando ou bloqueando neste indivíduo o seu processo de individuação, conforme se pode observar na seguinte expressão:

Um funcionamento inadequado da psique pode causar tremendos prejuízos ao corpo, da mesma forma que, inversamente, um sofrimento corporal consegue afetar a alma, pois alma e corpo não são separados, mas animados por uma mesma vida. Assim sendo, é rara a doença do corpo, ainda que não seja de origem psíquica, que não tenha implicação na alma.¹¹⁹

Portanto, a preocupação de Jung continua estando em consonância com a que motivou essa investigação, qual seja, de como se dá a construção da identidade social do indivíduo alcoolista em AA, tendo em vista a eficácia da religião no processo terapêutico do AA, bem como as relações do indivíduo (o alcoolista em recuperação) e o todo (grupo social) ao qual pertence.

¹¹⁸ JUNG, Carl G. *"Psicologia e Religião"*. 1978, p. 94.

¹¹⁹ JUNG, Carl G. *"Psicologia do Inconsciente"*. 1971, p. 102.

Dentre tantos outros profissionais do campo médico, torna-se interessante mencionar algumas falas destes profissionais a respeito dessa irmandade, por ocasião da conferência anual da Associação Médica do Estado de New York, no ano de 1944, cuja nesta solenidade foi apresentada uma tese sobre o AA. O neurologista Dr. Foster Kennedy mencionou:

Esta organização dos Alcoólicos Anônimos apela para duas das maiores reservas de força conhecidas pelo homem - a religião, e este instinto de ligação com os semelhantes (...), o "instinto gregário". Creio que nossa classe deve tomar conhecimento e apreciar essa grande arma terapêutica. Se assim não fizermos, seremos culpados de esterilidade emocional e condenados por ter perdido a fé que move montanhas, sem a qual, pouco a medicina pode fazer.¹²⁰

Por meio das declarações do Dr. Foster, percebe-se que assim como Jung, ele também considera que a religião constitui uma ferramenta de grande importância para eficácia do tratamento clínico. Também nessa ocasião, o psiquiatra Dr. G. Kirby Collier declarou que a Irmandade do AA merece ser respeitada pela classe médica por conseguir um percentual de recuperação de alcoólatra o qual a medicina talvez, não seja capaz de alcançar:

Senti que AA é um grupo que vive independentemente e que obtém os melhores resultados segundo sua própria orientação, em consequência da filosofia que adota. Qualquer conduta terapêutica ou filosófica que demonstre um índice de recuperação de 50 a 60 por cento deve merecer nossa consideração.¹²¹

Da experiência que obtive com essa Irmandade, o psiquiatra-chefe do Hospital Geral de Filadélfia, fez a seguinte declaração sobre a relevância do processo de recuperação desenvolvido pelo AA para o alcoólatra que muitas das vezes não dispõe de recursos financeiros para custear um tratamento em clínicas de recuperação:

Os alcoólicos que recebemos aqui no Geral de Filadélfia são, na maioria, aqueles que não tem recursos para um tratamento particular, sendo AA de longe o melhor que temos podido oferecer-lhes. Mesmo entre os raros que aqui acabam vindo de novo, observamos uma profunda modificação em suas personalidades. Mal se pode reconhecê-los.¹²²

No ano de 1946, a Associação Médica Americana, por meio do Dr. W. W. Bauer, falando à rede de emissoras americana NRC sobre o AA, fez o seguinte pronunciamento:

¹²⁰ JUNAAB. "Alcoólicos Anônimos". 2001, pg. 212.

¹²¹ JUNAAB, 2001, pg. 212-13.

¹²² JUNAAB. "Alcoólicos Anônimos". 2001, pg. 213.

Alcoólicos Anônimos não são missionários, nem uma associação antialcoólica. Eles sabem que jamais devem beber. Ajudam outros que tenham problemas semelhantes. (...) Nesse ambiente, o alcoólico muitas vezes vence sua excessiva concentração em si mesmo. Aprendendo a depender de uma força superior e a ficar absorvido pelo trabalho com os outros alcoólicos, ele permanece sóbrio, dia após dia. Os dias se transformam em semanas, as semanas em meses e anos.¹²³

Já no ano de 1951 a Associação Americana de Saúde Pública outorgou o "Prêmio Lasker"¹²⁴ para a Irmandade de AA, em reconhecimento por sua maneira *sui generis* e muito bem sucedida de lidar com o problema do alcoolismo, drama ao qual essa associação descreveu como um problema de saúde pública e social. No respectivo diploma encontra-se escrito:

A Associação Americana de Saúde pública outorga o Prêmio Lasker para Grupos referentes a 1951 para alcoólicos Anônimos, em sinal de reconhecimento pela maneira singular e grandemente vitoriosa com que vem atacando este problema sanitário e social, velho como o tempo - o alcoolismo.¹²⁵

O psiquiatra alemão Dr. Paul de Kruif, autor de trabalhos de grande valor científico e literário, em um dos seus escritos sobre AA, intitulado "*Mesmo Você Não É Deus*", depois de narrar como conheceu a irmandade (por intermédio de dois membros Earl e Ward), e após sentir de perto toda a transformação espiritual pela qual passaram, a ponto de admirá-los e achá-los "*diferentes*" dos outros seres, "*gêmeos espiritualmente*" concluiu: "*O Remédio De AA É Deus. E Somente Deus. Este É O Grande Descobrimto... Para uma nova espécie de doente, uma nova espécie de médico. É nisso que se resume, para mim, o mistério de AA*".¹²⁶

No Brasil, a Revista vivência (periódico com publicação bimestral, editada pela JUNAAB), constantemente publica matérias de profissionais do campo da medicina, na qual indica a terapia do AA como o melhor recurso até hoje descoberto para tratar a doença do alcoolismo.

¹²³ JUNAAB, 2001, pg. 213.

¹²⁴ Criado no ano de 1946 pela Associação Americana de Saúde Pública, o Prêmio Lasker tem como objetivo homenagear pessoas/grupos que realizaram contribuições significativas à medicina, ou que realizaram serviços públicos notórios em medicina. É concedido pela Lasker Foundation, fundada por Albert Lasker e sua esposa Mary Woodward Lasker. Os prêmios são ocasionalmente denominados "Prêmios Nobel da América". Informações por meio da página eletrônica: The Lasker Foundation - Awards, site: <http://www.laskerfoundation.org/>, acessado em 28/08/2013.

¹²⁵ - JUNAAB. "*Alcoólicos Anônimos*". 2001, pg. 214.

¹²⁶ Seminário dos Doze Passos de AA, realizado em 14/03/2013. Disponível no site: <http://passeamensagem.wordpress.com/2013/04/14/seminario-dos-doze-passos-de-a-a/>. Acesso em 24 e 25/08/2013.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

" Perceberemos, de repente que Deus está fazendo por nós o que não conseguíamos fazer sozinhos." - As Promessas de AA -

Sob o ponto de vista do AA no tocante à diferença da religião para a espiritualidade, esta diferença centra-se no fato da primeira se encontrar diretamente voltada a doutrinas rígidas aos quais seus fieis tem que a elas se adequarem, e em muitas das vezes, a elas se subordinarem sem reservas, enquanto que a segunda se encontra mais voltada para os valores humanos e não em moldar o sujeito pela imposição de regras. E ainda que os princípios terapêuticos dos AA não advenham somente da religião, essa Irmandade pode ser compreendida como uma instituição de ordem espiritualista e que supre certas expectativas tradicionalmente disponíveis

no campo religioso, como uma forma de regulação moral e de pertencimento a alguma comunidade de sentido. Vale lembrar também mais uma vez que o fundamento religioso dos AA se dá pelo fato de seus fundadores Bill e Bob, bem como seus primeiros membros terem sido religiosos (principalmente cristãos protestantes) e que carregavam consigo forte influência dos preceitos espirituais dos Grupos de Temperança e dos Grupos de Oxford. Sem dúvida, as crenças que traziam consigo sobre religião, psicologia, política, etc., advinham de seu meio social e incontestavelmente constituíram os AA da forma que ele o é e que conseguiu se perpetuar até os dias de hoje. A espiritualidade é considerada diferente, senão oposta, ao que se considera como religião, pois a espiritualidade é pautada por ser uma "*fé verdadeira*", eficiente em relação a outros métodos e grupos que combatem o alcoolismo; antes de entrar no AA, as ações do *alcoólico* seriam marcadas pela infelicidade e degradação da doença, agora seus atos serão pautados na espiritualidade, portanto adquiririam o status de espirituais.

O caminho espiritual do AA centra-se basicamente na prática espiritualista desenvolvida nos Doze Passos. Na vivência cotidiana desses Doze Passos, a vida do alcoolista vem paulatinamente adquirir os valores espirituais preconizados pelo grupo, em um espaço à parte do mundo (pois este seria dominado pelo egoísmo, individualismo e pela compulsão ao álcool). Sob a filosofia do AA os princípios de tolerância e amor devem ser enfatizados na prática, e a fim de levar ainda mais longe o princípio de aceitação e tolerância, AA busca não exigir nenhuma religião de ninguém. Todas as pessoas com problema alcoólico que queiram se livrar dele e se ajustar bem às circunstâncias da vida tornam-se membros de AA simplesmente se ligando à Irmandade, pois o único requisito para se tornar membro "é o desejo de parar de beber". Nada é preciso, a não ser sinceridade, mas nem isso se exige. Numa atmosfera como AA, os crentes e os descrentes se misturam e juntos são felizes e úteis, constituindo assim uma excelente oportunidade de obter crescimento espiritual. Para uma doença incurável, *sui generis* e muito especial, somente um MÉDICO muito mais especial: "Deus conforme se concebe". Seguindo esta filosofia, tem-se na Oração da Serenidade o principal recurso para a prática do exercício da espiritualidade e manifestação de entrega ao *Poder Superior*, constituindo assim, um dos elementos da *recuperação* do doente alcoólatra. Se a política de relacionamento com o Poder Superior parece estar aberto a experiência e às percepções do

membro, estas concepções não estariam desvinculadas de certos marcos de referência, pois encontra-se sempre citados tanto durante as reuniões, assim como na Literatura dessa Irmandade, esse Poder Superior como uma entidade bondosa e acolhedora. E este Deus estaria disposto a proteger o sujeito em seu percurso enquanto alcoólatra, este que mais tarde após o Despertar Espiritual entregaria sua vontade e teria por isso sua vida modificada e seus apuros vencidos. Uma força benigna, sempre disposta a apoiar, porém não a todos, mas aqueles que como dito entregarem sua autonomia e vontade submetendo-se às diretrizes do AA, expressões de espiritualidade deste ser superior que se manifestaria através da coletividade representada na Irmandade.

No que diz respeito à liderança do AA, segundo suas Tradições: "*somente uma autoridade preside em AA: um DEUS AMANTÍSSIMO que se manifesta na consciência coletiva.*" Nesse sentido, a única autoridade (único líder) em AA é um Ser/Poder Superior que Se manifesta através da consciência do grupo. A formação de um grupo, as dores resultantes do crescimento, os comitês rotativos são constituídos de servidores. Esses líderes não governam, eles são apenas servidores de um Poder Superior. O *Poder Superior*, tendo em Deus sua manifestação definitiva, transcende a experiência do indivíduo, através de uma Força que não depende da fé, e sim da observação de evidências dentro do quadro de referências de cada um. Esse Poder Superior se expressa através das ações dos membros que seguem conceitos, passos, tradições e princípios do grupo, e a presença da transcendentalidade nos atos cotidianos dos adeptos é um dos elementos para a construção de novos sentidos à suas vidas. Busca-se aqui trazer novamente o pensamento Tillich, que acredito fazer compreender melhor essa relação imanente/transcendente expressa no AA:

O centro da pessoa une todos os elementos da vida da personalidade: as forças corporais, inconscientes, conscientes e intelectuais. Do ato de fé participa todo nervo do corpo humano, toda aspiração da alma, todo impulso do espírito humano ... Fé, por isso, não tange somente ao espírito ou apenas a alma ou exclusivamente a vitalidade, e sim ela é a orientação da pessoa inteira em direção ao incondicional.¹²⁷

¹²⁷ TILLICH, Paul. "*Dinâmica da Fé*". 1974, p. 69.

Somente essa fé percebe Deus em sua liberdade pessoal, em seu ser como outro, não como objeto, em sua promessa inexprimível, em seu amor maior. A espiritualidade baseada na fé constitui, assim, o caminho que responde, de maneira única e inédita, a todas as aspirações do alcoólatra em recuperação, e a fé no Poder Superior não deve ser um ato convencional que se expressa apenas na reunião do grupo, ela é um sentimento de confiança e amor fraternal, atuante e permanente, que deve ser praticado em todo momento de sua vida, quer seja na igreja, no lar, no ambiente de trabalho, enfim, em toda a sociedade. Desejar a fé não é sinal de fraqueza, mas de força e sabedoria.

Diante da análise dos dados apresentados, podemos levantar as seguintes observações quanto a origem do AA: seu surgimento se remete "*ao encontro entre semelhantes*", ambos vivenciando e a procura de solução para seu drama pessoal, o alcoolismo. E esse encontro entre os alcoólatras Bill e Bob, teria gerado um efeito imediato (um *Despertar Espiritual*) em ambos. Além deste encontro outra constatação se faz importante e essencial para o continuar da trajetória do AA: eles constatam que o trabalho em conjunto para auxiliar outros alcoólicos os ajudam a manterem suas próprias sobriedade. Temos através desta filosofia, a principal mensagem contida na Irmandade de que "*não há ninguém melhor para ajudar um alcoólatra do que um outro alcoólatra*", pois como este já sentiu na carne esse drama, compreende melhor a dor do seu semelhante, e este fato tornou-se um diferencial entre o AA e outras instituições. Através dessa experiência pioneira de Bill e Bob, torna-se fato que a reprodução deste mito (o encontro entre semelhantes) é eficaz, por isso o AA funciona, já que ele é constituído de pessoas que conhecem o problema, e partir da experiência buscam auxiliar seus "*irmãos sofredores*", através do trabalho em conjunto para auxiliar na recuperação de outros alcoólicos, garantindo a reprodução da Irmandade, que veria no percurso de recuperação do alcoólatra. Por essa razão, Bill quando ao sair para as reuniões dos grupos de AA costumava sempre dizer "*estou indo para junto dos meus iguais*".

Sob o ponto de vista da doença, visão do AA sobre a mesma seria a de que esta é uma doença física, mental e espiritual, de ordem progressiva e reflexiva, pois além de afetar o adicto, estende seu mal também para e o meio social em vive (família, amigos, trabalho). E a eficácia do processo terapêutico na vida do alcoolista em recuperação se daria através do avançar dos Doze Passos se daria em buscar

distinguir as coisas sagrada das profanas. Essas coisas sagradas, seriam consideradas como superiores em dignidade e em poderes às coisas profanas e, em particular, ao homem, quando este é apenas um homem e nada possui por si só de sagrado. No caso do *alcoólico em recuperação*, membro da irmandade dos doentes alcoólicos, portadores que são deste mal, este adquiriria o caráter de sagrado ao ser liberto da dependência ao álcool, como símbolo do profano e submetido à potência espiritual do *Poder Superior*, que eleva o homem à instância do sagrado. Não basta, porém que uma coisa esteja subordinada a outra para se considerar sagrada, o que definiria a relação do sagrado com o profano é a sua heterogeneidade, neste caso configurada como absoluta. E no que diz respeito ao adicto em recuperação, isto não significa que ele esteja imune de passar do estado sagrado para o profano, pois ele se encontra sempre sujeito a recaídas. O sujeito alcoólatra não dispõe de defesa mental contra o primeiro gole, pois sua vida encontra-se em constante oscilação entre o “*governo de Deus*” e o “*governo da vontade de beber*”, e essa defesa só poderá vir de um Poder Superior, desde que cada um faça a sua parte. Somente o Poder Superior pode ser a força que pode fazer oposição e vencer o álcool, este Poder Superior na forma que o alcoólatra o concebe é quem vai fazê-lo esquecer a bebida, o seu gosto e a predileção do bebedor por ela. Enquanto ele não entregar sua vida ao Poder Superior, não se está sendo honesto consigo mesmo e por isso dificilmente entrará no processo de recuperação que o levará a atingir a totalidade.

Tratando-se da pergunta básica que veio motivar essa pesquisa: o ritual (reunião de AA) produz algum impacto na vida do sujeito alcoólatra? Observa-se que o espaço terapêutico da reunião gerencia valores e técnicas, transmitidos aos alcoólicos a partir dos quais as identidades se reformulam. Os alcoólicos passam por mudanças substanciais, promovendo a dissolução de referências arraigadas que até então sustentavam a visão de mundo pessoal. Nesta dissolução eles fazem uma “releitura” de si, do seu mundo, de suas relações. A adoção dos Doze Passos funciona como uma possibilidade de uma nova forma de aprendizagem, reformulando o estilo existencial daqueles alcoólicos que passam pela transformação. Há uma reorganização de premissas que traz como reflexo um novo tipo de relação com o mundo. Nesse aspecto AA seria uma espécie de “*terapêutica relacional*”, a que se teria que recorrer durante toda a vida, pois é um processo que se mantém enquanto existe a *circularidade* de significados, ou seja, enquanto o alcoólico se mantém no

circuito de fala/escuta/fala que o ritual põe em movimento. Os alcoólatras (bem como as vítimas de outras dependências aparentemente incuráveis) sentem-se derrotados, maus e impotentes e invariavelmente sofrem de baixa autoestima. Se eles quiserem se recuperar, devem ser descobertas novas e poderosas fontes de autoestima e esperança, e a espiritualidade oferece um novo alento, tanto para a esperança quanto para um maior cuidado consigo mesmo. Para essa irmandade convergirão todas as espécies de investimento e aspirações. As relações comunitárias perpetram-se na medida da identificação entre os que dela participam. Passam a ser o canal de manifestação de seus membros, o palco de discussões e o veículo ótimo de suas queixas. Buscam acima de sua condição recém-acolhida de doente, a possibilidade de vir a reconquistar o que considerarão como a humanidade perdida. Em síntese, a Irmandade funcionará como agente de solidariedade grupal, congregando, simultaneamente, anseios comuns frente à doença e perplexidades frente à realidade social. Nesse sentido o ritual visa reorientar a causalidade do mundo. Busca organizar essas acusações em um sistema capaz de lhes dar coerência e um meio de expressão.

No tocante à influência e contribuição da religião para a eficácia dos males de ordem psicológica, como assegura Jung, ela é imprescindível:

A experiência religiosa é algo absoluto. Não é possível discutir acerca disso. Uma pessoa poderá dizer que nunca teve uma experiência desse gênero, ao que o oponente replicará: "Lamento muito, mas eu tive". E com isto se porá termo a qualquer discussão. É indiferente o que pensa o mundo sobre a experiência religiosa: aquele que a tem, possui, qual inestimável tesouro, algo que se converteu para ele numa fonte de vida, de sentido e de beleza, conferindo um novo brilho ao mundo e à humanidade ... E se uma experiência desse gênero contribuir para tornar a vida mais bela, mais plena ou mais significativa para nós, como para aqueles que amamos - então poderemos dizer com toda tranquilidade: "Foi uma graça de Deus."¹²⁸

Sob a ótica da Irmandade no que se refere à terapia para o alcoólico, ela garante com grande humildade que não detém o monopólio, porém, sua maior esperança, é que todos aqueles que até agora não tenham encontrado respostas para o seu drama, possam começar a encontrar alguma, em algum grupo espalhado mundo afora, ou em sua literatura, e quem sabe, em breve possa se juntar-se a eles. Por enquanto, diante do problema total de vários milhões de alcoólicos de fato ou em potencial em todo o mundo, afirma-se que conseguiu ainda muito pouco, e

¹²⁸ JUNG, Carl G. *"Psicologia e Religião"*. 1978, p. 111-12.

é bastante provável que jamais sejam capazes de atingir mais do que uma razoável fração do problema do alcoolismo em todas as suas ramificações. A Irmandade de AA se dispõe a colocar sua experiência à disposição de qualquer instituição, levando sempre a sua mensagem (quer tenham programas estabelecidos ou não), bem como para todos aqueles que demonstrem o desejo de parar de beber. Alcoólicos Anônimos não é uma irmandade que presta serviços somente a alcoólicos, mas sim uma instituição que presta serviços à sociedade.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. São Paulo, Martins Fontes, 2000.

Alcoólicos Anônimos. <http://www.alcoolicosanonimos.org.br>.

ALMEIDA, Maria Suely Kofes et Alii. *Colcha de retalhos: estudos sobre família no Brasil*. São Paulo, Brasiliense, 1982.

ALVES, Rubem. *O enigma da religião*. São Paulo, 4ª Edição, Papyrus, 2002.

ARANTES, Antonio Augusto. *Pais, padrinhos e Espírito Santo: um reestudo do compadrio*. São Paulo, Brasiliense, 1982.

ARAÚJO, Vicente A. *Para compreender o alcoolismo: teoria e prática*. São Paulo, Edicon, 1986.

BERGER, Peter L. & LUCKMAN, Thomas. *A Construção social da realidade*. Petrópolis, Vozes, 2003.

BERGER, Peter, *O Doce Sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo, Paulinas, 1985.

BOHM, David. *A totalidade e a ordem implicada – Uma nova percepção da realidade*. São Paulo, Cultrix, 1992.

BOURDIEU, Pierre. *O Poder simbólico*. Lisboa, Bertrand Brasil/Difusão Editorial, 1989.

BRANDÃO, Helena H. Naganime. *Introdução à análise do discurso*. São Paulo, Ed. da UNICAMP, 1998.

BUBER, Martin. *Eu e Tu*. São Paulo, Centauro, 2001.

CAMPOS, Edemilson Antunes de. *Nosso remédio é a palavra: uma etnografia sobre o modelo terapêutico de Alcoólicos Anônimos*. Rio de Janeiro, Fiocruz, 2010.

CHALMERS, David J. *O Enigma da consciência, Scientific American Brasil*. São Paulo, Edição Especial Segredos da Mente, ano I, n. 4, p. 40-49, jun. 2004.

CHAUÍ, Marilena. *Brasil: Mito fundador e sociedade autoritária*. São Paulo, Fundação Perseu Abramo, 2000.

_____. *Convite à filosofia*. São Paulo, Ática, 2000.

CRAAB, Larry. *Atravessar problemas e encontrar a Deus*. São Paulo, Sepal, 1997.

CROATTO, José Severino. *As linguagens da experiência religiosa: uma introdução à fenomenologia da religião*. São Paulo, Paulinas, 2001.

COMTE-SPONVILLE, André. *Pequeno tratado das grandes virtudes*. São Paulo, Martins Fontes, 1997.

Dicionário Crítico de Análise Junguiana. <http://www.rubedo.psc.br/dicjung/verbetes/psianali.htm>.

Dicionário Jurídico - DireitoNet. <http://www.direitonet.com.br>.

Dicionário Online de Português. <http://www.dicio.com.br>.

DURAND, Gilbert. *O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem*. Rio de Janeiro, DIFEL, 2001.

DURKHEIM, Émile. *As Formas Elementares da Vida Religiosa*. São Paulo, Martins Fontes, 2000 .

Eliade, Mircea. *O Sagrado e o Profano*. Tradução de Rogério Fernandes, São Paulo, Martins Fontes, 1992.

ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1990.

_____. *O Processo Civilizador: formação do Estado e civilização*. Vol. 2, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1994.

Existe uma solução. Blog feito por membros de AA, com um único objetivo: transmitir a mensagem de AA ao alcoólico que ainda sofre. <http://www.existeumasolucao.com.br>.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 2ª ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 29ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

GARCIA, Ângela Maria. *E o verbo (re)fez o homem: estudo do processo de conversão do alcoólico ativo em alcoólico passivo*. Niterói, Intertexto, 2004.

GEERTZ Clifford. *Nova luz sobre a antropologia*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2001.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1975.

Grupos de Familiares AL-ANON do Brasil: “*Em todas as nossas atividades*”

_____ Tirando proveito das crises. 2ª ed. Os grupos. São Paulo, 2001.

_____ Os caminhos para a recuperação, passos tradições e conceitos do Al-Anon. Os grupos. São Paulo, 2002.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Fenomenologia do Espírito*. 2ª ed., Petrópolis, Vozes, 1992.

HERNANDEZ, Carlos José. *O lugar do sagrado na terapia*. Nascente, Cppc, 1986.

JAMES, William. *As variedades da experiência religiosa*. São Paulo, Cultrix, 1992.

JUNAAB – Junta de Serviços Gerais de Alcoólicos Anônimos do Brasil, *A.A. como Recurso para os Profissionais de Saúde*. São Paulo, 1994.

_____ *Alcoólicos Anônimos*, São Paulo, 2004.

_____ *Alcoólicos Anônimos Atinge a Maioridade*. São Paulo, 2004.

_____ *As Doze Tradições Ilustradas*. São Paulo, 1997.

_____ *Compartilhando a sobriedade*. São Paulo, 2003.

_____ *Conferências de Serviços Gerais de AA: Viver sóbrio*. São Paulo, 1977.

_____ *Despertar Espiritual: viagens do espírito das páginas de AA Grapevine*. Trad. Conchita Ferrero, São Paulo, 2011.

_____ *Manual do CTO*. São Paulo, 2003.

_____ *Os Doze Passos e as Doze Tradições*. São Paulo, 2013.

_____ *Os Doze Passos Ilustrados*. São Paulo, 1995.

_____ *Revista Vivência*. São Paulo, Edições: 134, ano 26, nº 61, novembro-dezembro/2011; 138, ano 27, nº 04, julho-agosto/2012; 141, ano 28, nº 01, janeiro-fevereiro/2013.

_____ *Vimos Acreditar...: a aventura espiritual de A. A. Tal como experimentada pelos membros*. São Paulo, 1996.

_____ *Viver Sóbrio*. São Paulo, 2004.

_____ *44 Perguntas*. São Paulo, 2003.

JUNG, Carl Gustav. *A natureza da psique*. Petrópolis, Vozes, 2000.

_____ *Memórias, sonhos, reflexões*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1975.

_____ *O desenvolvimento da personalidade*. 10ª Ed., Petrópolis, Vozes, 2008.

_____ *O eu e o inconsciente*. Petrópolis, Vozes, 1996.

_____ *O homem e seus símbolos*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1964.

_____ *Psicologia do inconsciente*. Petrópolis, Vozes, 1971.

_____ *Psicologia e religião*. Petrópolis, Vozes, 1978.

_____ *Sincronicidade: um princípio de conexões acausais*. Petrópolis, Vozes, 1984.

_____ *Tipos psicológicos*. Petrópolis, Vozes, 1991.

KANT, Immanuel. *Practical Philosophy*. Cambridge, Cambridge University Press, 1996.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2004.

LÉVI-STRAUSS, Claude. "A eficácia simbólica" *In Antropologia Estrutural*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1973.

_____ "A estrutura dos mitos" *In Antropologia Estrutural*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1975.

_____ "O Feiticeiro e sua magia" *In Antropologia Estrutural*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1973.

MACHADO, L. D. *Subjetividades contemporâneas*, in BARROS, M. E. B. (Org.). *Psicologia: questões contemporâneas*. Vitória, EDUFES, 1999.

MARIZ, Cecília L. *Embriagados no Espírito Santo: reflexões sobre a experiência pentecostal e o alcoolismo*, *In Antropolítica: revista contemporânea de Antropologia e Ciência Política*. Niterói: EdUFF, v. 2, n 15, 2 sem., 2003.

MASCARENHAS, Eduardo. *Alcoolismo, drogas e grupos anônimos de mútua ajuda*. São Paulo, Siciliano, 1990.

MAUSS, Marcel. *A prece, in Ensaios de Sociologia*. São Paulo, Perspectiva, 2001.

_____. *As técnicas do corpo, in Sociologia e Antropologia*. São Paulo, Cosac & Naify, 2003.

_____. *Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas, in Sociologia e Antropologia*. São Paulo, Cosac & Naify, 2003.

_____. *Uma categoria do espírito humano: a noção de pessoa, a de 'eu', in Sociologia e Antropologia*. São Paulo, Cosac & Naify, 2003.

Nossa Língua Portuguesa. <http://nossalinguaportuguesa.com.br>.

OLIVEIRA, Rosiane Gonçalves de. *Um novo alcoolista: cotidiano e identidade de membros de alcoólicos anônimos*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo - UFES, 1998.

OLIVEIRA, Vera L. *Alcoolismo: fenômeno do corpo, da alma e da cultura*. Dissertação de Mestrado em Antropologia Cultural, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010.

OTTO, Rudolf. *O sagrado: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional*. São Leopoldo/RS, Sinodal, 2007.

PADEN, William E. *Interpretando o sagrado: modos de conceber a religião*. São Paulo, Paulinas, 2001.

PEIRANO, Mariza. *Rituais ontem e hoje*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2003.

PESSOA, Adalberto Ricardo. *A quinta força – uma nova visão da alma humana*. São Paulo, DPL, 2003.

Portal Serenidade. <http://www.aa-areasp.org.br/portal/serenidade.html>.

Psicologia Analítica/Psicologia Sandplay. <http://www.psicologiasandplay.com.br/psicologia-analitica>.

RAMOS S. P. e Colaboradores. *Alcoolismo hoje*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1987.

RIZZUTO, Ana- Maria. *O nascimento do Deus vivo: um estudo psicanalítico*. São Leopoldo/RS, Sinodal, 2006.

SAHLINS, Marshall. *Cultura e razão prática*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2003.

SAMUELS, Andrew; SHORTER, Bani; PLAUT, Fred. *Dicionário crítico de análise junguiana*. Rio de Janeiro, Imago, 1998.

SANTOS, Marinéia do Socorro Carvalho dos. *Da Doença à cura carismática: implicações e transformações numa prática terapêutica religiosa*. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2002.

SEGALEN, Martine. *Ritos e rituais contemporâneos*. Rio de Janeiro, FGV, 2002.

Seminário dos Doze Passos de AA. <http://passeamensagem.wordpress.com/2013/04/14/seminario-dos-doze-passos-de-a-a>.

STEIN, Murray. *Jung: O Mapa da Alma*. São Paulo, Cultrix, 1998.

The Lasker Foundation - Awards. <http://www.laskerfoundation.org>

TILLICH, Paul. *A coragem de ser*. baseado nas Conferências Terry, pronunciadas na Yale University, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1972.

TILLICH, Paul. *Dinâmica da Fé*. São Leopoldo/RS, Sinodal, 1974.

TURNER, Vitor. *O Processo ritual: estrutura e anti-estrutura*. Rio de Janeiro, Vozes, 1974.

VAN GENNEP, Arnold. *Os Ritos de passagem*. Rio de Janeiro, Vozes, 1978.

VELHO, Gilberto. *Nobres & anjos: um estudo sobre tóxicos e hierarquia*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1998.

VELHO, Otávio. *O que a religião pode fazer pelas Ciências Sociais*, in *Religião & Sociedade*, Rio de Janeiro, v.19, n.1, jun./1998.

WERNECK, Vera Rudge. *O eu educado: uma teoria da educação fundamentada na fenomenologia*. Rio de Janeiro, Rio Fundo, 1991.

ANEXOS

Anexo 1 - Logomarca do AA





PREÂMBULO

ALCOÓLICOS ANÔNIMOS é uma irmandade de homens e mulheres que compartilham suas experiências, forças e esperanças, a fim de resolver seu problema comum e ajudar outros a se recuperarem do alcoolismo.

O único requisito para se tornar membro é o desejo de parar de beber. Para ser membro de A.A. não há necessidade de pagar taxas ou mensalidades; somos auto-suficientes, graças às nossas próprias contribuições.

A.A. não está ligada a nenhuma seita ou religião, nenhum partido político, nenhuma organização ou instituição; não deseja entrar em qualquer controvérsia; não apóia nem combate quaisquer causas.

Nosso propósito primordial é mantermo-nos sóbrios e ajudar outros alcoólicos a alcançarem a sobriedade.

OS DOZE PASSOS DE AA - ALCOÓLICOS ANÔNIMOS

1. Admitimos que éramos impotentes perante o álcool - que tínhamos perdido o domínio sobre nossas vidas.
2. Viemos a acreditar que um Poder Superior a nós mesmos poderia devolver-nos à sanidade.
3. Decidimos entregar nossa vontade e nossa vida aos cuidados de Deus, na forma em que O concebíamos.
4. Fizemos minucioso e destemido inventário moral de nós mesmos.
5. Admitimos perante Deus, perante nós mesmos e perante outro ser humano, a natureza exata de nossas falhas.
6. Prontificamo-nos inteiramente a deixar que Deus removesse todos esses defeitos de caráter.
7. Humildemente rogamos a Ele que nos livrasse de nossas imperfeições.
8. Fizemos uma relação de todas as pessoas a quem tínhamos prejudicado e nos dispusemos a reparar os danos a elas causados.
9. Fizemos reparações diretas dos danos causados a tais pessoas, sempre que possível, salvo quando fazê-las significasse prejudicá-las ou a outrem.
10. Continuamos fazendo o inventário pessoal e quando estávamos errados, nós o admitíamos prontamente.
11. Procuramos, através da prece e da meditação, melhorar nosso contato consciente com Deus, na forma em que O concebíamos, rogando apenas o conhecimento de Sua vontade em relação a nós, e forças para realizar essa vontade.
12. Tendo experimentado um despertar espiritual, graças a estes Passos, procuramos transmitir esta mensagem aos alcoólicos e praticar estes princípios em todas as nossas atividades.

Anexo 4 - As Doze Tradições de AA

AS DOZE TRADIÇÕES DE AA - ALCOÓLICOS ANÔNIMOS

1. Nosso bem-estar comum deve estar em primeiro lugar; a reabilitação individual depende da unidade de A.A.
2. Somente uma autoridade preside, em última análise, o nosso propósito comum - um Deus amantíssimo que Se manifesta em nossa consciência coletiva. Nossos líderes são apenas servidores de confiança; não têm poderes para governar.
3. Para ser membro de A.A., o único requisito é o desejo de parar de beber.
4. Cada Grupo deve ser autônomo, salvo em assuntos que digam respeito a outros Grupos ou a A.A. em seu conjunto.
5. Cada Grupo é animado de um único propósito primordial - o de transmitir sua mensagem ao alcoólico que ainda sofre.
6. Nenhum Grupo de A.A. deverá jamais sancionar, financiar ou emprestar o nome de A.A. a qualquer sociedade parecida ou empreendimento alheio à Irmandade, a fim de que problemas de dinheiro, propriedade e prestígio não nos afastem de nosso propósito primordial.
7. Todos os Grupos de A.A. deverão ser absolutamente auto-suficientes, rejeitando quaisquer doações de fora.
8. Alcoólicos Anônimos deverá manter-se sempre não-profissional, embora nossos centros de serviços possam contratar funcionários especializados.
9. A.A. jamais deverá organizar-se como tal; podemos, porém, criar juntas ou comitês de serviço diretamente responsáveis perante aqueles a quem prestam serviços.
10. Alcoólicos Anônimos não opina sobre questões alheias à Irmandade; portanto, o nome de A.A. jamais deverá aparecer em controvérsias públicas.
11. Nossas relações com o público baseiam-se na atração em vez da promoção; cabe-nos sempre preservar o anonimato pessoal na imprensa, no rádio e em filmes.
12. O anonimato é o alicerce espiritual das nossas Tradições, lembrando-nos sempre da necessidade de colocar os princípios acima das personalidades.

Anexo 5 - Os Doze Conceitos de AA

OS DOZE CONCEITOS PARA OS SERVIÇOS MUNDIAIS DE AA

1. A responsabilidade final e a autoridade suprema pelos serviços mundiais de AA deveriam sempre residir na consciência coletiva de toda a nossa irmandade.
2. Quando, em 1955, os grupos de AA confirmaram a permanente ata de constituição da sua Conferência de Serviços Gerais, eles automaticamente delegaram à Conferência completa autoridade para a manutenção ativa dos nossos serviços mundiais e assim tornaram a Conferência - com exceção de qualquer mudança nas Doze Tradições ou no Artigo 12 da Ata da Constituição da Conferência - a verdadeira voz e a consciência efetiva de toda a nossa Sociedade.
3. Como um meio tradicional de criar e manter uma relação de trabalho claramente definida entre os grupos, a Conferência, a Junta de Serviços Gerais de AA e as suas diversas corporações de serviço, quadros de funcionários, comitês e executivos, assim assegurando as suas lideranças efetivas, é aqui sugerido que dotemos cada um desses elementos dos serviços mundiais com um tradicional "Direito de Decisão".
4. Através da estrutura de nossa Conferência, deveríamos manter em todos os níveis de responsabilidade um tradicional "Direito de Participação", tomando cuidado para que a cada setor ou grupo de nossos servidores mundiais seja concedido um voto representativo em proporção correspondente à responsabilidade que cada um deve ter.
5. Através de nossa estrutura de serviços mundiais, deveria prevalecer um tradicional "Direito de Apelação", assim nos assegurando de que a opinião da minoria seja ouvida e de que as petições para a reparação de queixas pessoais sejam cuidadosamente consideradas.
6. Em benefício de AA como um todo, a nossa Conferência de Serviços Gerais tem a principal responsabilidade de manter os nossos serviços mundiais e, tradicionalmente, tem a decisão final nos grandes assuntos de finanças e de normas de procedimento em geral. Mas a Conferência também reconhece que a principal iniciativa e a responsabilidade ativa, na maioria desses assuntos, deveria ser exercida principalmente pelos custódios, membros da Conferência, quando eles atuam entre si como Junta de Serviços Gerais de Alcoólicos Anônimos.
7. A Conferência reconhece que a Ata de Constituição e os Estatutos da Junta de Serviços Gerais são instrumentos legais; que os custódios têm plenos poderes para administrar e

conduzir todos os assuntos dos serviços mundiais de Alcoólicos Anônimos. Além do mais é entendido que a Ata de Constituição da Conferência não é por si só um documento legal, mas pelo contrário, ela depende da força da tradição e do poder da bolsa de AA para efetivar sua finalidade.

8. Os custódios da Junta de Serviços Gerais atuam em duas atividades principais: (a) com relação aos amplos assuntos de normas de procedimentos e finanças em geral, eles são os principais planejadores e administradores. Eles e os seus principais comitês dirigem diretamente esses assuntos; (b) mas com relação aos nossos serviços, constantemente ativos e incorporados separadamente, a relação dos custódios é, principalmente, aquela de direito de propriedade total e de supervisão de custódia que exercem através da sua capacidade de eleger todos os diretores dessas entidades.

9. Bons líderes de serviço, bem como métodos sólidos e adequados para a sua escolha são, em todos os níveis, indispensáveis para o nosso funcionamento e segurança no futuro. A liderança principal dos serviços mundiais, antes exercida pelos fundadores de AA, deve, necessariamente, ser assumida pelos custódios da Junta de Serviços Gerais de Alcoólicos Anônimos.

10. Toda a responsabilidade final de serviço deveria corresponder a uma autoridade de serviço equivalente - a extensão de tal autoridade deve ser sempre bem definida, seja por tradição, por resolução, por descrição específica de função, ou por atas de constituição e estatutos adequados.

11. Enquanto os custódios tiverem a responsabilidade final pela administração dos serviços mundiais de AA; eles deverão ter sempre a melhor assistência possível dos comitês permanentes, diretores de serviços incorporados, executivos, quadros de funcionários e consultores. Portanto, a composição desses comitês subordinados e juntas de serviço, as qualificações pessoais dos seus membros, o modo como foram introduzidos dentro do serviço, os seus sistemas de revezamento, a maneira como eles são relacionados uns com os outros, os direitos e deveres especiais dos nossos executivos, quadros de funcionários e consultores, bem como uma base própria para a remuneração desses trabalhadores especiais, serão sempre assuntos para muita atenção e cuidado.

12. As Garantias Gerais da Conferência: em todos os seus procedimentos, a Conferência de Serviços Gerais observará o espírito das Tradições de AA, tomando muito cuidado para que a Conferência nunca se torne sede de riqueza ou poder perigosos; que suficientes fundos

para as operações mais uma ampla reserva sejam o seu prudente princípio financeiro; que nenhum dos membros da Conferência nunca seja colocado em posição de autoridade absoluta sobre qualquer um dos outros; que todas as decisões sejam tomadas através de discussão, votação e, sempre que possível, por substancial unanimidade; que nenhuma ação da Conferência seja jamais pessoalmente punitiva ou uma incitação à controvérsia pública; que, embora a Conferência preste serviço a Alcoólicos Anônimos, ela nunca desempenhe qualquer ato de governo e que, da mesma forma que a Sociedade de Alcoólicos Anônimos a que serve, a Conferência permaneça sempre democrática em pensamento e ação.

AS DOZE PROMESSAS



1. Se formos cuidadosos nesta fase de nosso desenvolvimento, ficaremos surpresos antes de chegar à metade do caminho.
2. Estamos a ponto de conhecer uma nova liberdade e uma nova felicidade.
3. Não lamentaremos o passado, nem nos recusaremos a enxergá-lo.
4. Compreenderemos o significado da palavra serenidade e conheceremos a paz.
5. Não importa até que ponto descemos, veremos como a nossa experiência pode ajudar outras pessoas.
6. Aquele sentimento de inutilidade e auto-piedade irá desaparecer.
7. Perderemos o interesse em coisas egoístas e passaremos a nos interessar pelos nossos semelhantes.
8. O egoísmo deixará de existir.
9. Todos os nossos pontos de vista e atitudes perante a vida irão se modificar.
10. O medo das pessoas e da insegurança econômica nos abandonará.
11. Saberemos, intuitivamente, como lidar com situações que costumavam nos desconcertar.
12. Perceberemos, de repente, que Deus está fazendo por nós o que não conseguimos fazer sozinho.

Serão estas promessas extravagantes?

Achamos que não. Estão sendo cumpridas entre nós-às vezes depressa, outras devagar.

Sempre se tornarão realidade se trabalharmos para isto.

Aqui se encontra um capítulo de vital importância na história dos inícios do A. A., primeiramente publicado na GRAPEVINE, em janeiro de 1963, sendo reeditado em janeiro de 1968 e em novembro de 1974.

CARTA DE BILL, W. Janeiro 23, 1961.

Meu Caro Dr. Jung,

Esta carta há muito lhe deveria ter sido enviada.

Devo primeiramente apresentar-me ao Senhor como Bill W. um dos co-fundadores das sociedades dos Alcoólicos Anônimos. Embora seja provável que o Sr. Já tenha ouvido falar de nós, com certeza ignora que uma conversa que manteve com um de seus pacientes, Mr. Rowland, nos idos de 1930, tornou-se uma das regras fundamentais da nossa Sociedade.

Embora Mr. Rowland tenha nos deixados há muito tempo, o registro de sua inesquecível experiência, enquanto sob os seus cuidados, passou definitivamente para a nossa história e é a que passo a lhe relatar: Tendo Mr. Rowland esgotado todos os recursos para livrar-se do alcoolismo, tornou-se em 1931 seu paciente, permanecendo em tratamento, se não me engano durante mais ou menos um ano; após este tempo deixou-o cheio de confiança e com a mais irrestrita admiração pelo Senhor. Contudo para a sua enorme consternação, retornou ao velho hábito.

Convencido de que o senhor era a sua "tábua de salvação", voltou ao tratamento. O relato do diálogo entre ambos veio a torna-se o primeiro elo de uma corrente de acontecimentos, que terminaram por induzir a fundação de nossa Sociedade.

A minha lembrança deste relato do encontro entre ambos é que se segue: primeiramente disse-lhe o Senhor francamente que não via esperanças para ele em novos tratamentos, fossem eles médicos ou psiquiátricos. Esta sua posição sincera e humilde foi, sem dúvida, a primeira pedra em que fundamentamos a nossa Sociedade.

Tal afirmação, vinda de quem ele tanto confiava e admirava produziu sobre ele o mais violento impacto.

Quando ele lhe perguntou se então não haveria para ele alguma esperança, o Senhor lhe respondeu que poderia haver sim e que esta seria a de tornar-se o sujeito de uma genuína experiência espiritual ou religiosa - em resumo, de uma autêntica conversão. Tal experiência poderia motivá-lo mais que outra qualquer, disse-lhe o Senhor. Mas preveniu-o de que conquanto tais experiências tivessem acontecido a alguns alcoólicos, elas eram comparativamente raras. E recomendou-lhe que se colocasse em uma atmosfera religiosa e que esperasse. Esta foi a substância do seu conselho.

Prontamente Mr. Rowland juntou-se ao Oxford Group, um movimento evangélico de grande sucesso na Europa, movimento este que lhe deve ter sido familiar.

Certamente o Senhor se lembrara da grande ênfase que davam aos princípios de autovigilância, da confissão, da reparação e da doação pessoal ao serviço dos outros. Eles também praticavam a meditação e a prece intensivamente. E foi nesta prática que Mr. Rowland encontrou a experiência de conversão, que o libertou, finalmente, da compulsão de beber.

Voltando à Nova York tornou-se membro ativo do Oxford Group, entidade então conduzida pelo Dr. Samuel Shoemaker. Dr. Shoemaker havia sido um dos fundadores daquele movimento e a sua poderosa personalidade era carregada de imensa sinceridade e convicção.

Neste tempo (1932-34) o O. G. já havia recuperado um número de alcoólicos e Rowland, sentindo que poderia identificar-se com aqueles sofredores lançou-se, ele mesmo, no auxílio de outros. Um desses eram um velho companheiro de colégio meu, chamado Edwin T. (Ebby). Ele havia sido tratado por outra instituição, mas Mr. H. e um outro ex-alcoólico do O. G. contataram-se com ele e convenceram a retornar à sobriedade.

Enquanto isto, eu percorria os caminhos do alcoolismo, tentando cura-me por mim mesmo. Felizmente, acabei sendo cliente do Dr. William D. Silkworth, que era maravilhosamente capaz de entender os problemas alcoólicos. E assim como o Sr. resgatou Rowland, assim também ele me resgatou do álcool.

Sua teoria era a de que o alcoolismo tinha dois componentes: por um lado uma obsessão que compelia o sofredor a beber, contra seu desejo e, por outro lado, uma espécie de dificuldade metabólica que ele chamava de alergia. A compulsão ao álcool garantia que o hábito de beber prosseguiria e a alergia fazia com que o sofredor entrasse em decadência, enlouquecesse ou morresse. Embora eu fosse um dos que havia julgado ser possível ajudar, acabou sendo obrigado a me confessar que já não via mais esperança para o meu caso. Eu deveria considerar o meu tratamento encerrado. Para mim isto foi uma bofetada. Assim como Rowland foi preparado pelo Senhor para a sua experiência de conversão, meu maravilhoso amigo também me preparou para semelhante experiência ao dar-me tal terrível veredicto.

Ouvindo falar sobre a minha recaída, meu amigo Edwin T. veio ver-me em minha casa, onde eu estava bebendo. Era novembro de 1934 e já fazia muito tempo que eu registrara meu amigo Edwin como um caso incurável. No entanto, ali estava ele, no mais evidente estado de sobriedade. Este estado de sobriedade certamente estava relacionado ao curto período em que ele esteve ligado ao Oxford Group e era naquele momento tão evidente, tão distinto de sua usual depressão que me foi tremendamente convincente. Por ser ele um irmão-sofredor comunicou-se comigo em tal profundidade que eu imediatamente senti que deveria buscar uma experiência igual a sua ou então morrer.

Voltei então aos cuidados do Dr. Silkworth; onde pude tornar-me novamente sóbrio, ganhando assim nova visão sobre a experiência da libertação do meu amigo e novo enfoque no caso de Howland H.

Livre mais uma vez do uso do álcool passei a me sentir terrivelmente deprimido, o que me pareceu ser devido a minha inabilidade de adquirir qualquer tipo de fé. Edwin T. visitou-me novamente nesse período, repetindo as mesmas fórmulas do tratamento do O. G. Quando ele me deixou, recaí na mais profunda depressão.

Desesperado, então gritei: - "Se existir um deus, que ele se mostre para mim". Imediatamente, uma iluminação de enorme impacto e dimensão envolveu-me, uma coisa extraordinária que tentei descrever no meu livro *Alcoholics Anonymous*, bem como em "A.A. Come of Age", textos básicos que lhe estou enviando agora.

Meu desligamento da obsessão pelo álcool foi imediato. Senti que me havia tornado um homem livre.

Logo em seguida a esta minha experiência recebi no hospital, das mãos de Edwin o livro de William James, "Varieties of Religious Experience", livro este que veio me conscientizar que a maior parte das experiências religiosas, as mais variadas têm um denominador comum que é o colapso do ego, a sua queda no maior desespero. O indivíduo tem que se encontrar em uma situação extrema, frente a um dilema insolúvel. No meu

caso esta situação, este dilema insolúvel nasceu da minha compulsão à bebida e um profundo sentimento de desespero mais ainda tomou conta de mim quando o meu amigo alcoólico comunicou-me o seu veredicto de incurável, dado a Rowland H.

Durante a minha experiência religiosa tive a inspiração de uma sociedade de alcoólicos em que cada um se identificasse com o outro e lhe transmitisse a sua experiência, em uma espécie de cadeia. Se cada sofredor tinha que dar a notícia do veredicto de incurável que a ciência médica conferia ao ingresso no tratamento, deveria também lhe colocar a possibilidade de uma abertura a uma experiência de transformação espiritual. Este conceito provou ter sido a base de posteriores conquistas dos alcoólicos anônimos. Isto fez com que as experiências da conversão, quase tão múltiplas quanto as citadas por W. James se tornassem disponíveis em larga escala.

Nossos associados somavam no último quarto de século o número de 300.000. Na América e através de todo o mundo eles chegam a formar 8.000 grupos de A. A. Assim sendo, nós do A. A. fomos extremamente beneficiados pelo Senhor, pelo Dr. Shoemaker do Oxford Group, por William James e pelo nosso amigo, o médico Dr. Silkworth.

Como vê o Senhor claramente agora, esta espantosa cadeia de acontecimentos realmente começou há muitos anos, na sala do seu consultório e foi desencadeada pela sua humildade e profunda percepção. Muitos elementos do A. A. são estudiosos de sua obra. O Senhor endereçou-se especialmente em sua direção devido a sua convicção de que o homem é mais que o intelecto, as emoções e dois dólares de medicamentos.

Os panfletos e outros materiais que lhe envio mostrar-lhe-ão o quanto a nossa sociedade vem crescendo, desenvolvendo o seu espírito de unidade e como ela vem estruturando as suas bases.

O Senhor gostará provavelmente de saber que além da experiência espiritual, muitos A. A. vêm ingressando em outras experiências psíquicas, com considerável força cumulativa.

Outros membros, depois de recuperados nos A. A. têm sido muito ajudados pelos seus assistentes e alguns são estudiosos do I Ching e do admirável prefácio que o senhor fez para este livro.

Esteja certo de que como ninguém mais o senhor ocupa destacada posição no afeto e na história de nossa sociedade.

Muito grato ao Senhor,

William G. W.

RESPOSTA DE JUNG. Janeiro 30, 1961.

Caro Sr. W.,

A sua carta foi-me realmente bem-vinda.

Não tive mais notícias de Rowland H. e muitas vezes desejei conhecer o seu destino.

O diálogo que mantivemos, ele e eu, e que ele muito fielmente lhe transmitiu teve um aspecto que ele mesmo desconheceu. A razão pela qual não pude dizer-lhe tudo foi que naquela época eu tinha que ser excessivamente cuidadoso com tudo o que dizia. Eu havia descoberto que estava sendo de todas as maneiras mal interpretado

Portanto, tive que ser muito cuidadoso ao conversar com Rowland H. Mas o que eu realmente concluí sobre o seu caso foi o resultado das minhas inúmeras experiências com casos semelhantes ao dele.

A sua fixação pelo álcool era o equivalente, em nível mais baixo, da sede espiritual do nosso ser pela totalidade, expressa em linguagem medieval, pela união com Deus. Como poderia alguém expor tal pensamento sem ser mal interpretado em nossos dias?

O único caminho correto e legítimo para tal experiência é que ela aconteça para você na realidade e ela só pode acontecer se você procurar um caminho que o leve a uma compreensão mais alta. E você poderá ser conduzido a esta meta pela ação da graça, pela convivência pessoal honesta com os amigos ou através de uma educação mais alta da mente, para além dos limites do mero racionalismo. Vi pela sua carta que Rowland H. escolheu a segunda opção que, nas suas circunstâncias era, sem dúvida, a melhor.

Estou firmemente convencido de que o princípio do mal prevalecente no mundo conduz as necessidades espirituais, quando negadas à perdição, se ele não for contrabalançado por uma experiência religiosa ou pelas barreiras protetoras da comunidade humana. Um homem comum desligado dos planos superiores, isolado de sua comunidade, não pode resistir aos poderes do mal, muito propriamente chamados de demônio. Mas o uso de tais palavras nos leva a tais enganos que temos que nos manter afastados delas, tanto quanto possível.

Eis as razões porque não pude dar a Rowland H. plena e suficiente explicação. Estou arriscando-me a dá-las a você por ter concluído pela sua carta decente e honesta, que você já adquiriu uma visão superior do problema do alcoolismo, bem acima dos lugares comuns que, via de regra, se ouvem sobre ele.

Veja você, "álcool" em latim significa "espírito", e você, no entanto, usa a mesma palavra tanto para designar a mais alta experiência religiosa como para designar o mais depravador dos venenos. A receita então é "spiritus" contra "spiritum".

Agradecemos você novamente por sua amável carta, eu me reafirmo.

Seu sinceramente,

C. G. Jung.

Anexo 9 - As 12 Perguntas de Identificação do Alcoolismo

VOCÊ DEVE PROCURAR O A.A.?

Somente você poderá determinar se o programa de A.A. - a maneira de viver de A.A. - tem algum sentido para você e pode ajudá-lo. É uma decisão que você terá de tomar por sua própria conta. Ninguém em A.A. poderá fazê-lo por você.

Nós, que hoje somos membros, ingressamos em A.A. porque reconhecemos que a bebida havia se convertido em um problema que não podíamos controlar sozinhos. A princípio muitos de nós não queríamos admitir que não conseguíamos mais beber normalmente. Porém, quando membros veteranos de A.A. nos contaram que, para eles, o alcoolismo era uma doença que, como a diabete podia ser detida, começamos a procurar em nós mesmos os sintomas dessa enfermidade.

Encaramos os fatos referentes a esta doença em particular, da mesma forma com que enfrentaríamos qualquer outro problema sério de saúde. Demos respostas honestas às perguntas realistas sobre nossa maneira de beber e seus efeitos na nossa vida cotidiana.

Eis algumas das perguntas que tivemos de responder. Sabemos por experiência própria que qualquer pessoa que responder **SIM** a QUATRO ou mais destas doze perguntas, tem claras tendências para o alcoolismo (e poderá já ser um alcoólico).

Por quê não tentar, você mesmo, responder a estas perguntas? Lembre-se que não há desonra em admitir que você tem um problema de saúde. Se existe realmente um problema, o importante é solucioná-lo.

1. Já tentou parar de beber por uma semana (ou mais), sem conseguir atingir seu objetivo?

Muitos de nós "largamos a bebida" muitas vezes antes de procurar A.A. Fizemos sérias promessas aos nossos familiares e empregadores. Fizemos juramentos solenes. Nada funcionou até que ingressamos em A.A. Agora não lutamos mais. Não prometemos nada a ninguém, nem a nós mesmos. Simplesmente esforçamo-nos para não tomar o primeiro gole hoje. Mantemo-nos sóbrios um dia de cada vez.

2. Ressente-se com os conselhos dos outros que tentam fazê-lo parar de beber?

Muitas pessoas tentam ajudar bebedores-problema. Porém, a maioria dos alcoólicos resente-se com os "bons conselhos" que lhes dão. (A.A. não impõe esse tipo de conselho a ninguém. Mas,

se solicitados, contaríamos nossa experiência e daríamos algumas sugestões práticas sobre como viver sem o álcool.)

3. Já tentou controlar sua tendência de beber demais, trocando uma bebida alcoólica por outra?

Sempre procurávamos uma fórmula "salvadora" de beber. Passamos das bebidas destiladas para o vinho e a cerveja. Ou confiamos na água para "diluir" a bebida. Ou, então, tomamos nossos goles sem misturá-los. Tentamos ainda beber somente em determinadas horas. Porém, seja qual for a fórmula adotada, invariavelmente acabamos embriagados.

4. Tomou algum trago pela manhã nos últimos doze meses?

A maioria de nós está convencida (por experiência própria) de que a resposta a esta pergunta fornece uma chave quase infalível sobre se uma pessoa está ou não a caminho do alcoolismo, ou já se encontra no limite da "normalidade" no beber.

5. Inveja as pessoas que podem beber sem criar problemas?

É óbvio que milhões de pessoas podem beber (às vezes muito) em seus contatos sociais sem causar danos sérios a si mesmos, ou a outros. Você parou alguma vez para perguntar-se por que, no seu caso, o álcool é, tão freqüentemente, um convite ao desastre?

6. Seu problema de bebida vem se tornando cada vez mais sério nos últimos doze meses?

Todos os fatos médicos conhecidos indicam que o alcoolismo é uma doença progressiva. Uma vez que a pessoa perde o controle da bebida, o problema torna-se pior, nunca desaparece. O alcoólico só tem, no fim, duas alternativas: (1) beber até morrer ou ser internado num manicômio, ou (2) afastar-se do álcool em todas as suas formas. A escolha é simples.

7. A bebida já criou problemas no seu lar?

Muitos de nós dizíamos que bebíamos por causa das situações desagradáveis no lar. Raramente nos ocorria que problemas deste tipo são agravados, em vez de resolvidos, pelo nosso descontrole no beber.

8. Nas reuniões sociais onde as bebidas são limitadas, você tenta conseguir doses extras?

Quando tínhamos de participar de reuniões deste tipo, ou nos "fortificávamos" antes de chegar, ou conseguíamos geralmente ir além da parte que nos cabia. E, freqüentemente, continuávamos a beber depois.

9. Apesar de prova em contrário, você continua afirmando que bebe quando quer e pára quando quer?

Iludir a si mesmo parece ser próprio do bebedor problema. A maioria de nós que hoje nos encontramos em A.A., tentou parar de beber repetidas vezes sem ajuda de fora. Mas não conseguimos.

10. Faltou ao serviço, durante os últimos doze meses, por causa da bebida?

Quando bebíamos e perdíamos dias de trabalho na fábrica ou no escritório, freqüentemente procurávamos justificar nossa "doença". Apelamos para vários males para desculpar nossas ausências. Na verdade, enganávamos somente a nós mesmos.

11. Já experimentou alguma vez 'apagamento' durante uma bebedeira?

Os chamados "apagamentos" (em que continuamos funcionando sem contudo poder lembrar mais tarde do que aconteceu) parecem ser um denominador comum nos casos de muitos de nós que hoje admitimos ser alcoólicos. Agora sabemos muito bem quais os problemas que tivemos nesse estado "apagado" e irresponsável.

12. Já pensou alguma vez que poderia aproveitar muito mais a vida, se não bebesse?

A.A., em si, não pode resolver todos os seus problemas. No que se refere, porém, ao alcoolismo, podemos mostrar-lhe como viver sem os "apagamentos", as ressacas, o remorso ou o desconsolo que acompanham as bebedeiras desenfreadas. Uma vez alcoólico, sempre alcoólico. Portanto, nós em A.A. evitamos o "primeiro gole". Quando se faz isto, a vida se torna mais simples, mais promissora e muitíssimo mais feliz.

Qual foi a contagem?

Respondeu SIM **quatro vezes ou mais**? Em caso positivo, é provável que você tenha um problema sério de bebida, ou poderá tê-lo no futuro. Por que dizemos isto? Somente porque a

experiência de milhares de alcoólicos recuperados nos ensinou algumas verdades básicas a respeito dos sintomas do alcoolismo - e de nós mesmos.

Você é a única pessoa que poderá dizer, com certeza, se deve ou não procurar o A.A. Se a resposta for SIM, teremos satisfação em mostrar-lhe como conseguimos parar de beber. Se ainda não puder admitir que você tem um problema de bebida, não faz mal.

Apenas sugerimos que você encare sempre a questão com mentalidade aberta. Se algum dia precisar de ajuda, teremos satisfação em recebê-lo em nossa Irmandade.

Anexo 8 - O Histórico das Fichas

A pessoa recebe sua primeira ficha com um mês de participação no grupo. Depois recebe a ficha de três meses, seis meses, nove meses, um ano, dois anos, e assim por diante, anualmente, até o décimo ano de participação nos grupos. Depois recebe a ficha de quinze anos, vinte anos e, decorrido este período, receberá fichas a cada dez anos. Cada ficha possui uma cor específica, conforme quadro abaixo:

Tempo de Sobriedade	Cor da Ficha	Tempo de Sobriedade	Cor da Ficha
Ingresso	Amarela	6 anos	Madrepérola amarelo-claro
3 meses	Azul	7 anos	Madrepérola azul-claro
6 meses	Rosa	8 anos	Amarelo ouro
9 meses	Laranja	9 anos	Madrepérola laranja
1 ano	Verde	10 anos	Madrepérola ouro-velho
2 anos	Madrepérola verde	15 anos	Madrepérola azul-marinho
3 anos	Madrepérola marrom	20 anos	Madrepérola lilás
4 anos	Madrepérola tomate	25 anos	Madrepérola rosa violeta
5 anos	Madrepérola branca	30 anos	Dupla azul e branca

A “troca de ficha”, logo nos primórdios do AA era feita com a entrega de uma ficha usada por um companheiro mais antigo, durante um determinado tempo, para alguém mais novo e recebia de outro companheiro a ficha que este havia usado. Estas fichas levavam com elas a vontade, a força, as conquistas e o desejo de sucesso de quem as devolvia a quem as recebia. Por outro lado, no caso de uma infortunada recaída, devia o companheiro, sigilosamente, acompanhado de seu padrinho ou madrinha, ou alguém de sua absoluta confiança, literalmente "quebrar a ficha" que lhe acompanhava, evitando o prosseguimento de seu ciclo negativo. Vale dizer que o ato da entrega de fichas, sua frequência e a forma de fazê-lo, ou não, é um prerrogativa de cada Grupo adotada conforme sua consciência coletiva. Ainda assim, a aceitação ou recusa da ficha é de livre vontade de cada membro. É consenso que as fichas celebram o tempo de abstinência continuada "sem recaída". Como ninguém pode ser fiscalizado, este tempo se baseia numa afirmação moral de cada membro. O tempo de irmandade é contado desde quando o membro manifestou seu desejo de nela ingressar, não existindo infração, penalização, punição nem expulsão. Não existe reingresso na Irmandade, mas sim, retomada do tempo de abstinência a partir de uma eventual recaída.